

Memórias e Itinerários formativos da/na formação de professores na Amazônia

Volume 3

**Ruhena Kelber Abrão
José Damião Trindade Rocha
Jocyléia Santana dos Santos
(Org.)**

Memórias e Itinerários formativos da/na formação de professores na Amazônia

Volume 3

**Ruhena Kelber Abrão
José Damião Trindade Rocha
Jocyléia Santana dos Santos
(Org.)**

RUHENA KELBER ABRÃO
JOSÉ DAMIÃO TRINDADE ROCHA
JOCYLÉIA SANTANA DOS SANTOS
(ORGANIZADORES)

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS
FORMATIVOS DA/NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES
NA AMAZÔNIA
(Volume 3)

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA
AMAZÔNIA
(volume 3)

RUHENA KELBER ABRÃO
JOSÉ DAMIÃO TRINDADE ROCHA
JOCYLÉIA SANTANA DOS SANTOS
(ORGANIZADORES)

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS
FORMATIVOS DA/NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES
NA AMAZÔNIA
(Volume 3)

1ª Edição
Volume 3
2024

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor
Luís Eduardo Bovolato

Vice-reitora
Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e
Finanças (PROAD)
Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e
Planejamento
(PROAP)
Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
(PROEST)
Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e
Assuntos Comunitários (PROEX)
Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e
Desenvolvimento de Pessoas
(PROGEDEP)
Michelle Matilde Semiguen Lima
Trombini Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)
Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e
Pós-Graduação (PROPESQ)
Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e
Comunicação (PROTIC)
Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial
Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abecbrasil.org.br>



<http://www.abeu.org.br>

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA
AMAZÔNIA
(volume 3)

Capa: Ruhena Kelber Abrão

Diagramação: Ana Luiza Lopes Costa

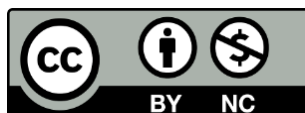
Revisão Linguística: Flávio Gomes

Revisão Técnica: Maurício Aires Vieira

Ficha catalográfica

Copyright © 2024 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas Avenida NS 15,
Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Bloco IV, Reitoria Palmas/TO |
77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins (SISBIB)

I58 Memórias e Itinerários formativos da/ na formação de professores na Amazônia (volume 3). /
Ruhena Kelber Abrão, José Damião Trindade Rocha, Jocyléia Santana dos Santos. – Palmas,
TO: EDUFT, 2024.
164p.

ISBN: 978-65-5390-103-2.

1. Memorial. 2. Educação. 3. Amazônia. I. Abrão, Ruhena Kelber. II. Rocha, José Damião
Trindade. III. Dos Santos, Jocyléia Santana. IV. Título.

CDD 371.3

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por
qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.**

Capítulo 1	14
Semeador do futuro Fábio Pereira Vaz	
Capítulo 2	30
A trajetória de uma professora em construção Luzani Cardoso Barros	
Capítulo 3	43
Oh, destino certo, que te escondes na neblina Sandra Franklin Rocha Viana Spies	
Capítulo 4	52
Histórias de quem ensina no Norte do Brasil: Memórias de formação docente da e na Amazônia Nádia Flausino Vieira Borges Jocyleia Santana dos Santos	
Capítulo 5	61
Memórias, poesia e o processo de um casulo no caminhar docente Bianca Alencar Nogueira	
Capítulo 6	72
Descortinando os caminhos percorridos na minha trajetória formativa e profissional: que imagem você vê? Aragoneide Martins Barros	
Capítulo 7	89
O caminhar filosófico e o processo formativo Eduardo Ribeiro Gonçalves	
Capítulo 8	103
Memorial de formação: aprendizagens reflexivas para uma prática docente construtiva Alessandra Nunes Escobar Oliveira	
Capítulo 9	114
Trilhando caminhos de transformação: gestão, liderança e inovação na Educação Adriana da Costa Pereira Aguiar	
Capítulo 10	126

Conectando Saberes: a Construção da Identidade Acadêmica
Stéphany Moraes Martins

Capítulo 11 134

Reminiscências formativas
Maria Socorro da Silva

Capítulo 12 143

Memorial acadêmico como possibilidade de escuta intrapessoal e
relançamentos conceituais
Tatiana Costa Martins

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

SOBRE OS ORGANIZADORES 157

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES 159

EPÍGRAFE

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”.

Paulo Freire

APRESENTAÇÃO

A formação de professores na Amazônia apresenta desafios únicos e exige abordagens profundamente enraizadas nas realidades específicas dessa região tão diversa e complexa, quanto a região Norte. A Amazônia não é apenas uma das maiores reservas naturais do planeta; é também um território culturalmente rico, etnicamente plural e linguisticamente diverso, que se estende por vários países da América do Sul, com grande destaque para o Brasil. Essa amplitude geográfica e diversidade social implicam a necessidade de uma formação docente que vá além dos modelos tradicionais, considerando as particularidades históricas, ambientais, sociais e culturais que marcam a vida na floresta.

As dificuldades enfrentadas na região vão desde questões ambientais urgentes, como o desmatamento e a degradação dos ecossistemas, em especial, o cerrado, até problemas socioeconômicos estruturais, como a urbanização desordenada, a precariedade na oferta de serviços públicos essenciais e a carência de infraestrutura adequada em muitas localidades. Esses fatores impactam diretamente o cotidiano escolar e os processos de ensino-aprendizagem, exigindo dos profissionais da educação uma atuação sensível, comprometida e criativa.

É nesse contexto que nasce a obra *"Memórias e Itinerários formativos da/na formação de professores na Amazônia"*, um convite para mergulhar nas vivências, reflexões e trajetórias de professores e professoras que se dedicaram à construção do conhecimento em meio aos desafios e encantos da região amazônica. Esta coletânea é composta por relatos pessoais, histórias de vida e lições aprendidas ao longo de anos — muitas vezes décadas — de atuação educacional.

Todos os autores e autoras que compõem esta obra foram estudantes da disciplina de Formação Inicial e Continuada de Professores, oferecida no âmbito do curso de Doutorado em Educação na Amazônia, um programa em Rede, que, de forma coletiva, na região Norte, possibilita a inserção de

futuros novos doutores. Seus textos, nesta obra, refletem os caminhos trilhados desde os primeiros passos em sala de aula até os enfrentamentos de contextos adversos, as conquistas pedagógicas e o impacto profundo que a educação exerce na transformação social.

Ao compartilhar suas memórias e itinerários formativos, esses educadores e educadoras não apenas documentam suas experiências, mas, também, constroem pontes para o diálogo sobre uma formação docente mais humana, contextualizada e integradora. São narrativas que revelam a potência do trabalho coletivo, a resiliência frente às adversidades e a importância de uma escuta atenta às vozes locais.

Assim, entendemos que formar professores na Amazônia é, antes de tudo, reconhecer e valorizar a riqueza cultural e ambiental da região, respeitando seus saberes ancestrais, suas lutas históricas e os múltiplos modos de vida que nela coexistem. É promover uma educação de qualidade que seja, ao mesmo tempo, inclusiva, intercultural e comprometida com a justiça social e ambiental. É construir, a cada dia, uma pedagogia que faça sentido para as comunidades amazônicas e que contribua para um futuro mais justo, solidário e sustentável.

Prof. Dr. Kelber Abrão

PREFÁCIO

É com grande honra e emoção que me aventuro a escrever este prefácio para o livro "Memórias e Itinerários formativos da/na formação de professores na Amazônia, volume 1". Desde o momento em que tive o privilégio de folhear suas páginas, fui cativado por uma jornada emocionante e inspiradora por meio da vida de diversos educadores dedicados.

Ao mergulhar nas páginas deste livro, fui transportado para um mundo de experiências, reflexões e aprendizados que transcendem as paredes da sala de aula e ecoam no âmago da alma humana. Este não é apenas um relato de várias carreiras, mas uma celebração da profissão docente e do poder transformador da educação.

Por meio das histórias e memórias compartilhadas neste livro, somos levados a testemunhar os altos e baixos, os desafios e triunfos, as alegrias e dores de um educador ao longo de sua jornada. É uma jornada marcada por momentos de ensinamento e aprendizado mútuos, de conexões profundas e de impacto duradouro.

Em cada página, os autores nos lembram da importância vital do trabalho dos educadores e da influência indelével que têm sobre as vidas de seus alunos. Desde os momentos de incerteza e dúvida até os momentos de realização e gratificação, somos lembrados do compromisso inabalável dos professores em fazer a diferença, mesmo quando os desafios parecem insuperáveis.

Este livro não é apenas uma homenagem aos educadores em todos os lugares, mas também um convite à reflexão e inspiração para todos aqueles que têm o privilégio de servir na nobre profissão do ensino. É um lembrete de que, apesar dos obstáculos e adversidades, o poder da educação é verdadeiramente ilimitado e capaz de transformar vidas e moldar o futuro.

Que as palavras contidas nestas páginas sirvam como uma fonte de encorajamento, motivação e renovação para todos aqueles que compartilham a missão de educar. Que a coleção "Memórias e Itinerários formativos da/na formação de professores na Amazônia" seja uma luz brilhante em um mundo de possibilidades, inspirando-nos a continuar nossa própria jornada de aprendizado e crescimento, hoje e sempre.

Profa. Dr. Neila Osório Barbosa

Capítulo 1

Semeador do futuro

Fábio Pereira Vaz

Sou filho do meio, de um motorista que se casou com uma dona de casa. Em 1975, meu pai deixou a profissão de motorista e tornou-se sócio de dois engenheiros na fazenda Ribeirãozinho. Como investiu uma pequena quantia, mudou-se para administrá-la no distrito de Paranã, que futuramente se tornaria o município de Palmeirópolis.

Nasci em 1978, em Goiânia, e regressei à fazenda, onde morei por três anos. Em 1981, meus pais fixaram residência em Palmeirópolis. Nessa época, eu ainda não falava, o que causava grande preocupação à minha mãe. Na esperança de que eu comesse a falar logo, ela chegou a me dar água de chocolate, e, felizmente, minha fala se desenvolveu um pouco mais tarde.

Ao mudarmos para a cidade, minha mãe foi convidada a lecionar no ensino primário, mesmo tendo cursado apenas o ginásio. Posteriormente, fez o magistério e tomou gosto pela profissão. Foi então que percebeu o significado da frase: **"Ensinar é um exercício de imortalidade"**. Compreendeu que, de certa forma, continuaria a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de suas palavras. Assim, sendo professora, jamais morreria[1].

Tive uma infância muito boa e feliz. Cresci em Palmeirópolis e, durante as férias, íamos passear em Goiânia para reencontrar nossos familiares.

Lembrei-me da primeira estrofe da *Canção da Criança*[2]:

*"Criança feliz, que vive a cantar,
Alegre a embalar seu sonho infantil.
Ô, meu bom Jesus, que a todos conduz,
Olhai as crianças do nosso Brasil."*

Com essa lembrança, veio outra: várias crianças brincando de pique-esconde, queimada, amarelinha e roda. Eram muitas brincadeiras! Sentia-me amado por meus pais, irmãos e amigos. Não me preocupava com nada, além de brincar e aprender.

Do primário ao 2º grau

Estudei na Escola Estadual de Palmeirópolis até a 4ª série do ensino primário. Em 1988, aos 10 anos, mudei-me para Goiânia para cursar a 5ª série no Colégio Objetivo. No ano seguinte, ingressei no Ateneu Dom Bosco para cursar a 6ª série, ambas instituições particulares. Lembro-me de que tive muita dificuldade emocional para me adaptar à nova moradia, longe dos meus pais. Afinal, eu ainda era uma criança e sentia muita saudade de casa. Diante disso, acabei regressando para Palmeirópolis, onde cursei a 8ª série e permaneci por um ano.

Em 1993, voltei para Goiânia para cursar o ensino médio no Anglo de Campinas. Já o 3º ano fiz no Colégio Acadêmico, que tinha um enfoque maior no vestibular. Na época, queria cursar Farmácia, embora não soubesse exatamente o motivo dessa escolha. Talvez tenha sido influenciado por uma prima que já estava na faculdade.

O ano de 1995 foi particularmente difícil, principalmente por conta do divórcio dos meus pais. Além disso, lembro-me de um episódio traumático ocorrido na véspera do vestibular. Era um sábado à noite e, por volta das 19 horas, saí de moto para lanchar quando fui assaltado à mão armada. Essa experiência dolorosa afetou meu emocional e, conseqüentemente, meu desempenho na prova.

Vida adulta: um futuro incerto com letras certas

Então, retornei a Palmeirópolis, desta vez com o ensino médio concluído. Era 1996, e meu pai estava em seu último ano de gestão[3]. Fui trabalhar na prefeitura como chefe de gabinete, minha primeira experiência na gestão

pública. Naquele ano, fiquei sem estudar e, ao final dele, prestei vestibular para Direito na Unirg, em Gurupi, e na Unitins, em Palmas.

Em 1997, mudei-me para Palmas e fiz cursinho no Objetivo. Em julho, fui aprovado no vestibular para Letras na Ulbra. Foi um período difícil, pois ainda estava desempregado. Em 1998, comecei a trabalhar[4] no IBGE durante o dia e estudava à noite. Minha mãe pagava a faculdade, e meu pai arcava com minhas despesas, então meu dinheiro ficava para gastos pessoais.

No ano 2000, meu pai se candidatou novamente. Diante disso, tranquei a faculdade, deixei o IBGE[5] e voltei para Palmeirópolis para auxiliá-lo no processo eleitoral. Dessa vez, porém, perdemos a eleição[6]. Assim, em 2001, retornei a Palmas e voltei a cursar Letras. Logo surgiu uma nova oportunidade de emprego: elaborei um projeto de contação de histórias para ser desenvolvido em uma escola pública e passei a ser bolsista da Seduc. Esse recurso me ajudou a custear os estudos.

No final de 2001, prestei concurso para a Guarda Metropolitana de Palmas e fui aprovado. No primeiro semestre de 2002, frequentei a academia da guarda durante o dia e estudava à noite. No segundo semestre, passei a trabalhar diretamente com o comandante-geral, auxiliando-o no quartel. Concluí a faculdade em 2002.

Perto da árvore: educar é um ato político

Há um ditado que diz que “a fruta não cai longe da árvore”, ou seja, os filhos costumam se assemelhar aos pais. Em 2003, regressei a Palmeirópolis, agora formado. Consegui um contrato na Escola Estadual de Palmeirópolis e passei a ser colega de trabalho da minha mãe. Lecionava nos três turnos: durante o dia, para os alunos do ensino fundamental II, e à noite, para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desde o início da minha trajetória na educação, e parafraseando o teórico José Carlos Libâneo, eu já sabia que não se pratica educação de forma solitária, pois isso a tornaria enfadonha e complexa. Educar é um dever coletivo. Cada pessoa contribui dentro de sua área de competência, e a soma desses esforços resulta na aprendizagem real. Por isso, sempre busquei envolver meus colegas professores e os familiares dos alunos nas atividades que desenvolvia como docente.

Em 2004, meu pai se candidatou ao cargo de vice-prefeito e, motivado pelo ambiente político em casa, decidi disputar uma vaga no Legislativo Municipal, concorrendo ao cargo de vereador. Essa foi minha primeira experiência na política como candidato, impulsionada pela vontade de promover mudanças e buscar alternativas para melhorar a realidade do município e a qualidade de vida das famílias palmeiropolenses. Com uma educadora e um político em casa, logo compreendi que educação e política podem dialogar com perspectivas transformadoras.

Conforme o conceito de "esperançar", de Paulo Freire[7], a esperança não floresce na apatia, mas no movimento. Não se trata de esperar passivamente, mas de agir em busca da mudança. Segundo ele, não podemos desistir da esperança, pois ela é inerente ao ser humano:

"É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperançar. Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. 'Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva'. Já esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperançar", ensina o mestre.

Meu contato próximo e harmonioso com os alunos contribuiu para minha candidatura. Além disso, minha mãe desenvolvia um excelente trabalho na Secretaria de Assistência Social, o que fortaleceu minha rede de apoio. Como resultado, fui eleito o vereador mais jovem e com a maior votação da história de Palmeirópolis.

Em 2005, continuei lecionando na escola, sempre atento aos meus alunos. Quando algum deles faltava, logo procurava conversar com a família e até buscá-los nos fliperamas da cidade. Ser professor, contar histórias, promover rodas de leitura, sair da sala de aula e ir para o pátio tornavam o ensino mais dinâmico e envolvente para mim e para os estudantes.

Ainda em 2005, conciliei três funções: vereador, professor e administrador de uma mineradora pertencente à minha família. No mesmo ano, casei-me. Em 2006, vendemos a mineradora, e passei a focar nos projetos políticos. Em 2008, fui reeleito vereador, novamente sendo o mais votado.

No início de 2009, recebi um convite do secretário de Estado da Juventude para assumir a coordenação geral do **Projovem Trabalhador**[8], considerado o maior programa de aprendizagem do Tocantins, com foco em tecnologia, alta performance e impacto social para jovens em situação de vulnerabilidade. Aceitei o desafio, mas precisei me licenciar do mandato de vereador, uma decisão difícil, porém necessária. Minha vontade de enfrentar novos desafios falou mais alto, e não me arrependo. Foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida.

Percorri lugares do Tocantins que nunca havia visitado antes, desde a região do Bico do Papagaio até o Sudeste do estado, conhecendo realidades diversas, histórias inspiradoras e, principalmente, tendo a missão de impulsionar a juventude para o mercado de trabalho e um futuro promissor.

Foi um período de intenso aprendizado, que ampliou minha visão socioeconômica e cultural sobre as famílias e municípios tocantinenses.

Em 2009, com a abertura do concurso público para professor da Secretaria de Educação do Tocantins, vi ali uma oportunidade de efetivar minha carreira na área da educação. Foi uma escolha acertada, e, em 2010, fui aprovado e nomeado professor do quadro efetivo da Secretaria da Educação.

Retornei a Palmeirópolis e reassumi o mandato de vereador. A efetivação no concurso trouxe uma nova perspectiva para minha trajetória profissional. Contudo, a atuação apenas em sala de aula não foi suficiente para atender minha necessidade de ampliar o repertório como educador. Para compreender melhor o funcionamento da estrutura escolar além da docência, passei a assumir outras funções administrativas, como coordenador financeiro, coordenador de apoio e secretário escolar.

Esse período foi fundamental para meu entendimento sobre a gestão escolar. Compreendi que, para uma escola funcionar de maneira organizada, não basta limitar-se a uma única função. O educador é um gestor do ensino-aprendizagem, e sua responsabilidade vai além da sala de aula. A qualidade da educação depende de um trabalho coletivo, que envolve toda a comunidade escolar.

Para além dos muros da escola, uma cidade

Uma nova eleição municipal se aproximava. Mais uma vez, a teoria de que “a fruta não cai longe da árvore” se fazia presente. O exemplo estava dentro de casa: meu pai havia desempenhado uma atuação extensa e ativa no Executivo. Não demorou para que a vontade de dar um passo adiante na minha trajetória pública falasse mais alto. Os planos para implementar mudanças e inovar na execução de projetos que melhorassem a qualidade de vida da população de Palmeirópolis finalmente chegavam ao seu momento.

Em 2012, com o apoio de um pequeno grupo de jovens, lancei minha candidatura a prefeito de Palmeirópolis. Os ideais da juventude e o desejo de fazer a diferença ressoavam dentro de mim. Naquele momento, para aquele grupo de jovens, minha experiência fazia sentido. As circunstâncias me instigaram e me motivaram a enfrentar um sistema político consolidado.

Costumo dizer que, naquela eleição, os cidadãos de Palmeirópolis presenciaram um embate digno de **Davi e Golias**. Éramos um grupo pequeno, sem financiamento e sem o apoio das grandes lideranças políticas. Éramos praticamente anônimos nos aventurando na política. No entanto, o entusiasmo e a força de vontade nos impediam de desanimar. Estávamos

dispostos a lutar com as ferramentas e estratégias que tínhamos à disposição.

Dentro do nosso grupo, eu era o mais experiente profissionalmente. Enquanto nossos oponentes contavam com a máquina pública a favor, além do apoio de ex-prefeitos e de nomes influentes no cenário político, nossa campanha se baseava em ideias e no engajamento espontâneo das pessoas. Para eles, aquela parecia uma eleição fácil de vencer.

Foi uma campanha eletrizante, que contagiou crianças e jovens, pois nasceu de um movimento genuíno. Até hoje, essa é a eleição que mais me traz saudade! Elaborar estratégias dentro das nossas possibilidades foi uma verdadeira aula de planejamento, criatividade e tecnologia. Aos poucos, começamos a conquistar os eleitores, convencendo amigos e familiares. Mas o grande diferencial – o nosso trunfo inesperado – foi o engajamento das crianças.

Em muitos casos, os pais não apoiavam nossa candidatura, mas permitiam que seus filhos participassem das atividades da campanha. Foi essa conexão com as crianças que impulsionou um dos momentos mais marcantes do período eleitoral: **a grande pedalada**.

Realizamos a primeira pedalada política da história de Palmeirópolis. Foi algo incrível – eu nunca tinha visto tantas bicicletas juntas! Era um verdadeiro **mar de gente**: crianças, jovens e adultos pedalando pelas ruas. Pessoas que não tinham carro nem moto, mas que possuíam uma bicicleta, uniram-se ao nosso movimento. O apoio de cada participante foi essencial. A cada ação em que dialogávamos sobre o futuro, mudanças e um novo jeito de fazer política, mais pessoas se juntavam a nós.

Percebemos que a campanha começou a virar quando as oficinas de bicicletas passaram a consertá-las gratuitamente, como forma de apoio ao nosso movimento. A partir daí, mais bicicletas surgiram para engrossar o

grupo. Criamos uma identidade própria: faixas amarradas na cabeça, rostos pintados, apitos na boca e uma alegria contagiante.

Foi emocionante ver as pessoas abraçarem nossa campanha. Subir em um trio elétrico e discursar para milhares de jovens em suas bicicletas, em um sábado de manhã, era algo impensável dentro do cenário político tradicional de Palmeirópolis. Mas ali nascia um movimento de união e de família.

Para finalizar a campanha com chave de ouro, na véspera da eleição realizamos uma grande passeata. Até hoje me emociono ao lembrar desse momento. **Vencemos a eleição – e honrei cada voto que recebi.**

Uma cidade para cuidar

A conquista da cadeira no Executivo municipal trouxe consigo a responsabilidade de fazer valer cada compromisso assumido. Era o momento de honrar as promessas de campanha como prefeito. À frente, o desafio de uma gestão inovadora e humanizada, começando pela composição da equipe.

Para isso, a estratégia foi formar um time totalmente novo, dando oportunidade a servidores públicos que, apesar de nunca terem tido chances reais de crescimento na carreira, possuíam a experiência necessária para assumir cargos no primeiro escalão. Acreditar no potencial dessas pessoas foi uma das melhores decisões que tomei—e, com isso, consegui montar uma equipe de excelência.

Tinha uma cidade inteira para cuidar, e meu primeiro ato como prefeito foi fechar uma creche. A princípio, essa decisão poderia parecer drástica, mas havia um propósito maior por trás dela. Reformamos, ampliamos e entregamos o espaço com melhores condições de atendimento, aumentando a capacidade de 120 para 430 crianças. Assim, nasceu o primeiro Centro Educacional de Educação Infantil (Cemei) de Palmeirópolis, oferecendo atendimento integral para crianças de 8 meses a 7 anos de idade, funcionando das 7h às 17h, com cinco refeições diárias. No final do dia, as crianças retornavam para casa de banho tomado e jantar servido, proporcionando mais tranquilidade às famílias.

Para mim, não havia dúvidas de que a educação deveria ser o principal foco da gestão. No entanto, além das crianças e jovens, o município também necessitava de políticas públicas voltadas para os idosos. Assim, promovemos uma ampla reforma no Centro dos Idosos, aumentando o atendimento de 20 para 120 beneficiários, entre homens e mulheres, tornando-se uma referência em Palmeirópolis.

Para viabilizar melhorias contínuas, estruturamos projetos para captação de recursos junto a empresas, por meio de um fundo específico para esse investimento. Com isso, conseguimos:

- Construir uma piscina semiolímpica aquecida;
- Criar um salão de festas para confraternizações e atividades recreativas;
- Estruturar um Lar de Longa Permanência, digno e acolhedor, para idosos sem suporte familiar;
- Disponibilizar uma van novinha para buscar os idosos em casa.

Finalizei a gestão com 250 idosos ativos no Centro, participando de atividades e recebendo assistência adequada.

Outro marco da administração foi a solução encontrada para o problema da gestão de resíduos sólidos—um desafio urbanístico, social e ambiental que há décadas era negligenciado. O acúmulo de lixo tem sido uma preocupação crescente para as administrações públicas, e Palmeirópolis não era exceção. Como resposta, implementamos um aterro sanitário licenciado, garantindo o descarte adequado de resíduos e, ao mesmo tempo, elevando a arrecadação do município por meio do ICMS Ecológico. Mais do que uma melhoria operacional, essa iniciativa representou um compromisso com as futuras gerações, pois a forma como lidamos com o lixo hoje impactará diretamente o amanhã.

Além das melhorias estruturais e ambientais, uma das principais atividades econômicas do município, a Agricultura Familiar, também recebeu atenção especial. Investimos na qualificação e organização das associações

de produtores, incentivando a diversificação da produção e, consequentemente, o aumento da renda no setor. Essa valorização trouxe impactos positivos para a economia local e para a qualidade de vida dos agricultores.

Segundo mandato

A gestão empreendida ao longo de quatro anos me credenciou para mais um mandato. Em 2017, a reeleição como prefeito de Palmeirópolis foi uma transição natural, compreensível e justa. Afinal, os resultados dos projetos e ações começaram a se tornar mais visíveis, com impacto real na comunidade.

Um dos principais marcos desse período foi o avanço no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), onde a educação infantil municipal saltou do 5º para o 3º lugar. Esse resultado foi fruto de um trabalho contínuo e criterioso, baseado na valorização dos professores e na implementação de um plano de carreira sustentável, que trouxe mais motivação e reconhecimento para os profissionais da educação.

Os avanços na educação fortaleceram o prestígio e a credibilidade da gestão, consolidando o compromisso com o futuro dos jovens palmeiropolenses. O reconhecimento desse trabalho foi tão significativo que o então secretário municipal de Educação, que comandou a pasta por sete anos sob minha orientação, foi eleito prefeito na sucessão municipal. Esse resultado simbolizou não apenas a continuidade dos projetos implantados, mas também o reconhecimento da equipe de gestão, garantindo a manutenção de um governo comprometido com o desenvolvimento do município.

Aprendizado constante

Consciente de que um educador está sempre em processo de aprendizado, em 2019, concluí o Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Durante a pesquisa, avaliei o projeto de atendimento à pessoa idosa, por meio das ações sociais

promovidas pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) de Palmeirópolis, com foco na captação de recursos entre 2015 e 2019 e seu impacto na economia local.

O estudo abordou políticas públicas, o envelhecimento humano e as leis de amparo à velhice, destacando a responsabilidade social da gestão municipal. Como resultado, os usuários dos serviços avaliaram positivamente o atendimento aos idosos, evidenciando melhorias na qualidade de vida e bem-estar dessa população.

O Centro do Idoso de Palmeirópolis tornou-se um modelo de captação de recursos, cumprindo sua missão de oferecer um atendimento digno e promover felicidade aos seus beneficiários. Como produto final da pesquisa, elaborei uma cartilha digital (e-book) voltada para gestores municipais, com orientações sobre estratégias eficientes para a captação de recursos.

Uma vida fora do poder público

Após dois anos à frente do executivo municipal, a exaustão e o cansaço mental começaram a exigir atenção. No final de 2020, ciente de que havia cumprido minha missão na gestão pública e com os palmeiropolenses, decidi retomar meu foco na educação.

Um projeto que carecia de direcionamento no município era a Universidade Aberta do Brasil (UAB), um polo universitário que visava ofertar ensino superior. Passei a me dedicar a essa iniciativa, elaborando um plano de trabalho e prospectando interessados.

Com uma rotina profissional mais equilibrada, consegui dedicar mais tempo à minha família, proporcionando maior qualidade de vida para minha esposa, filhos e parentes próximos. Foram 11 meses valiosos, de convivência intensa e necessária.

O que eu não imaginava era que o legado deixado na gestão pública de Palmeirópolis ultrapassaria as fronteiras do município. O reconhecimento

dos resultados alcançados e dos índices positivos abriu portas para novos desafios além da cidade.

Um chamado: à Educação do Tocantins

Em novembro de 2021, recebi o convite do então governador do Tocantins, Wanderlei Barbosa Castro, para assumir a gestão da Secretaria de Estado da Educação (Seduc-TO). Mais do que uma nomeação, era uma oportunidade desafiadora e de grande responsabilidade. Titubeei diante da proposta. Antes de aceitá-la, precisei amadurecer meus pensamentos e buscar orientação espiritual, ciente da magnitude dessa missão.

Fortalecido pelos laços familiares, pela convicção espiritual e pela experiência adquirida ao longo das gestões municipais, escolhi aceitar o desafio. Sabia que não seria fácil. Sair da pacata Palmeirópolis para residir novamente na capital, Palmas, demandaria adaptação e comprometimento. Mas havia um propósito claro: tornar a educação do Tocantins uma referência nacional.

Era final de 2021, e as ações da Pasta estavam em andamento. Nada poderia parar ou desacelerar. O primeiro passo foi compreender os processos internos, projetando as ações futuras em alinhamento com os objetivos da gestão estadual.

A primeira grande decisão, junto ao governador, foi pagar os direitos dos servidores da educação, que estavam atrasados há mais de sete anos. Para viabilizar esse compromisso, realizamos um investimento seguro, garantindo o cumprimento do mínimo constitucional de 25% de investimento na educação. Essa iniciativa marcou o início de uma grande mudança.

Como servidor efetivo da Educação, compreendia a necessidade e a urgência da valorização dos profissionais. Em apenas 40 dias de gestão, quitamos aproximadamente R\$ 250 milhões em dívidas, incluindo progressões e datas-bases de 2014 a 2017, utilizando recursos do Fundeb. O pagamento foi feito em duas parcelas, na véspera do Natal e do Ano Novo, garantindo um final de ano mais digno para os profissionais da educação.

Além disso, concedemos um aumento salarial de 11% para professores efetivos e contratados, além de uma gratificação de até R\$ 700 para profissionais da educação, como professores regentes, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais e gestores das 13 Superintendências Regionais de Educação (SREs).

Uma dívida histórica, acumulada desde 2014, foi finalmente quitada. Pela primeira vez na história do Tocantins, os servidores sentiram-se pertencentes e valorizados por uma gestão comprometida com a qualidade da educação e a permanência dos alunos na escola.

Em seguida, elaboramos um novo organograma administrativo, permitindo uma gestão educacional com olhar territorial e foco no estudante, seja da rede estadual ou municipal. Esse modelo foi baseado nas metas do Plano Estadual de Educação (PEE/TO).

No aspecto estrutural, investimos em reformas e reparos das escolas, além da construção de novas unidades de ensino em tempo integral. Mais de 200 obras foram iniciadas nesses dois anos de gestão. Em 2022, entregamos 41 obras, com um investimento superior a R\$ 80 milhões. Em 2023, os investimentos ultrapassaram R\$ 170 milhões, abrangendo reformas, novas construções e obras estruturais em escolas indígenas.

Com a consolidação de Wanderlei Barbosa como governador em 2022, nossa gestão se fortaleceu. O foco foi a composição de equipes estratégicas e a implementação de uma política educacional eficiente, elevando o Tocantins a um patamar de referência nacional.

Estruturamos um tripé fundamental para guiar as ações educacionais: Valorização Profissional, Infraestrutura Física e Qualidade Pedagógica. Para garantir a execução dessas diretrizes, elaboramos um grande programa de gestão educacional que abarcasse todas as iniciativas inovadoras e estruturantes para as 1.400 escolas do Tocantins.

Assim nasceu o Programa de Fortalecimento da Educação (PROFE), lançado no Palácio Araguaia, com a presença do governador Wanderlei Barbosa e de toda a equipe de gestão. O PROFE estabeleceu oito eixos estratégicos de atuação educacional, traçando um plano robusto até 2030.

A partir do PROFE, implementamos ações inéditas, como:

- Concurso público para a Educação, ofertando mais de 5 mil vagas (o primeiro concurso em mais de 14 anos);
- Seleção para diretores escolares, garantindo maior transparência e qualificação na gestão das escolas;
- Curso de Aperfeiçoamento e Mentoria para Gestores Escolares, qualificando a administração educacional;
- Investimento em tecnologia educacional, com a aquisição de chromebooks, laboratórios de biologia, química e física e equipamentos para recomposição da aprendizagem;
- Novos incentivos à carreira docente, assegurando melhores salários e valorização profissional.

Muitas dessas iniciativas já estão em andamento, e outras ainda estão por vir. O compromisso segue firme: melhorar continuamente a educação do Tocantins, reconhecendo e incentivando boas práticas pedagógicas e a valorização dos profissionais da educação.

Momento do doutorado

Em setembro de 2023, decidi cursar a disciplina Formação Inicial e Continuada de Professores como aluno especial do doutorado, principalmente pelo seu conteúdo, que dialoga diretamente com os desafios enfrentados na formação dos professores aprovados no concurso.

Essa disciplina amplia horizontes, estimula debates e proporciona uma valiosa interação com colegas em sala de aula. Além disso, possibilita o contato com pesquisadores da área da educação, enriquecendo a troca de conhecimentos e experiências.

Esse processo de aprendizado contínuo fortalece nossa atuação e nos permite aperfeiçoar ainda mais o trabalho desenvolvido na educação do Tocantins, sempre em busca da excelência.

Meu Solo Sagrado: Família!

A família é a base de tudo em minha vida. Reconhecer minha existência como fruto do amor entre meu pai, Dorival Vaz Vieira, e minha mãe, Terezinha de Fátima Pereira Vaz, é um grande orgulho para mim. Sou o segundo filho, irmão da primogênita Simone Pereira Vaz e dos caçulas Fabiano Pereira Vaz e Matheus Cunha Vaz.

Acredito que é por meio da família que chegamos ao mundo e, dentro dela, nos desenvolvemos, construímos nossa identidade, estabelecemos nossas crenças e moldamos nossa percepção sobre a vida. Para mim, a família é a primeira escola, onde aprendemos com nossos pais, irmãos, tios e primos — nossos primeiros professores, aqueles que nos apresentam o mundo e nos educam. Minha família é meu solo sagrado.

É nela que encontro acolhimento, segurança, proteção e a presença de Deus. Ao lado de meus irmãos, sempre tive apoio e aprendizado mútuo. E, na minha esposa e companheira, Ana Paula Rodrigues Alves Vaz, encontrei um amor inabalável e uma parceria para a vida. Juntos, criamos e educamos nossos filhos, Heitor Rodrigues Vaz, de 18 anos, e Otávio Rodrigues Vaz, de 13 anos, que são nossos maiores tesouros.

Hoje, meu pai compartilha a vida com Maria da Conceição Pinto Cunha, uma pessoa que aprendi a respeitar, conviver, admirar e amar.

Nossos encontros em família são sagrados. O Natal é um momento especial, que minha mãe faz questão de celebrar com todos juntos. Além disso, costumamos viajar e comemorar datas importantes sempre em família. Meu maior prazer é estar com eles, especialmente nos finais de semana, quando nos reunimos na fazenda. Meus pais são minhas referências e, se

pudesse resumir essa relação em uma frase, diria: "Sou como meu pai, apesar de me parecer com minha mãe."

Sempre me identifiquei com a missão de ajudar as pessoas. Essa vocação me satisfaz interiormente e me fez evoluir ao longo das experiências de gestão e liderança em minha trajetória.

No gabinete da Seduc, escolhi uma frase para recepcionar quem chega em busca de atendimento, pois ela representa o que levo para a vida:

"Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."

E, para guiar minhas relações e decisões, sempre me lembro:

"A vida flui melhor para todos quando respeitamos o que é sagrado para o próximo."

[1] Rubem Alves

[2] Francisco Alves e Renê Bittencourt (letra.terra.com.br), um hino de exaltação à infância

[3] Meu pai foi eleito prefeito de Palmeirópolis no mandato de 1993 a 1996

[4] Trabalho com vigência de 2 anos. Lá eu fazia trabalho de cartografia

[5] Já estava findando os 2 anos de vigência do serviço para o qual eu tinha sido contratado

[6] As campanhas eram financiadas com recurso próprio, portanto, foi um grande sacrifício para meu pai perder essa eleição, um grande prejuízo

[7] Pedagogia da Esperança (1992)

[8] Um projeto de qualificação profissional para 4 mil jovens em todo o território tocantinense, com duração de 1 ano, 2009.

[9] Segundo interpretação de Rodrigues (2007), em relação à felicidade

[10] Quem assumiu o Governo de forma interina, com o pedido de cassação do então governador Mauro Carlesse

[11] Procuradoria-Geral do Estado do Tocantins

[12] Controladoria-Geral do Estado do Tocantins

[13] Tribunal de Contas do Tocantins

[14] Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação do Tocantins

[15] 2021

[16] Ana Claudia Quintana Arantes

Capítulo 2

A trajetória de uma professora em construção

Luzani Cardoso Barros

Primeiros passos

O presente memorial tem como objetivo apresentar a trajetória de formação docente da autora ao longo de sua escolaridade, desde a formação inicial, traçando uma linha do tempo que abrange da educação básica à pós-graduação. Esse exercício é de suma importância para a construção da identidade docente, compreendendo os fundamentos das ações educativas e o papel social que a profissão ocupa (ALARCÃO, 2005, apud FONTANA; FÁVERO, 2013).

Nesse percurso, são evocadas experiências de aprendizagem que se entrelaçam a diferentes dimensões da vida da autora, incluindo tanto momentos de alegria e realização quanto memórias de desafios e dificuldades.

É fundamental destacar que todas essas vivências contribuíram para sua construção pessoal, profissional e humana, evidenciando que a trajetória de cada indivíduo é um processo contínuo e complexo. Nesse sentido, a reflexão sobre esse percurso torna-se essencial para a compreensão do próprio desenvolvimento.

O texto está estruturado em três partes: a introdução, a trajetória formativa — na qual são descritos os eventos mais significativos do processo de aprendizagem — e, por fim, as considerações finais.

Formação e Atuação Profissional: relação recíproca

Nordestina por nascimento e convicção, natural de Barreiras, município do oeste baiano, construiu toda a sua trajetória formativa e profissional na área da educação. Seu percurso teve início ainda na educação básica, quando começou a atuar na docência — experiência que serviu como alicerce para as demais vivências descritas a seguir. Esse processo está em sintonia com a visão de Nóvoa sobre o sentido da docência, pois “[...] ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (NÓVOA, 2000, p. 130).

Ao longo de sua vida pessoal e escolar, a reflexão sobre as práticas vividas sempre se fez presente. Algumas dessas experiências foram prazerosas — como o estímulo à leitura na pré-escola, especialmente por meio do contato com os clássicos da literatura. Outras, no entanto, trouxeram sentimentos de vergonha e sofrimento, como o episódio em que uma professora expôs sua atividade artística à turma como exemplo do que não deveria ser feito, ou a reação de desapontamento de sua mãe ao receber, com alegria, uma boneca de gesso como prêmio pelo terceiro lugar na turma. Esses momentos deixaram marcas profundas, tornando-se referências de atitudes a serem veementemente rechaçadas tanto no exercício da docência quanto em sua atuação profissional e no próprio papel de mãe.

Essas e outras vivências, permeadas pelos contextos familiar e escolar, reforçam a relevância do pensamento de Tardif ao afirmar que:

Ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam em grande parte de concepções do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar (TARDIF, 2008. p. 72).

Assim, as experiências pessoais e profissionais têm um papel fundamental na construção da identidade docente, pois “a reflexão na ação traz em si um saber que está presente nas ações profissionais. Diz respeito às observações e às reflexões do profissional em relação ao modo como ele transita em sua prática [...]” (FONTANA; FÁVERO, 2013, p. 3). Esse processo possibilita, a partir da tomada de consciência sobre atitudes desejáveis ou não, adotar aquelas mais coerentes com valores e princípios, ainda que isso represente um árduo exercício.

A escolha do caminho profissional ocorreu de maneira natural ao concluir a escolaridade básica, em meados dos anos 1990. Entre as opções disponíveis no sistema público de ensino de Barreiras — os cursos de Magistério e Contabilidade —, a afinidade com a primeira opção prevaleceu. Assim, em 1995, estava apta ao exercício da docência na primeira etapa do Ensino Fundamental.

No ano seguinte, após aprovação no vestibular, ingressei no curso de Pedagogia no Campus IX da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Essa formação inicial em nível superior proporcionou, além do aprofundamento em conhecimentos específicos da área, uma aproximação direta com a docência. Durante o curso, especialmente nas disciplinas da base pedagógica, surgiram oportunidades valiosas de experiência docente em instituições públicas, por meio de estágios não remunerados, estágios remunerados sem vínculo empregatício e atividades práticas vinculadas aos objetos de estudo acadêmico. Essas atividades exigiam idas às salas de aula

para observação, análise e estudo de caso, ampliando a relação entre teoria e prática.

Antes mesmo da conclusão da licenciatura, tive a oportunidade de ingressar formalmente no mercado de trabalho em uma instituição de ensino particular e, posteriormente, em uma escola pública, após aprovação em concurso para professor. Essa vivência consolidou e ampliou as conexões entre os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade e as práticas pedagógicas, visto que “[...] a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, não se constituindo em práticas efetivas dos estudantes de Pedagogia nas escolas” (GATTI, 2010, p. 1371).

Todas essas experiências contribuíram para fortalecer o vínculo com a escola, pois

Se a liberdade não se ensina pela sua ausência, a especificidade do trabalho escolar não se aprende sem a elaboração do que acontece na escola. A pesquisa, se torna, assim, um eixo essencial na formação de professores (LINHARES, p. 10, 2011).

O exercício da docência ocorreu nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, em escolas das redes pública (estadual e municipal) e particular do município de Barreiras-BA. Os componentes curriculares ministrados abrangiam áreas diversas, como Linguagens, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. No entanto, a vontade de ensinar se mostrava inversamente proporcional aos saberes necessários para uma docência de qualidade. Ou seja, o desejo de ensinar era grande, mas a qualificação técnica ainda era insuficiente, o que evidenciava questões que persistem na carreira docente, especialmente no que diz respeito à formação inicial. Como aponta Gatti (2010, p. 1370), ao analisar o currículo das licenciaturas: “[...] a parte curricular que propicia o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para atuação nas escolas e nas salas de aula fica bem reduzida.” Esse cenário impactava diretamente a gestão da sala de aula e a atratividade da carreira, levando à docência professores sem habilitação específica em determinadas áreas do conhecimento.

Com o intuito de aprimorar a prática pedagógica, seis meses após concluir a licenciatura, cursei presencialmente a Especialização Lato Sensu

em Língua Portuguesa nas Faculdades Integradas de Amparo (SP), uma escolha motivada pelo fato de lecionar esse componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano, com uma turma de cada ano).

Além de qualificar minha prática docente, esse curso foi uma experiência transformadora, ampliando meu repertório cultural e pessoal, pois pela primeira vez me desloquei até a região Sudeste do Brasil. A interação com novos espaços, pessoas, culturas e formas de aprendizado teve um papel fundamental na construção da minha identidade pessoal e profissional. Por isso, garantir condições para formação continuada e compartilhar desafios e soluções provenientes de diferentes contextos educacionais representam oportunidades ricas para a aprendizagem docente.

Apesar dos desafios — incluindo o investimento financeiro pessoal e a adaptação ao inverno, um fator inesperado para uma nordestina —, a experiência evidenciou o quanto a formação continuada fortalece a qualificação docente, promovendo melhorias nas práticas de ensino e nos resultados de aprendizagem. Essa vivência reforçou a necessidade de que a formação docente esteja alinhada às demandas da prática, uma vez que “[...] torna-se imprescindível construir modelos que valorizem a preparação, a entrada e o desenvolvimento profissional docente” (NÓVOA, 2017, p. 1113, grifo nosso), sendo esse último aspecto essencial para o exercício da docência diante da constante transformação da educação.

Em 2002, após aprovação em concurso público, ingressei como docente efetiva na rede pública estadual de educação do Tocantins. Desde então, atuei em diversas funções técnicas na Diretoria Regional de Educação (atualmente Superintendência Regional de Educação), incluindo supervisão escolar, coordenação regional de formação de professores, assessoria da coordenação pedagógica regional, técnica do Núcleo de Tecnologias Educacionais, tutoria de curso de formação de gestores escolares e técnica de Ensino Médio. Paralelamente a essas funções, mantive minha atuação docente tanto na educação básica quanto no ensino superior.

O exercício dessas funções ampliou minha consciência sobre a necessidade contínua de estudo e atualização profissional, especialmente na docência, pois, como afirma Nóvoa (2017, p. 1122), “[...] um professor tem de se preparar para agir num ambiente de incerteza e imprevisibilidade.” Assim, busquei outras especializações lato sensu para fortalecer minha formação, entre elas: Gestão Educacional e Metodologia do Ensino (Educon, 2006), Tecnologias Educacionais (PUC-RJ, 2007) e Gestão Escolar (UFT, 2008).

Por razões pessoais e profissionais, em 2006 ingressei na rede municipal de educação de Dianópolis-TO, inicialmente como docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, atuando especificamente no 3º ano. Após um semestre letivo, passei a exercer a função de técnica da Secretaria Municipal de Educação, o que possibilitou um conhecimento abrangente da rede municipal, incluindo escolas da zona urbana e do campo. A partir desse momento, conciliei minha atuação nas redes estadual e municipal, adequando minha lotação em uma escola estadual para compatibilizar horários e permitir a atuação nos três turnos do dia.

Em 2010, movida pela busca incessante por conhecimento, participei da seleção para aluna regular do Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no campus Palmas, com pesquisa voltada às políticas educacionais para classes multisseriadas em Dianópolis. Fui aprovada no processo seletivo, e essa conquista representou um avanço significativo na minha trajetória acadêmica e profissional. A obtenção desse capital cultural institucionalizado é de grande relevância, mas

a experiência da prática educativa ressignificada é o elemento propulsor do habitus profissional docente e que este extrapola o capital cultural institucionalizado proveniente da titulação universitária, posto que esta, de forma geral, registra as competências voltadas para a produção do conhecimento. (ALVARENGA; TAUCHEN; SCHIRMER, 2019, p. 18).

O ingresso na pós-graduação partiu da compreensão da necessidade de aprimoramento e atualização, alicerçado na experiência já construída.

Com base nos conhecimentos adquiridos nas atividades técnicas e docentes já realizadas no município de Dianópolis-TO, as categorias de análise definidas para a pesquisa foram: condições infraestruturais de funcionamento das escolas, currículo desenvolvido e formação dos professores. O início do curso foi um período desafiador, exigindo adaptação à mudança para a capital Palmas, além da conciliação entre os estudos, o trabalho e a distância da filha, então com cinco anos de idade.

Após sete meses de ingresso no Mestrado, obtive licença para qualificação profissional, o que permitiu uma dedicação integral à pesquisa e proporcionou uma melhor qualidade de vida. A etapa de campo foi concluída em 2011, e a defesa da dissertação ocorreu em 2012, marcando a finalização do curso.

Ainda em 2012, tive a oportunidade de atuar na educação a distância (EaD), desempenhando a função de tutora nos cursos de Gestão Pública, Administração Pública e Especialização em Pobreza e Desigualdade Social, oferecidos pela Universidade Federal do Tocantins no âmbito do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Essa experiência foi ampliada posteriormente, com a atuação até 2023 no curso de Licenciatura em Matemática.

Com o retorno ao exercício profissional após a conclusão do Mestrado, passei a atuar exclusivamente na rede estadual de ensino, na Diretoria Regional de Educação, onde assumi a função de tutora do curso a distância para gestores escolares – Progestão. Um dos pilares desse curso é a democracia na educação. Motivada pelo desejo de aprofundar meus conhecimentos nessa temática, realizei o curso Conselhos Escolares e, após concluir os módulos, cursei a especialização lato sensu em Conselhos Escolares, oferecida pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2015.

Esse curso se revelou extremamente enriquecedor, pois proporcionou um conhecimento aprofundado sobre diferentes práticas de gestão colegiada nas escolas públicas brasileiras. Como requisito para sua conclusão, elaborei

um trabalho baseado em pesquisa realizada em escolas municipais da zona rural, abordando o tema das associações de apoio – órgãos colegiados escolares responsáveis por deliberar sobre ações em todas as dimensões da escola. A formação ampliou e aprofundou minha compreensão sobre a gestão escolar, permitindo contribuir de maneira mais significativa para a formação de gestores e coordenadores.

A conclusão da especialização ocorreu presencialmente, com a apresentação do trabalho final em Fortaleza-CE. Essa experiência proporcionou um intercâmbio valioso com professores de diversas regiões do país e possibilitou uma compreensão mais abrangente sobre a gestão dos processos decisórios em instituições de ensino em diferentes contextos brasileiros.

No segundo semestre de 2014, um acontecimento de grande relevância marcou tanto o cenário educacional de Dianópolis-TO quanto minha trajetória profissional: a Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) iniciou suas atividades na cidade, viabilizando a docência presencial no ensino superior. Até então, minha experiência nesse nível de ensino se restringia ao curso Normal Superior, que funcionava em regime especial, durante as férias escolares.

Diante dessa nova oportunidade, passei a conciliar minhas atividades técnicas na Diretoria Regional de Educação com a docência nos cursos de Bacharelado em Administração e Ciências Contábeis, entre agosto de 2014 e o final de 2018.

Esse período foi desafiador, mas repleto de aprendizados, pois as funções técnica e docente exigiam conhecimentos distintos e complexos. Na Diretoria Regional, minha atuação estava voltada à formação de professores, acompanhamento e assessoramento das práticas escolares. No ensino superior, ministrei disciplinas como Trabalho de Conclusão de Curso, Elaboração de Projeto de Pesquisa, Metodologia da Pesquisa e Estágio.

Por razões pessoais, mesmo após ser aprovada em processo seletivo docente da UNITINS, optei, a partir de 2019, por permanecer exclusivamente

na rede estadual de ensino. Essa decisão teve como objetivo reduzir a carga horária de trabalho e garantir uma melhor qualidade de vida.

Todas essas experiências, tanto pessoais quanto profissionais, evidenciam que a formação docente exige um tratamento específico e conhecimentos que estejam à altura da complexidade e relevância do ofício de professor. Como aponta Gatti (2014), é essencial

Superar o modelo em que disciplinas de educação se agregam ao currículo dos bacharelados na expectativa que essa formação seja suficiente para o professor exercer seu trabalho se mostra fundamental. Formar professores é diferente de formar especialistas disciplinares, mas lidar com essa questão não é fácil porque requer uma mudança de mentalidades. O conhecimento da área específica difere do conhecimento para o ensino, porque este último é de natureza interdisciplinar por envolver a associação entre conteúdos e perspectivas pedagógicas. Não se trata de desprezar os conhecimentos específicos, mas de escolher, em cada área, o que é importante que um professor saiba (CERICATO, 2016, p. 286).

Essa trajetória evidencia a necessidade de compreender a formação docente como um processo cíclico, ou seja, um percurso contínuo, sem um ponto final definido. A exigência por atualização e aperfeiçoamento é constante e se renova ao longo do tempo.

Além disso, a realização docente não se limita a atividades remuneradas. No segundo semestre de 2019, foi criado o Polo da Universidade da Maturidade (UMA) em Dianópolis, onde passei a atuar como docente colaboradora.

A UMA é um projeto de extensão da UFT voltado para o público idoso, com o objetivo de promover educação de qualidade em nível universitário, embora sem o caráter tradicional do ensino superior. Desde então, além das demais atividades, tenho contribuído como professora colaboradora nesse projeto, experiência que ampliou minha percepção sobre a docência. Esse trabalho passou a representar não apenas um exercício profissional, mas também uma realização pessoal, criativa e de grande relevância social, pois seu propósito maior é a valorização humana, promovendo a qualidade de vida dos acadêmicos.

No âmbito da rede estadual de ensino, concluí minha participação no curso voltado aos gestores. Com o encerramento das turmas desse programa, passei a desempenhar a função de técnica do Ensino Médio, responsável pelo acompanhamento das políticas educacionais voltadas a essa etapa da escolaridade. Essa função, que exerço atualmente, exige conhecimentos amplos sobre formação docente, incluindo gestão de sala de aula, planejamento, currículo e avaliação.

Além das atividades mencionadas, também desenvolvo outras ações na área educacional. Em janeiro de 2020, participei de uma Oficina de Elaboração de Itens promovida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tornando-me elaboradora do Banco Nacional de Itens (BNI). Esse envolvimento aprofundou ainda mais meu interesse por avaliação em larga escala. Após a oficina, contribuí com a elaboração de itens, sendo alguns aprovados e incorporados a esse importante acervo.

No final de 2020, conheci a Comunidade Professor Autor (CPA), um espaço de formação, qualificação e inserção docente no mercado de trabalho, voltado a professores de todos os níveis e etapas da escolaridade. Dentro dessa comunidade, tenho desenvolvido diversas atividades, como elaboração de itens e materiais didáticos, docência na Especialização Lato Sensu em Avaliação Educacional e trabalhos voltados à escrita de conteúdos para avaliação em larga escala. Além disso, fui cursista da Especialização Lato Sensu em Avaliação Educacional (FASEC, 2022).

Em todas as funções desempenhadas, um aspecto se destaca: a importância e a necessidade de formação contínua para o exercício da docência e das atividades técnicas na área educacional.

Por essa razão, o desejo de ingressar em um Programa de Pós-Graduação em nível de Doutorado sempre esteve presente. Como parte desse percurso, participei da seleção para aluno especial na disciplina **Formação Inicial e Continuada de Professores**, ministrada pelo Professor Dr. Kelber.

A experiência nessa disciplina reafirmou minha convicção de que a docência deve estar pautada não apenas na cientificidade, mas também no afeto, elementos que se revelam no cotidiano da prática educativa. Como evidenciado ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, há tanto os saberes **a ensinar** (currículo) quanto os saberes **para ensinar** (didática), ambos construídos e aprimorados por meio de uma formação inicial continuamente atualizada, que se ajusta à dinâmica da realidade educacional.

Essa vivência permitiu, ainda, compreender e vivenciar a afirmação de Campos Figueiredo acerca das relações estabelecidas na docência

Seria interessante que os professores conseguissem construir uma relação associada com os dois tipos de aprender, com o objetivo de vivenciar a atividade e com o objetivo de dominar o saber-objeto da atividade [...] considerar a dimensão social imbricada nas dimensões epistêmica e identitária é compreender que tanto a relação do sujeito com o saber quanto a relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o mundo são relações sociais em um mundo social (CAMPOS FIGUEIREDO, 2010, p. 286).

Os conhecimentos adquiridos nessa disciplina são de extrema importância e, sem dúvida, contribuem significativamente tanto para a formação acadêmica – por meio do aprimoramento e qualificação profissional em diversos contextos de atuação – quanto para a vida pessoal, social e o desenvolvimento das relações interpessoais. Cada aula representou, de fato, um espaço de construção, reflexão crítica e aprendizado da docência, integrando ciência e afeto.

Considerações de uma trajetória que prossegue

A academia, ao longo da disciplina Formação Inicial e Continuada de Professores, revelou-se como um verdadeiro locus de formação humana. As práticas realizadas em aula evidenciaram que o objetivo principal não se limita à ampliação do conhecimento científico ou à obtenção de titulação acadêmica, mas sim à construção de pessoas mais realizadas e felizes em

todas as dimensões da vida, independentemente de sua origem, trajetória ou aspirações.

Durante esse período, conciliando estudos, trabalho e outras atividades, segui minha essência de busca e participei do processo seletivo para aluno regular do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, com início em 2024. Submeti um projeto de pesquisa sobre a relação entre o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e o desenvolvimento regional, obtendo aprovação. Espero que essa experiência contribua significativamente tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, enriquecendo, sobretudo, minha trajetória humana.

O fato de cursar essa disciplina no Programa de Doutorado em Educação, ministrada pelo Prof. Dr. Ruhena Kelber Abrão, foi fundamental para a redação e defesa do projeto. As discussões em aula proporcionaram maior clareza sobre a proposta e auxiliaram na defesa da ideia durante a entrevista. No entanto, para além da conquista acadêmica, as aulas – que, como aprendi, só merecem essa denominação quando, de fato, transmitem um saber – constituíram-se como um espaço de aprendizagens que transcendem o conhecimento formal. Foram lições de vida que impactaram profundamente todas as dimensões humanas, trazendo, na prática, aquilo que os textos apresentaram de forma científica.

O significado dessa aprendizagem, que procurei registrar neste memorial, já está incorporado à minha trajetória e repercutirá nas práticas que desenvolvo em todos os âmbitos. Acredito que esse seja o verdadeiro propósito da formação inicial e continuada: despertar a consciência sobre nossa incompletude e fomentar o desejo incessante de aprender, para nos tornarmos seres humanos melhores e, assim, contribuir para a formação de outros indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Bruna Telmo; TAUCHEN, Gionara; SCHIRMER, Sirlei Nádia. Ciclo profissional da docência universitária: percepções sobre qualidade incorporada pelo capital cultural. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 51, p.

e15871, 2019. DOI: 10.5585/eccos.n51.15871. Disponível em:
<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/15871>. Acesso em: 11 set. 2023.

CAMPOS FIGUEIREDO, Zenólia Christina. Experiências profissionais, identidades e formação docente em educação física. *Revista Portuguesa de Educação* [en linea]. 2010, 23(2), 153-171 Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417086007>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CERICATO, Itale Luciane. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.* [online]. Brasília, v.97, n.246, p.273-289. Ago., 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/ZGXLgG4kzTjqx5bqcc9pshS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. *Revista de Educação do IDEAU*, v. 8, n. 17, 2013. Disponível em:
https://www.boge.ideau.com.br/wp-content/files_mf/f5ee662e7240e6a6a0206e042c272a1a30_1.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

GATTI, Bernardete A. *Formação de professores no Brasil: características e problemas*. Educ. Soc. [online]. 2010, vol.31, n.113, pp. 1355-1379. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2023.

LINHARES, Célia Frazão Soares. Trabalhadores sem trabalho e seus professores: um desafio para a formação docente. In: ALVES, Nilda (org.). *Formação de Professores: pensar e fazer*. 11. ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época: v. 30). p. 9-38.

NÓVOA, Antônio. Universidade e formação docente. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*. v. 4, p. 129-138, 2000. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/GvJyMSqMSQQpjvnWcRrHkTQ/?lang=pt#>. Acesso em: 09 set. 2023.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 out. 2023.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 9. ed. – Petrópolis, RJ, Vozes: 2008.

Capítulo 3

Oh, destino certo, que te escondes na neblina

Sandra Franklin Rocha Viana Spies

Segunda filha do casal nordestino Raimundo José Franklin Viana, cearense, e Maria de Fátima Rocha, maranhense. Em minha família, estudar era um ato político, uma maneira de gerar oportunidades para vencer na vida. Segundo um estudo divulgado em 2017 pela Universidade de York, altos níveis de educação estão associados a uma melhor saúde mental. O motivo é que pessoas com acesso à educação podem fazer mais escolhas, tendo maior controle sobre suas vidas e sentindo mais segurança. Assim, meu pai nos educou para sermos advogadas, promotoras, juízas ou delegadas. Para tanto, matriculou-nos no melhor colégio privado de Araguaína/TO, onde cursamos a educação básica.

Nasci em Goiânia, mas fui criada em Araguaína. Minhas irmãs e eu sempre fomos incentivadas a estudar e a tirar as maiores notas do colégio, pois, para meu pai, tirar 100 era nossa obrigação, não um mérito. Vivi todos os sabores e dissabores de uma família autoritária e rígida, cujo patriarca era alcoólatra, extremamente machista, militar e provedor. Minha mãe era a verdadeira “Amélia”, uma mulher que não fazia nada para mudar sua situação, mas brigava à medida que era provocada, o que aumentava ainda mais a tensão em nossa casa.

Em 1988, concluí o 2º grau e precisei trabalhar, pois minha irmã mais velha já estava cursando Direito em uma universidade privada em Ribeirão Preto. Meu pai já não conseguia trabalhar, pois seu alcoolismo havia se agravado, e minha mãe teve que assumir os negócios da família. Ela fechou o despachante e manteve a autoescola, passando a dar aulas de direção para mulheres da alta sociedade cujos maridos ciumentos não aceitavam que aprendessem a dirigir com um homem. Naquela época, não havia mulheres

nessa profissão. A Autoescola Dona Virgínia se expandiu e existe até hoje (2023).

Em 1990, fui aprovada no primeiro concurso público do então recém-criado Estado do Tocantins. Fiquei dois anos sem estudar, apenas trabalhando para ajudar minha mãe no orçamento familiar, afinal, eu não tinha interesse em ser professora, e os cursos ofertados pela FAFICH, única faculdade pública da cidade, eram licenciaturas. Em 1991, fui aprovada em Geografia e cursei a faculdade por três meses no período noturno, mas não gostei. No ano seguinte, em 1992, fui aprovada no vestibular para Letras, Português e Inglês. No segundo ano da graduação, fui transferida para a UNITINS, pois casei, e meu marido estava trabalhando em Palmas.

Para Paulo Freire, “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Sob essa perspectiva, percebo que ser professora é mais do que um dom.

De 1990 a 1993, trabalhei como professora de reforço escolar e alfabetizadora de crianças carentes da periferia de Araguaína, contempladas no Programa Pioneiros Mirins. Essa experiência me fez reconhecer o quanto os pensamentos de esquerda estavam impregnados em mim e como eu possuía uma vontade genuína de lutar por maior igualdade social. Esse engajamento trouxe sérios conflitos com meu pai e suas convicções de extrema direita, tornando-se mais um motivo para que eu quisesse casar jovem.

Em 1993, mudei-me para Palmas e trabalhei na Casa Militar do Palácio Araguaia como assessora do chefe da Casa Militar. No ano seguinte, assumi uma turma de alfabetização no primeiro Colégio Militar Tiradentes, criado na capital. Em 1995, passei a lecionar Português para turmas do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental II. Ainda cursando minha graduação e sem nenhuma outra formação no magistério, segui dando o melhor de mim.

Em 1996, morei em Brasília para acompanhar meu marido, que foi cursar o CFSO da PM. Lecionei por seis meses as disciplinas de Inglês e Português para o Ensino Fundamental II na Escola Salesiana São Domingos Sávio. Foi uma experiência enriquecedora, em que desenvolvi projetos disciplinares e liderei uma turma de 7ª série.

Em 2000, tomei posse no concurso público para professora de Letras e assumi o cargo de coordenadora do Ensino Superior na SEDUC, um setor recém-criado para acompanhar os cursos superiores do Estado. Coordenei o Programa de Graduação em Regime Especial, que atendeu todos os professores da Rede Pública Estadual de Ensino que ainda não possuíam graduação. Paralelamente, de 2001 a 2004, fui tutora do Curso Normal Superior e professora de Língua Portuguesa na UNITINS, na modalidade telepresencial.

De 2015 a 2017, cursei Mestrado em Ciências do Ambiente na UFT. Minha dissertação, intitulada “Alfabetização Científica e as Questões Ambientais da Localidade: uma análise desse processo no nono ano do Ensino Fundamental”, investigou a Alfabetização Científica no ensino público tocantinense sob uma perspectiva interdisciplinar.

Minha defesa de dissertação foi um episódio marcante. No dia da apresentação, faltou energia na UFT. Fui instruída a prosseguir sem os slides, utilizando apenas o quadro e minhas anotações. Graças à minha organização e ao preparo, fui aprovada com louvor. Meu orientador me incentivou a seguir para o doutorado, mas, devido a circunstâncias pessoais e à sua triste perda durante a pandemia, não pude dar continuidade nesse caminho.

Ao longo de minha trajetória, ocupei diversos cargos na SEDUC e participei ativamente de conselhos e programas educacionais. Sempre acreditei que a educação é uma ferramenta poderosa de transformação social e continuei me dedicando à luta pela melhoria do ensino e pela formação cidadã dos estudantes.

Ah, lembro-me de ter usado as minhas redes sociais para influenciar os professores a voltarem a estudar e a fazerem mestrado. Aprendi, naquele período, que nada se constrói sozinho. Apesar de a escrita ser solitária, assim como as leituras e pesquisas, sempre precisamos de outras pessoas que já percorreram esse caminho para nos apoiar, orientar e, até mesmo, conduzir. Claro que a “martelada final” sempre será do seu orientador, mas, ao ler sua dissertação, você perceberá que muitas mãos fizeram parte da confecção dessa obra. Esse aprendizado eu levei para todas as áreas da minha vida.

Ao concluir o mestrado, ainda em 2017, permaneci na universidade como mediadora entre a SEDUC e a UFT no Projeto “Nós Propomos”, que tem como foco cidadania, sustentabilidade e inovação. Esse projeto é promovido pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, em Portugal, desde 2011, e vem sendo desenvolvido também no Brasil pela UFT desde 2015. A ação é voltada para a educação e conta com a participação de alunos do ensino médio da Rede Pública Estadual de Ensino. Já foram atendidas escolas em Palmas, Araguaína e Gurupi. Realizamos oficinas com a participação do professor Dr. Sérgio Claudino, da Universidade de Lisboa e idealizador do projeto.

Na ocasião, discutimos as principais dificuldades encontradas na execução das atividades e na criação de metodologias a serem aplicadas nas escolas participantes. O professor Dr. João Bazolli coordena o “Nós Propomos” na UFT, e trabalhei diretamente com ele. Atuei na organização do Seminário Estadual, onde os alunos das escolas participantes apresentaram propostas de solução para problemas urbanos de suas cidades. O projeto é executado com o apoio de acadêmicos dos cursos de Arquitetura, Direito e Geografia, além do Mestrado em Geografia, e tem o objetivo de identificar, pesquisar e propor soluções para problemas territoriais em escala urbana.

Com a ajuda dos professores e acadêmicos do projeto, os alunos do ensino médio são estimulados a ampliar o olhar sobre o local onde vivem a partir de uma perspectiva multidisciplinar. Em grupos, identificam problemas locais e apresentam propostas fundamentadas para resolvê-los, com o apoio

da universidade. Também contribui com a organização do I Seminário Ibero-Americano do “Nós Propomos”, realizado em Lisboa, que contou com a participação de alunos e professores da Rede Pública Estadual de Ensino.

Organizamos um livro sobre o projeto e elaboramos um manual do “Nós Propomos”, distribuído nas escolas participantes. Essas ações também foram inovadoras, incluindo minha presença como professora representante da SEDUC à disposição do projeto na universidade. Foi uma experiência inesquecível, que deixou muita saudade. Amei tudo e todos os envolvidos no “Nós Propomos”. Ainda sinto o cheiro desse trabalho em minhas mãos. Minha gratidão ao Dr. Bazolli, que me acolheu e ensinou tanto sobre urbanismo, uma área ainda nova para mim.

Retornei para a SEDUC em 2019, um período difícil. O lado bom foi que, pela primeira vez na vida, consultei um neurologista. Foi um alívio ser diagnosticada com TAG. Iniciei o tratamento e descobri que minhas crises de enxaqueca eram decorrentes da ansiedade. Usei óleo de cannabis por três anos e nunca mais tive crise. Na gestão atual, fui lotada como assessora de gabinete, função que exerço até hoje (2023). Este tem sido um novo tempo, de resgate da dignidade, respeito e trabalho em um ambiente agradável. Ah, meu neurologista faleceu em um trágico acidente, mas continuo o tratamento com um colega dele.

Como puderam perceber, trago uma forte energia de mudança, que muitas vezes funciona como uma chave para abrir novos ciclos. Aprendo com as conexões que estabeleço no processo de ensino-aprendizagem, o que condiz com minha personalidade de Tipo 7, segundo o eneagrama de Gurdjieff, e com meu perfil comportamental influente e dominante (I.D.), conforme definição de Paulo Vieira. Para aguçar ainda mais a curiosidade de vocês, compartilho que sou virginiana, com ascendente em libra e lua em peixes, o que me torna altamente intuitiva. O que isso significa? Para mim, trata-se de um processo de autoconhecimento que venho construindo ao longo de 50 anos. Podemos falar mais sobre isso em outro momento.

Paralelo à minha carreira de professora, iniciei um movimento de estudos sobre saúde mental, emoções, espiritualidade e terapias holísticas (2012-2023). Estudei a filosofia de Masaharu Taniguchi, fundador da Seicho-No-Ie, e aprendi a vivenciar a palavra “gratidão” em ações cotidianas, o que impactou positivamente minha vida emocional e familiar. Fiz cursos nessa linha e comecei a atender individualmente e em grupo. Investi na realização de palestras para mulheres e adolescentes, o que me trouxe reconhecimento como terapeuta e ampliou minha clientela, resultando em parcerias com médicos de diversas especialidades.

Desenvolvi o método FORGIVE, baseado nos conceitos das Constelações Familiares, para identificar padrões de comportamento e ressignificar memórias de dor. O objetivo é promover equilíbrio emocional, minimizar impedimentos que afetam a performance dos pacientes e melhorar suas relações interpessoais. Priorizo o aprendizado acadêmico e planejo pesquisar sobre o meu método para aplicá-lo no ensino médio, contribuindo para a redução da violência escolar e fortalecendo o sentimento de pertencimento dos estudantes.

Por fim, realizei meus maiores sonhos. Tirei minha carteira de habilitação aos 18 anos, casei-me de véu e grinalda em uma cerimônia militar e tive cinco filhos, dois deles abortos espontâneos. Meu marido trouxe dois filhos, e eu lhe dei três meninos. Meu primogênito, Lucas, é médico. Fernando foi aprovado aos 18 anos no ENEM para medicina na UFPA. Meu caçula, André, tem 14 anos e foi aprovado para o nono ano. Sua escolha de vida, no entanto, ainda está por vir. Mas isso fica para os próximos capítulos.

“Como eu seria feliz se fosse feliz!” Sponville[21].

[2] Para o cargo de Assistente Administrativo, de nível médio.

[3] Programa de proteção social destinado a crianças e adolescentes em situação de risco (Programa do Governo Estadual).

[4] Arma de fogo, presente do marido.

[5] Nome da minha escola infantil fundada em 1995, em Palmas/TO.

[6] Curso de Formação para oficiais superiores serem promovidos a patente de Major.

[7] Situada no Núcleo Bandeirantes, aonde morei por 1 semestre.

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA
AMAZÔNIA
(volume 3)

[8] Universidade de Brasília/DF, na Asa Norte, onde fiz esse curso de Redação.

[9] Cada aluno escreveu um capítulo desse livro. O meu capítulo tratava de entrevistas com pessoas que amavam morar em Palmas e outras que odiavam, e o que despertava esse sentimento nelas.

[10] Mulheres que assumem de forma exclusiva todas as responsabilidades pelo filho, sejam elas financeiras ou afetivas.

[11] Alemão que criou o método de Constelações Familiares (1978), psicoterapeuta que se dedicou aos estudos nas áreas de psicanálise, terapia familiar, hipnoterapia e análise transacional.

[12] No livro o "O amor do Espírito" Hellinger nos lembra que "tudo é amor, amor que adocece, amor que cura". O amor que fideliza e adocece busca a resolução, a inclusão, a liberação por meio do sintoma de fracasso, de dor, da doença, da solidão. Faz doer até que você decida olhar e se expor à vida como foi e como é. (Atman, 1ª edição, 2021).

[13] Nesse método utilizou figuras geométricas coloridas para que o paciente enxergue de forma lúdica sua dinâmica familiar e decida o que fazer, após uma tomada de consciência, desses movimentos ocultos, que o levam a repetir padrões de comportamentos do seu sistema familiar. O movimento do campo mórfico é o mesmo que ocorre nas Constelações Familiares.

[14] Uma cerimônia elegante e cheia de tradições: ritual de guarda; teto de aço; farda oficial do casamento militar e corte de bolo com espada.

[15] O palíndromo é uma figura de linguagem que consiste em palavras, frases, expressões e números que são iguais se lidos da direita para esquerda ou vice-versa. Assim, a data 12.02.2021 (12022021) tem o mesmo significado se lida de frente para trás e de trás para frente.

[16] Do casamento anterior.

[17] No casamento anterior dele, a ex perdeu espontaneamente duas gestações, sendo uma gemelar.

[18] Concluiu em novembro de 2023. Seu baile será em fevereiro de 2024.

[19] Concluiu o primeiro ano de faculdade em dezembro de 2023. Estuda em Belém do Pará, na Universidade Federal do Pará.

[20] Foto tirada em 2022, na capital do Tocantins.

[21] Livro: A Felicidade, Desesperadamente. COMTE-SPONVILLE, André. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1ª edição, 2001. Recomendo que leiam esse livrinho maravilhoso!

Capítulo 4

Histórias de quem ensina no Norte do Brasil: Memórias de formação docente da e na Amazônia

Nadia Flausino Vieira Borges
Jocyleia Santana dos Santos

“Renovarei as minhas forças e subirei com asas como águias, e correrei e não me cansarei, e caminharei e não me fatigarei” Isaías 40

“Um dia frio, um bom lugar pra ler um livro, e o pensamento lá em você... Eu sem você...” [1]

Eu sem você... Eu sem você?

É assim que a camponesinha da roça rememora, por escrito, a sua história—ressignificada por sua maior perda, seu maior luto... a inenarrável dor. Não há como pensar em mim sem ela. É inconcebível analisar minha trajetória—do aprender a ler ao doutorado—sem as fortes marcas que ela deixou.

Para André (2005), o registro escrito das experiências [...]

os acertos e falhas, as vitórias e as decepções, as descobertas e as dúvidas, as aprendizagens e as emoções, ao longo de um período de tempo, dão ao memorial um caráter longitudinal e histórico, permitindo acompanhar a evolução do pensamento e da prática do professor, acompanhar seu desenvolvimento profissional. (p.286).

Em minhas mais tenras lembranças, guardo memórias do plantio de arroz, da criação de galinhas e da feitura de queijo na Fazenda Dois Irmãos, no interior do Norte de Goiás (atual TO-010, próximo a Aparecida do Rio Negro). Meus pais, um simples lavrador e uma dona de casa dedicada, aventuraram-se pelo antigo norte goiano na esperança de cuidar da terrinha da família e prover o pão de cada dia. Com a promessa e a esperança de terras férteis para a agricultura de subsistência, foi ali que aconteceram os primeiros ensaios docentes da Dona Cirlene, que ensinava as crianças das fazendas vizinhas a ler e escrever.

Era março de 1988. No trieirinho sinuoso da subida da serra, de segunda a quinta, ela cantava suas belas canções e escrevia as histórias de suas menininhas. Capanga ao lado, “precata” nos pés, assim a mãe/professora enfrentava a longa caminhada, puxando seus toquinhos de gente pelas mãos. E era cantando que subíamos e descíamos os morros pelo caminho:

Se o Espírito de Deus se move em mim eu canto com o Rei Davi
Se o Espírito de Deus se move em mim eu canto com o Rei Davi
Eu canto, eu canto, eu canto como o Rei Davi
Eu canto, eu canto, eu canto como o Rei Davi
Se o Espírito de Deus se move em mim eu **ando** como o Rei Davi
Se o Espírito de Deus se move em mim eu **ando** como o Rei Davi
Eu **ando**, eu **ando**, eu **ando** como o Rei Davi
Eu **ando**, eu **ando**, eu **ando** como o Rei Davi. (Crosby e Góes, 1985).

Somente quando adulta descobriria que a adaptação da canção, incluindo o trecho “*eu ando como Rei Davi*”, era a maneira que sua mãe/professora encontrara para motivar as filhas na caminhada. Na versão original, o compositor, na verdade, canta, dança e luta como o Rei Davi.

A pequena, por vezes, era carregada nas costas, enquanto a irmã mais velha, em toda sua aduleza precoce, assumia a missão de carregar a capanga de livros. Pelo caminho, sob o sol escaldante e com o desconforto dos calos nos pés, a pequena choramingava:

— Mamãe, pra que andar tanto só pra ir *no rancho da tarefa*?

E, mesmo sem entender o que era uma escola ou a importância de sua existência, aquele espaço sublime — cenário de conhecimento, exploração, cansaço, estresse e diversão — irrevogavelmente marcaria seus destinos.



Imagem 1: Foto da mãe com suas duas pequenas. A tia materna no lado direito, e os avós paternos ao lado esquerdo. Arquivo familiar.

*"Ao caminhar nas matas e florestas, escuto as aves todas a cantar,
olhando os montes, vales e campinas, em tudo vejo direção sem par...
Olho as florestas murmurando ao vento, e ao ver que Tu plantaste cada pé."*
[2]

Era lá, entre as árvores, que Naninha[3] passava o tempo aos três aninhos, enquanto a professora Cirlene Geni ensinava a meninada do campo, a 30 km de Meira Matos. Assim que terminava sua tarefa, a camponesinha, filha mais velha da professora, corria para seu refúgio verdejante. Às vezes, o vovô ia buscar as meninas a cavalo, e então, o retorno para casa se transformava em uma festa animada.



Imagem 2: Imagem da serra do trieirinho, e do avô e do cavalo: Arquivo familiar.

Liberdade garantida pela tradicional arquitetura da escolinha do campo: um ranchinho de palha e pau a pique, abrigo contra a chuva e o sol no ofício do aprender. Um aprendizado imensamente valorizado—caminhadas de 4 a 12 quilômetros traziam crianças dos mais recônditos rincões. O aluno mais velho tinha 26 anos; a mais nova, eu, prestes a completar seis.

Tremia por dentro de medo de que mamãe desistisse, cedendo aos meus insistentes pedidos de parar, vencida pelo ardor da caminhada. Havia ainda as faltas de ar e a "brancola"[4] que a assolava. No trajeto, seu rosto empalidecia como leite, a cor sumia, suava o bigode, como ela mesma dizia. Parava para descansar, sentava-se nas pedras à beira do caminho, tomava um gole d'água e, quando melhorava, seguia em frente. Anos depois, descobriríamos que, aos 30 anos, o que ela já sentia era seu enorme coração nos acordes do adeus.

"Ainda me lembro do seu caminhar, seu jeito de olhar, eu me lembro bem, Fico querendo sentir o seu cheiro..." [5]

Ah, aquele jeito que ela tinha... E esse aperto no fundo do peito... Como é que a gente pode aguentar, hein?

Hoje percebemos que a atividade docente da mamãe não apenas oportunizou a alfabetização das crianças e jovens da região, mas também

despertou na comunidade a importância da escolarização. Tanto que, quando a prefeitura montou uma escola rural na região, apenas os alunos alfabetizados por Dona Cirlene se matricularam. A secretária ainda informou que iria fechar a primeira série, pois seu objetivo era apenas ensinar a ler e escrever, e todos os alunos já haviam aprendido.

Mamãe falou do seu amor por nós com as mãos calejadas do trabalho. Falou com as canções repletas de esperança.

Eu e minha irmã vivenciamos suas experiências. O exemplo dela nos inspirou a seguir seus passos, os caminhos que ela mesma percorreu. Caminhou só, e caminhou conosco. Mulher forte, guerreira, que nunca renunciou a seus princípios e valores, que não tinha medo da luta e batalhava contra tudo e todos para criar suas filhas. E antes que Deus a levasse, viu em suas menininhas mulheres igualmente fortes, guerreiras, que não renunciam a seus princípios e valores, que não têm medo da luta e batalham contra tudo e todos para viver seus sonhos e honrar seus ensinamentos.

escrita do memorial possibilita ao sujeito revisitar sua história de vida/formação/profissão. Ao revisitar o passado através da memória, reconstrói em outro tempo os sentidos que a trajetória profissional tem em sua vida. Em sua narrativa, encontram-se elementos significativos manifestados em cada lembrança e por meio da construção das ideias, com liberdade dimensiona o espaço à materialização de sentidos de vida e de formação. (PEREIRA, et al. 2018).

Liberdade garantida pela tradicional arquitetura da escolinha do campo: um ranchinho de palha e pau a pique, abrigo contra a chuva e o sol no ofício do aprender. Um aprendizado imensamente valorizado—caminhadas de 4 a 12 quilômetros traziam crianças dos mais recônditos rincões. O aluno mais velho tinha 26 anos; a mais nova, eu, prestes a completar seis.

Tremia por dentro do medo de que mamãe desistisse, cedendo aos meus insistentes pedidos de parar, vencida pelo ardor da caminhada. Havia ainda as faltas de ar e a "brancola" que a assolava. No trajeto, seu rosto empalidecia como leite, a cor sumia, suave o bigode, como ela mesma dizia.

Parava para descansar, sentava-se nas pedras à beira do caminho, tomava um gole d'água e, quando melhorava, seguia em frente. Anos depois, descobriríamos que, aos 30 anos, o que ela já sentia era seu enorme coração nos acordes do adeus.

"Ainda me lembro do seu caminhar, seu jeito de olhar, eu me lembro bem, Fico querendo sentir o seu cheiro..."

Ah, aquele jeito que ela tinha... E esse aperto no fundo do peito... Como é que a gente pode aguentar, hein?

Hoje percebemos que a atividade docente da mamãe não apenas oportunizou a alfabetização das crianças e jovens da região, mas também despertou na comunidade a importância da escolarização. Tanto que, quando a prefeitura montou uma escola rural na região, apenas os alunos alfabetizados por Dona Cirlene se matricularam. A secretaria ainda informou que iria fechar a primeira série, pois seu objetivo era apenas ensinar a ler e escrever, e todos os alunos já haviam aprendido.

Mamãe falou do seu amor por nós com as mãos calejadas do trabalho. Falou com as canções repletas de esperança.

Eu e minha irmã vivenciamos suas experiências. O exemplo dela nos inspirou a seguir seus passos, os caminhos que ela mesma percorreu. Caminhou só, e caminhou conosco. Mulher forte, guerreira, que nunca renunciou a seus princípios e valores, que não tinha medo da luta e batalhava contra tudo e todos para criar suas filhas. E antes que Deus a levasse, viu em suas menininhas mulheres igualmente fortes, guerreiras, que não renunciavam a seus princípios e valores, que não têm medo da luta e batalham contra tudo e todos para viver seus sonhos e honrar seus ensinamentos.

São os exemplos, correções, incentivos, orações, ordens e orientações de Dona Cirlene que desenharam as notas da partitura da vida, formação e profissão da pequena professorinha. Desde as memórias mais antigas, nas brincadeiras de salinha com as crianças da vizinhança, ela sempre era a professora.

O início da minha atividade docente remonta aos meus doze anos, quando, voluntariamente, alfabetizava idosos peregrinos da jovem Palmas, ávidos por aprender a ler as Sagradas Escrituras. Observar os resultados da atividade docente em diversos contextos e oferecer oportunidades a quem não as teve me motivou a escolher a educação como profissão.

De família humilde, cursei toda a educação básica em escola pública, sob a rígida exigência do meu pai: "Filho de pobre tem que ter sustento, e professor nunca fica desempregado, minha filha!". Assim, escolhi o magistério no ensino médio. Durante os estágios, nunca tive a oportunidade de apenas observar a docência no primário, pois, devido às constantes faltas dos professores, aos 14 anos comecei a substituí-los.

Concluí o ensino médio empregada, com carteira assinada para o maternal de uma turminha de 3 aninhos. Mais uma vez, mamãe tinha razão: professor só fica desempregado se quiser.

Trabalhei para ajudar minha mãe, casei aos 18, fui mãe aos 19, e o sustento da nova família se sobrepôs aos estudos. Passei em um concurso administrativo, mas compreendi que minha vocação era a educação. Em 2005, decidi passar no vestibular para pedagogia na UFT. Parei de reclamar, parei de enrolar, parei de parar... e nunca mais parei!

Concilieei maternidade, estudos e trabalho, atuando na coordenação de projetos de educação em saúde. Participei de monitorias, iniciação científica e pesquisa. Com um excelente histórico acadêmico, ingressei no Programa Institucional de Monitoria e no Grupo de Pesquisa sobre Formação de Professores.

Antes mesmo de me formar, inscrevi-me, a contragosto, no concurso da educação, a pedido da professora Katia Cristina. Fui aprovada e, com a ajuda da professora Dilsilene Maria Ayres de Santana, consegui antecipar minha formatura para assumir o cargo. Assim, transitei da graduação para a sala de aula na rede estadual e municipal.

Graças a esse concurso, pude proporcionar melhor qualidade de vida à minha mãe, garantindo seu tratamento por mais 20 anos, quando os médicos lhe davam apenas um ano de vida.

Segui minha trajetória acadêmica. Busquei especializações e me aprofundei na Educação Especial para atender às demandas inclusivas. Meu desejo de continuar estudando me levou ao mestrado, e a fé da minha mãe me impulsionou. No dia da prova escrita, saíra da maternidade no dia anterior, e ela ficou com minha recém-nascida enquanto eu realizava a prova.

Entretanto, o doutorado foi um desafio. O Tocantins ainda não tinha programas na área, e em oito seletivos diferentes, fui preterida por ser mulher, mãe, nortista. Mas não parei. Em 2018, iniciei o doutorado em Brasília, viajando semanalmente. Meu marido, Otávio César, foi meu maior incentivador. Porém, a saúde me impediu de continuar e precisei trancar.

Foi então que ela acreditou no meu projeto: a brilhante Dra. Jocyleia Santana dos Santos. Uma professora marcante, filha do Norte, dona das aulas mais inesquecíveis da minha graduação.

Por aqui encerro, com os versos favoritos de Dona Cirlene:
"Então minha alma canta a Ti, Senhor. Grandioso és Tu, Grandioso és Tu!"

REFERÊNCIAS

ANDRE, M. Memorial, instrumento de investigação do processo de processo de constituição da identidade docente. **Contrapontos** - volume 4 - n. 2 - p. 283-292 - Itajaí, maio/ago. 2004.

BORGES, N. F. V. Tramas e tessituras: atividade docente no ensino de matemática no contexto da deficiência visual. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Federal do Tocantins, 2015. Acesso em: Agos. 2023. Disponível em:
<https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/nod>

[e/wzRwjVaGSQaSh_PmV7GBig/content/Nadia%20Flausino%20Orientadora%20Carmem%20Artioli](https://www.researchgate.net/publication/353111111/figure/fig/1/figure-fig1/1629100000000/e/wzRwjVaGSQaSh_PmV7GBig/content/Nadia%20Flausino%20Orientadora%20Carmem%20Artioli)

BOBERG, Carl Gustav. Música: **Gradoso és Tu**. Canção popular cristã, interpretada por diversos artistas, 1885.

CAZUZA. O Tempo Não Para. In: O Tempo Não Para. [S.l.]: Som Livre, Faixa 1, 1988.

CROSBY, Fane; GÓES, Marcos. **Rei Davi**. Intérprete: Mara Maravilha. Composta em 1885, Gravada em 1996. Album: Reluz, Gravadora: EMI. 1996.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. Revista de Educação do IDEAU, v. 8, n. 17, 2013. Disponível em: [PROFESSOR REFLEXIVO \(ideau.com.br\)](http://ideau.com.br)

GATTI, Bernadete A. **Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: [SciELO - Brasil - Formação de professores no Brasil: características e problemas Formação de professores no Brasil: características e problemas](#)

GATTI, Bernardete A.; BARRETO, Elba S. S.; ANDRÉ, Marli E. D. A.; ALMEIDA, Patrícia C. A. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/unesco/professores/do/brasil>.

GIL, Gilberto. Esperando na Janela. In: GONDIM, Targino. Esperando na Janela. [S.l.]: Independente, Faixa 1, 1999.

LUCAS, Kleber. Deus Cuida de Mim. Música: Gravadora MK Music, 1999.

PEREIRA, Dirlei Azambuja; ROCHA, Sheila de Fátima Mangoli; CHAVES, Priscila Monteiro. O conceito de práxis e formação docente como ciência da educação. Revista de Ciências Humanas – Educação, Pelotas, v. 17, n. 29, p. 31-45, Dez, 2016. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/2307>

ROLIM, Carmem Lúcia A., BORGES, Nadia Flausino V.; O Ensino de Matemática em Salas de Recursos: Vozes e Silêncios. Conhecimento & Diversidade Vol. 10, N. 20, pg.38-49, 2018. Disponível em: https://revista.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/3451

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Millor Fernandes. São Paulo: L&PM, 2007.

[1] Trecho de: Nem um dia – Djavan (1997).

[2] Trecho de: Grandioso és Tu (1885).

[3] Adaptação de maninha, forma como as irmãs se chamavam na infância.

[4] Termo que a mãe usava para explicar para as filhas que estava passando mal, com tonturas, sem forças e pálida.

[5] Esperando na Janela – Gilberto Gil (1982).

[6] O tempo não para – Cazuza (1988).

[7] William Shakespeare – Hamlet (1601).

[8] Ibidem.

[9] Deus cuida de mim – Kleber Lucas. (1999).

[10] William Shakespeare – Hamlet. (1601).

Capítulo 5

Memórias, poesia e o processo de um casulo no caminhar docente

Biannca Alencar

Sonhar é acordar-se para dentro.

Mário Quintana (2005 p.944)

Lembro-me, com bastante leveza, da época em que, aos quinze, dezesseis anos, dava aulas particulares. Inicialmente, porque gostava de ensinar. Nas minhas brincadeiras de infância, ser professor sempre esteve presente. Naquela época, morava no bairro Tresidela, na cidade de Balsas, Maranhão (MA). Na praça próxima à minha casa, havia muitas crianças, e eu as ajudava de forma improvisada, na garagem dos meus pais.

Depois desse primeiro momento, ensinando colegas que moravam perto, comecei também a dar aulas como forma de ajudar financeiramente em casa. Lembro-me de que cobrava um valor simbólico, cinco reais por criança (ou menos). A partir dali, não me via fora da sala de aula. O olhar da criança até hoje me encanta e me renova.

A entrada na universidade marcou meu crescimento. Aos 17 anos, queria começar a trabalhar. Então, passei a atuar durante o dia em uma empresa de Publicidade e Propaganda com o Sr. Wilton, onde aprendi muito. À noite, como não gostava da sensação de estar “parada” ou “acomodada”, iniciei a faculdade a distância de Marketing na Uninter. Meu pai sempre ia me buscar de bicicleta após a aula. Foi uma fase intensa – experiências vividas, desafios superados, aprendizado constante.

Com sede de estudar, continuei no curso de Marketing por pouco tempo. Acredito que essa afinidade com a publicidade tenha vindo dos meus pais. Eles tinham uma revista chamada *Focus* em Balsas-MA, na qual relatavam os acontecimentos da cidade. Tenho orgulho do empenho deles.

Segui estudando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, na tentativa de continuar minha jornada acadêmica, vi a possibilidade de cursar Teatro. O amor pela dança, o frio na barriga em cada apresentação... tudo isso me impulsionou. Ufa! Passei. Mas em outra cidade, longe da família.

Aos 17 anos, vim para Palmas/TO. Era a primeira vez que viajava e a primeira vez que ficava longe da minha família. Lembro-me dos medos, das lágrimas. Minha avó veio me acompanhar e passou uma semana comigo.

Hoje, sou muito grata à minha família, à minha madrinha Cláudia, que tanto me ajudou, e aos meus pais, por sempre estarem ao meu lado, apoiando e segurando minha mão. Fiz o curso de Artes-Teatro na Universidade Federal do Tocantins, com uma imensa ânsia de aprendizado.

Desde o 2º período, participei do Programa de Iniciação Científica (PIBID), que me ajudou a lidar com as angústias e dúvidas do início da graduação. Nunca me arrependi da escolha de ser professora. Ainda na universidade, comecei a dar aulas. Em 2014, passei a lecionar Artes em escolas particulares e me encontrei ali, trocando experiências com meus alunos.

O ano de 2016 foi o mais intenso e de maior carga de trabalho. Dava aulas em quatro escolas particulares. Apesar da correria, da distância entre um trabalho e outro, do calor e dos atrasos dos ônibus, persisti e consegui.

Nossa turma, 2011/2, começou com 80 alunos no bloco D (Anfiteatro). Entre nós, havia estudantes de Teatro e Filosofia. Aprendi muito e conheci pessoas incríveis, que até hoje fazem parte da minha vida. Esse ciclo estava se reiniciando no dia 23 de março de 2016. Lembro-me bem dessa data, porque foi um dia diferente.

Durante a semana da colação de grau, fiquei responsável por organizar os presentes dos professores, agendar o salão de beleza, preparar os ensaios e escrever meu discurso como oradora da turma. No meio desse turbilhão de emoções, meu avô veio para Palmas-TO, para o Hospital Geral de Palmas. Ele não estava bem.

Um dia antes da colação, fui visitá-lo. Com lágrimas nos olhos, lembro-me do quanto ele queria estar presente, do quanto me incentivou a brilhar naquele dia, da felicidade que sentia e do conselho que me deu: *não desistir*.

Na madrugada do dia 23 de março, ele faleceu. Eu já estava acordada, sentindo que algo não estava bem.

No dia da colação de grau, fui ao ensaio com a intenção de não participar da cerimônia. Eu não estava inteira para aquilo. Mas lembrei das palavras do meu avô: *não desistir*. Colei grau com a garganta travada, sabendo que a reunião da família naquele dia não era por mim, mas porque ele queria nos ver juntos novamente.

Morte é renascimento.

Após concluir o curso, com receio de me acomodar, busquei aprimoramento. Decidi tentar o Mestrado em Educação. Passei na segunda tentativa, na Universidade Federal do Tocantins. Sabia que não seria fácil. A vida sempre impõe obstáculos. Mas conheci pessoas que me enriqueceram com suas experiências e me ensinaram que o caminho que eu estava trilhando valia a pena.

Refletir sobre a memória e suas implicações na formação dos sujeitos significa entender que, de alguma maneira, ela reconfigura aquele que está imerso no processo de rememoração. Então, Santos (2013) diz que:

As memórias, de experiências passadas, está presente em cada palavra que proferimos, em cada passo que damos ou em cada sonho que lembramos. Ela está presente no pensamento, nos sentimentos e percepções, bem como na imaginação. Tudo o que sabemos ou que podemos aprender se deve as memórias que possuímos ou que iremos adquirir. Mesmo considerando a presença da memória em nós, precisamos considerar que esse nós não é uno e indivisível. Nós não somos capazes de lembrar, com todos os detalhes, nem mesmo, um evento vivenciado, algumas horas atrás. (SANTOS, 2013, p. 109).

Mais do que nunca, quero continuar compreendendo, enfrentando e me aprofundando no meu papel dentro da educação. Seja na Educação Básica, no Ensino Superior ou na gestão – um caminho que desejo seguir –, esse trajeto precisa ser percorrido.

Agradeço todos os dias pelas pessoas que fazem parte dessa jornada intensa, marcada por correria, trabalho, estudo, dedicação, espera e ansiedade, mas também por uma esperança inabalável de que tudo já deu muito certo.

Este memorial traduz a minha existência no mundo. Sou esse ser de luta que, hoje, segue em movimento, com a determinação correndo em minhas veias, impulsionando-me a compreender minha melhor forma de ver e sentir o/no mundo.

Assim como afirma Freire (2000)

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. [...] Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente (p. 153).

A aventura docente permite a troca, o diálogo e o repensar da prática como ponto de partida para a mudança, a ressignificação e a reconstrução, sempre necessárias. É o ato de se despir dos saberes que considero meus para abrir espaço aos novos que virão.

Processo é progresso

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

(FREIRE, 1997, p. 155)

A escola me deixou marcas profundas. Ao lembrar minha trajetória escolar, especialmente no ensino fundamental, vem à minha mente a professora Nair, a quem chamávamos carinhosamente de Tia Nair. Recordo o cuidado que ela tinha conosco, as atividades envolventes e, em especial, o

dia em que uma forte chuva derrubou todas as árvores ao redor da escola, deixando-nos apavorados enquanto olhávamos pela janela.

Durante o ensino fundamental e médio, minha mãe administrava uma revista na cidade. Graças a isso, tive a oportunidade de estudar em uma escola particular — o Marista — por meio de permutas com a revista.

Foi nessa escola que construí amizades valiosas, que perduram até hoje. Giovana e Mayanna, sou grata por continuarem ao meu lado e por estarem sempre por perto. Desde aquela época, meu amor pela dança e pelas artes se fazia presente, acompanhando-me ao longo da minha jornada.

No ensino médio, tive contato encantador com a poesia, graças ao professor César, de Língua Portuguesa. Ele trazia a poesia para a sala de aula de forma envolvente, tornando-a parte de nossa vivência escolar. Em uma das aulas, ele propôs que escolhêssemos um poema para declamar, e até hoje aquele momento permanece em mim. O poema que escolhi foi *"Nasce o sol e não dura mais que um dia"*, de Gregório de Matos. A partir dessa experiência, outras linguagens artísticas se tornaram parte essencial do meu caminho, enriquecendo ainda mais minha trajetória.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado (Rubem ALVES, 2002, p. 29)

Como diz Rubem Alves — e ainda bem que ele diz isso — há escolas que são asas e há escolas que são gaiolas. Vivi um dos processos mais desafiadores do meu caminhar docente: o mestrado. Durante esse período, conciliei as disciplinas do mestrado com a rotina intensa de trabalho, atuando como professora de Artes em quatro escolas ao mesmo tempo. Mas, como tudo na vida vai se encaixando, consegui concluir todas as disciplinas justamente quando passei no processo seletivo do Sesc para professora.

O processo da escrita foi um grande desafio, desde as disciplinas até o momento de elaborar a dissertação. Enfrentei dificuldades por não ter formação em Pedagogia, já que minha graduação em Artes não contemplava alguns conceitos essenciais para o mestrado em Educação. Por isso, mergulhei em leituras e releituras de textos, buscando esclarecer dúvidas com colegas e professores.

No meio desse percurso, senti no coração a necessidade de mudar de orientadora. Minha primeira orientadora, por questões de linha de pesquisa, logística da escrita e até mesmo pelo relacionamento acadêmico, já não correspondia ao que eu precisava naquele momento. Foi então que fiz a transição para a Professora Dr^a Rosilene Lagares — e essa se revelou a melhor mudança que poderia ter ocorrido. Com ela, descobri que o mestrado também podia ser humano, sensível e possível.

Segui construindo minha pesquisa e escrita, que no início me pareciam impossíveis. Hoje, ao revisitar esse processo, percebo o quanto ainda há para caminhar, mas também o quanto já conquistei. Foi nesse período que descobri meu amor pela formação de professores. Em meio à pandemia, escrevi um e-book, *Arte em Todos os Encontros e Lugares*, com o objetivo de promover trocas entre professores da educação. Mesmo no formato remoto, busquei criar um movimento contínuo de compartilhamento de experiências. Através desse projeto, conheci pessoas de diversos estados e construí pontes que antes pareciam inatingíveis. Aprendi que precisamos dar mais força e coragem aos nossos próprios sonhos.

A escrita desse e-book digital foi viabilizada por meio do edital de cultura “Aldir Blanc”, que me permitiu perceber a necessidade de difundir e trocar conhecimentos sobre arte no ambiente escolar. Precisamos avançar na compreensão dos conceitos e na prática da arte dentro das escolas. Como afirma Ana Mae Barbosa, *“Todo artista tem o que ensinar”* (BARBOSA, 2012). E todo artista é legítimo na sua escolha artística. Esse e-book não teve como objetivo apenas abordar conceitos e movimentos artísticos mundialmente reconhecidos, mas sim provocar reflexões sobre a importância

de discutir nossas próprias construções, ideias e pensamentos relacionados à arte e à educação.

No ano de 2021, ainda durante a pandemia, enxerguei novas possibilidades de unir o ensino da arte à tecnologia. Assim, me dediquei a diversas formações online na área da arte-educação, explorando temas como criatividade, escrita criativa e poesia. Foi um período enriquecedor, no qual conheci e dialoguei com pessoas que atravessaram meu caminho por meio dessas formações.

Conheci outros estados sem sair de casa e me conectei com pessoas de diferentes partes do Brasil. Essa jornada foi repleta de trocas significativas, que me ajudaram a compreender melhor meu próprio processo e objetivos com a arte: compartilhar diálogos e experiências em diferentes contextos e com diversas pessoas.

No Tocantins, e especialmente em Palmas, poderia escrever páginas e mais páginas sobre os artistas e grupos que mantêm viva a arte em diversos espaços. Sinto que precisamos valorizar a potência do que temos ao nosso redor: nossos artistas, nossos amigos, aqueles que nos ensinam e nos inspiram diariamente. A arte, em sua efemeridade, nos faz sentir — e por isso, precisamos continuar produzindo.

Neste momento, convido Josso (1991) para reforçar a ideia de que cada pessoa precisa viver como autora de sua própria formação.

“de adquirir a consciência necessária não apenas quanto à reivindicação de ser sujeito, mas também à sua realização, por mais difícil e frágil que ela possa ser. O projeto de conhecimento toma então toda sua amplitude, não apenas porque ele define um interesse de conhecimento e uma perspectiva de formação, mas também porque contribui para a constituição de um sujeito que trabalha a consciência de si e seu contexto, tanto quanto a qualidade de sua presença no mundo” (JOSSO, 1991, p.21).

Uma das experiências que mais transformou minha trajetória na educação aconteceu a partir de 2018, quando iniciei minha caminhada na

Educação do SESC (Serviço Social do Comércio) e me aprofundei na metodologia sociointeracionista, sobre a qual já havia ouvido falar.

Além disso, tive a oportunidade de ser professora em um projeto que me permitiu vivenciar a autonomia do ensinar e do sentir, em conexão com as crianças, suas famílias e a comunidade escolar.

Dois anos depois, fui convidada a integrar a gestão como Orientadora Pedagógica do Ensino Fundamental da Escola Sesc de Palmas, função que exerço até hoje. Essa experiência tem sido um movimento constante, intenso e transformador — de dentro para fora —, desafiando-me a revisitar conceitos, aprimorar práticas, desenvolver estratégias e fortalecer os vínculos entre família e escola, escola e comunidade, e, sobretudo, entre mim e a escola.

Com a contribuição das disciplinas do doutorado, uma nova chave virou dentro de mim. É hora de voar. E eu só posso continuar.

Nada é tão nosso quanto os nossos sonhos

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo” Fernando Pessoa (1928)

Nesse contexto, resgato minhas memórias e, quem sabe, novos saberes. Ao falar sobre sonhos, quero reafirmar o meu: continuar sentindo e vivendo, em essência, a minha essência. Estou em um processo constante de reencontro comigo mesma, e ao perpetuar minha identidade ao longo dessa jornada, percebo que o mais importante é seguir, redescobrimo-me a cada passo.

O processo de transformação — como um casulo que se desfaz para dar lugar à borboleta — é um retorno a si, tantas vezes quantas forem necessárias. Mudar a rota, o destino, as escolhas, a vida. Continuo caminhando, sabendo que, em alguns momentos, esse percurso será solitário; em outros, compartilhado. Haverá obstáculos e situações em que será preciso dar um passo atrás para, então, alçar voos inimagináveis.

Não me vejo longe da escola. Enxergo-me nesse espaço de movimentos singelos e grandiosos, contribuindo para um propósito maior, que é a chave

da transformação: a educação. O reinício e o eterno reencontro com o nosso ser são partes essenciais desse processo. Como docente e pesquisadora, sinto uma responsabilidade imensa em seguir esse caminho, pois lidamos diariamente com pessoas e com as cobranças que nos atravessam em todos os momentos. Sigo aprendendo a respirar e a respeitar meus processos. Tudo acontece da forma que precisa acontecer.

Hoje, como artista, formadora, gestora, professora e pesquisadora, quero continuar. Além disso, sinto, com profunda convicção, a urgência de ampliar as formações em arte-educação nas escolas e universidades, tanto para professores quanto para toda a comunidade escolar. Precisamos gritar, falar, dialogar sobre arte. Esse é o caminho que escolho seguir. Não vou parar.

A arte, em sua efemeridade, nos faz sentir. E é por isso que precisamos continuar: produzindo, sentindo, seguindo, indo.

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.”

Rubem Alves

Referências

ALVES, Rubem. *Gaiolas ou Asas? Por uma educação romântica*. Papirus, 2002, pp. 29-32.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil*.-5.ed - São Paulo: Perspectiva, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGGI, M. C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C. ABRAHÃO, M. H. M. B (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006, p. 206.

QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2013.

Capítulo 6

Descortinando os caminhos percorridos na minha trajetória formativa e profissional: que imagem você vê?

Aragoneide Martins Barros

Só o que não para de doer permanece na memória.

(Nietzsche)

O movimento de parar, refletir e voltar-se para dentro de si, revisitando memórias em um processo de rememoração da própria trajetória, não é algo simples, mas é essencial para exercitar a memória. Ainda durante o curso de Pedagogia, a pesquisadora compreendeu a importância da escrita de um memorial, seja como compromisso acadêmico ou profissional, reconhecendo que é por meio das lembranças que reconstruímos nossa trajetória. Como ressalta Bosi (1994, p. 68): “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar”.

Raízes da pesquisadora goiana/nortista

Em 1957, quando o Tocantins ainda fazia parte do norte de Goiás, a senhora Maria do Socorro Martins Silva migrou da cidade de Loreto, no Maranhão, para terras no município de Miracema do Norte, acompanhada do marido e de cinco filhos, sem nenhum recurso. Em 1958, deu à luz minha mãe, que, anos depois, em busca de melhores condições de vida, mudou-se para Brasília-DF aos 19 anos. No entanto, a realidade da cidade grande foi cruel para uma jovem pobre e com pouco estudo, levando-a a retornar à sua cidade natal em 1984, agora acompanhada de dois filhos.

Vale lembrar que, nesse período, a ditadura militar no Brasil, instaurada após o golpe de 1964, chegava ao fim sem promover rupturas significativas na ordem social nem responsabilizar os agentes das violações aos direitos humanos. Logo após, ocorreram eleições indiretas para a

presidência da República, e, em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito. No entanto, ele não chegou a tomar posse devido a problemas de saúde, falecendo em 21 de abril do mesmo ano. Dez dias antes, eu nascia na Maternidade Dona Domingas, em Miracema.

Foi nesse contexto sociopolítico que começou a minha história, como a quarta filha de um total de cinco da senhora Maria de Jesus Martins Silva. Após o parto, minha mãe, que vivia em uma porção de terra da Fazenda Angico, propriedade de meus avós maternos, retornou para a roça.

A vida no campo tinha seus encantos: vivíamos juntos, brincávamos, nadávamos e, por várias vezes, atravessamos o rio. Éramos muito unidos, e tudo poderia ter sido ainda melhor se não fosse pela presença de meu pai, que, apesar da pouca convivência, infelizmente marcou minha vida.

Antônio José da Silva era um homem extremamente violento, principalmente quando estava sob o efeito do álcool. Recordo-me de minha mãe fugindo às pressas, mato adentro, arrastando-me pela mão e com meu irmão no colo, para escapar das agressões dele. Saíamos todos correndo e chorando em busca de abrigo na casa de minha avó materna. Naquela época, a região abrigava muitas onças, mas o medo maior era de Seu Antônio.

Outra lembrança que carrego dele são os domingos, quando saía cedo para vender mercadorias na feira da cidade. No final do dia, ao retornar para casa, já da porteira começava a gritar: “Maria, manda teus machos saírem que eu estou chegando. Se eu pegar um aqui, eu te mato!”. Minha mãe, ao ouvir essas calúnias, tremia de medo e de raiva, pois sabia que ele havia bebido. Muitas vezes, ela o enfrentava. Mas o ritual era sempre o mesmo: se estávamos comendo, ele derrubava nossos pratos, jogava fora a comida das panelas e quebrava tudo ao seu alcance. No dia seguinte, chorava, pedia perdão e prometia que nunca mais faria aquilo. Mas bastava a primeira dose de cachaça para que ele esquecesse todas as promessas, repetindo o ciclo por anos.

Apesar da opressão a que foi submetida em seu primeiro casamento, minha mãe foi uma guerreira. Se, em certos momentos, parecia submissa às agressões e insultos do marido, essa postura muitas vezes representava uma estratégia de sobrevivência, uma tentativa de proteger a si mesma e aos filhos em uma sociedade que repetia o velho chavão: “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Mas ela encontrou, à sua maneira, um caminho para a superação e, mais tarde, refez sua vida ao se casar novamente.

Infelizmente, a violência doméstica ainda persiste em nossa sociedade. Embora tenhamos avançado no combate às agressões e no acolhimento das vítimas, como demonstram a Lei Maria da Penha e outras iniciativas, os casos de feminicídio continuam a assombrar o país. A luta por segurança, dignidade e justiça para as mulheres segue sendo urgente e necessária.

Rastros dos primeiros anos escolares

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.
(Marx, 1997, p. 2)

Em 1961, minha avó, que não tinha condições de levar os filhos para estudar na cidade, fez um apelo ao então prefeito de Miracema, senhor Pedro Noleto, para que construísse uma escola no campo. Sensível à necessidade, ele autorizou a criação da Escola São José, que funcionou durante 19 anos dentro da própria casa da minha avó, atendendo não apenas seus filhos, mas também os filhos dos vizinhos da região e, mais tarde, seus netos.

Em 1980, durante a gestão do prefeito Boanerges Moreira de Paula, minha mãe conseguiu viabilizar a construção de uma escola de alvenaria em suas terras, próxima à nossa casa. A nova escola contava com uma sala de aula, banheiro, cozinha, biblioteca e uma pequena área externa, proporcionando um ambiente mais estruturado para o aprendizado.

Aos quatro anos de idade, criada e enraizada na roça, tive meu primeiro contato com a vida escolar ali mesmo, na Escola Municipal São José. Minha primeira professora foi minha avó materna, Maria do Socorro Martins Silva, que tinha apenas formação escolar básica. Com uma visão tradicionalista de ensino, ela adotava métodos rígidos de disciplina, incluindo castigos físicos para os alunos considerados indisciplinados.

Lembro-me de que, nos dois anos em que estudei nessa escola, frequentemente era despertada das conversas paralelas com puxões de orelha e algumas palmadas de palmatória. Essas memórias, embora duras, fazem parte do contexto educacional da época, em que práticas punitivas eram naturalizadas no ambiente escolar.

Fotografia 1 – Vo Socorro



Fotografia 2 - Minha mãe, avó e eu



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em 1992, minha mãe conseguiu um lote na prefeitura e convenceu meu pai a construir uma casa na cidade para que pudéssemos continuar os estudos, já que meus irmãos mais velhos haviam concluído a 4ª série do ensino fundamental. Ele ergueu um barraco de palha, e assim se deu minha transição da zona rural para o mundo urbano. Durante a semana, ficávamos na cidade para estudar e, nos finais de semana, retornávamos para a roça.

Vale destacar que, quatro anos antes, Miracema viveu um período de grande euforia com a criação do estado do Tocantins, fruto da Constituição Federal de 1988. A cidade foi escolhida para ser a capital provisória do novo

estado, o que atraiu pessoas de várias partes do Brasil em busca de oportunidades e melhores condições de vida. Durante esse período, muitas construções foram iniciadas, dando a sensação de que a cidade finalmente prosperaria.

No entanto, a realidade foi diferente. O que deveria durar pelo menos dois anos foi abruptamente interrompido por conflitos de interesses e disputas de poder. Em 1º de janeiro de 1990, o governador José Wilson Siqueira Campos transferiu a capital para sua sede definitiva, Palmas, deixando Miracema com obras inacabadas e um sentimento de vazio, frustrando os sonhos de muitas pessoas.

Foi nesse cenário que, em 1992, chegamos à cidade que agora era a ex-capital do estado. Eu tinha 7 anos e fui matriculada na 1ª série do ensino fundamental na Escola Municipal Manoel Messias. Apesar de ter estudado por dois anos na Escola São José, a direção não considerou esse período devido à minha pouca idade. Nos primeiros anos escolares, não tive grandes dificuldades, embora minha timidez exacerbada, possivelmente agravada pelos castigos físicos na escola da minha avó, me impedisse até mesmo de pedir para ir ao banheiro. Nesse sentido, a professora Maria do Espírito Santo, responsável pelo meu processo de alfabetização, foi fundamental, sempre demonstrando paciência e carinho.

Cursei da 1ª à 6ª série na Escola Manoel Messias, sendo que a 5ª e a 6ª séries foram no formato supletivo. Aos 12 anos, fui transferida para a Escola Municipal Onesina Bandeira e comecei a morar e trabalhar em casas de família devido às dificuldades financeiras que enfrentávamos. Foi um período tumultuado: já não podia mais me dedicar aos estudos e às leituras, algo de que gostava muito, pois meu tempo era consumido com as tarefas domésticas — lavar, passar, cozinhar e cuidar de um bebê. Eu me sentia exausta, e o pior era não ver a cor do meu salário, pois não recebia um. Minha única remuneração eram algumas peças de roupa, produtos de higiene pessoal e o material escolar.

Nesse período, morei em duas casas diferentes em Miracema, enfrentando momentos difíceis e muitas humilhações. Chorava constantemente e, na tentativa de escapar dessa realidade, planejei fugir com um amigo. Minha mãe, no entanto, descobriu a fuga por meio de uma carta que escrevi detalhando nossos planos e, para impedir que eu partisse, me levou de volta para casa.

Em 1999, cursei o 1º e o 2º anos do ensino médio no Centro de Ensino Médio (CEM) Dona Filomena Moreira de Paula. No primeiro semestre de 2001, uma colega me convidou para morar e trabalhar na casa de uma família baiana em Palmas, com a promessa de que eu receberia um salário. Como estávamos precisando, aceitei a proposta.

Ao chegar em Palmas, minha idade impediu que eu estudasse no período noturno, o que desagradou meus “patrões”. Assim, fui matriculada no período matutino na Escola Estadual de Palmas. Foi nessa casa que compreendi o quão difícil é não ter a proteção da família. Trabalhava intensamente, não recebia nada e, muitas vezes, sequer tinha dinheiro para pagar a passagem do coletivo. Além disso, era proibida de participar de qualquer evento escolar e até mesmo de frequentar a biblioteca para fazer pesquisas e realizar os trabalhos escolares. Com essa rotina, minhas notas começaram a cair, e quase fui reprovada.

Em 2001/2, retornei para Miracema do Tocantins e me matriculei novamente no CEM Dona Filomena Moreira de Paula. Dessa vez, me dediquei ao máximo, conseguindo ser aprovada e concluir o Ensino Médio Técnico aos 16 anos.

O abandono dos estudos: realidade e consequências

Ao concluir o ensino médio, fui tomada por sentimentos distintos. Por um lado, estava feliz por ter chegado até ali e estar apta a seguir minha trajetória acadêmica. Por outro, sentia frustração, pois o curso que realmente desejava — Medicina — estava completamente fora do meu alcance. Considerei cursar Enfermagem, uma área próxima, mas, devido às nossas dificuldades financeiras, essa também não era uma opção viável.

Minha mãe, com suas poucas economias, conseguiu pagar a inscrição para o vestibular de Pedagogia em Palmas. No entanto, naquela época, eu era uma adolescente imatura e rebelde. Não estudei, não compareci à seleção e, para piorar, envolvi-me em um relacionamento com um homem que minha família inteira via como uma péssima escolha. Apesar de seus inúmeros defeitos, para mim, na época, eram apenas detalhes. Pouco tempo depois, comuniquei à minha mãe que iria morar com ele em Goianira-GO. Ela foi contra, e eu ameacei fugir. Diante disso, ela impôs uma condição: “Se você quer sair de casa com um homem, que saia casada.” Aceitei. Em apenas 22 dias, demos entrada nos papéis no cartório, me casei e, logo após, mudei-me como havia planejado.

O desfecho dessa história não poderia ter sido diferente: sofri muito. Foram anos de traições, brigas, privações e ameaças. Para sustentar a casa, voltei a trabalhar como empregada doméstica e, depois, como trabalhadora rural temporária, colhendo café na zona rural de Goianira-GO.

Nesse período, ainda pensei em retomar os estudos, mas não tinha condições. A universidade mais próxima ficava a quilômetros de Goiânia, e eu não dispunha de nenhum suporte. Acabei desistindo. Tentei prestar concursos, mas, sem qualquer preparação, não obtive sucesso.

Após o fim da colheita de café, recebi um convite inesperado de uma prima do meu marido para atuar como professora substituta na escola onde ela lecionava. Desempregada e passando por dificuldades, aceitei a oportunidade.

Lembro-me até hoje da sensação de desespero ao chegar à escola. A direção não solicitou meu certificado, apenas perguntou se eu havia concluído o magistério. Timidamente, assenti com a cabeça. Naquele momento, o medo e o nervosismo tomaram conta de mim. Minhas pernas tremiam quando entrei na sala, eu suava frio e não sabia o que dizer ou por onde começar. Os alunos, crianças da 1ª série do ensino fundamental,

começaram a me chamar de “tia”, perguntar meu nome e mostrar seus cadernos. Aos poucos, essa interação espontânea foi aliviando minha tensão.

Naquele dia, vivi uma experiência que jamais esqueci. Após copiar a tarefa no quadro (seguindo o planejamento que a professora regente havia deixado), pedi à turma que copiasse para que depois pudéssemos resolvê-la juntos. No entanto, mal terminei de escrever e uma garotinha linda prontamente me chamou à sua carteira, exibindo, com alegria, um caderno cheio de rabiscos ininteligíveis. “Já terminei!”, exclamou orgulhosa. Sem pensar, apaguei o que ela havia feito e disse: “Não está bom, nossa, está muito ruim, vou te ensinar como se faz.” A expressão de felicidade se desfez imediatamente. Incrédula, a menina olhou para mim e começou a chorar descontroladamente. Fiquei atordoadada. A diretora precisou ser chamada e, por fim, ligou para os pais da criança, que vieram buscá-la.

Com o tempo, tive outras experiências em turmas do 5º e 6º anos, além do 1º ano do ensino médio. No entanto, a visão que eu tinha sobre dar aulas ainda era a mesma que havia recebido na infância: baseada no autoritarismo, no controle rígido da turma (ainda que sem castigos físicos) e na simples transmissão de conteúdos. Meu papel se resumia a aplicar as atividades previamente definidas — que, muitas vezes, eu mesma tinha dificuldade em resolver — e manter uma postura séria para desencorajar qualquer aproximação. Evitava perguntas para não expor minha insegurança, fruto da falta de formação adequada e de uma concepção equivocada sobre o ensino.

Nesse contexto, Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, explicita:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 47).

Como já mencionei, meu casamento não deu certo. Suportei muitas dificuldades em silêncio, sem poder relatar nada à minha família, pois sabia

que eles haviam sido contra essa união desde o início. No entanto, durante uma discussão acalorada, fui agredida fisicamente pelo meu “companheiro” e, naquele instante, toda a violência que minha mãe havia sofrido com meu pai veio à tona na minha memória. Apesar do medo de ser morta, decidi enfrentá-lo. Pedi a separação e retornei para a casa da minha mãe.

Voltar nunca é fácil. Reconhecer que fiz escolhas erradas não mudava o passado, e cada decisão que tomei trouxe consequências que eu precisava enfrentar. Como disse o filósofo Jean-Paul Sartre: *“Não importa o que a vida fez de você, mas o que você faz com o que a vida fez de você.”*

Apesar de minha mãe ter me acolhido, eu sentia que já não pertencia mais àquela casa. As coisas haviam mudado, e eu precisava sair, reconstruir minha vida e conquistar minha independência. Assim, sete meses após meu retorno, comecei a namorar outro rapaz e, três meses depois, passamos a morar juntos — mesmo sem que meu divórcio estivesse oficializado. Esse relacionamento durou cinco anos e dez meses e, ao contrário do anterior, foi uma experiência positiva.

O tempo passou e, somente oito anos após concluir o ensino médio, decidi retomar os estudos.

O ingresso no ensino superior e o exercício do magistério: desconstrução e reconstrução dos objetivos profissionais

Aos 24 anos, já no meu segundo casamento, trabalhava como vendedora em uma loja de brinquedos e papelaria. Passava horas folheando os cadernos, encantada e desejosa de ter um daqueles para chamar de meu. Foi nesse período que o desejo de voltar a estudar renasceu em mim, desta vez sem exigências, disposta a fazer o que fosse possível.

Felizmente, naquela época, o movimento de federalização da educação superior no Norte do país já havia se concretizado, marcando a transição da Universidade do Tocantins para a Universidade Federal do

Tocantins (UFT). Para minha sorte, um câmpus da UFT havia sido implantado justamente em Miracema do Tocantins.

Prestei o vestibular, mas não fui aprovada. Fiquei arrasada. No entanto, em vez de me desmotivar, esse fracasso me impulsionou a me dedicar ainda mais aos estudos. No segundo semestre de 2007, a turma disponível era no período matutino, o que significava que eu teria que deixar o emprego. Mesmo assim, tomei a decisão de tentar novamente. Estudei com afinco, fiz a prova pela segunda vez e, dessa vez, fui aprovada em 1º lugar para o curso de Licenciatura em Pedagogia na UFT, câmpus de Miracema.

Paralelamente, saiu o concurso da prefeitura de Miracema e pensei: *"É a minha oportunidade!"* Fiz a prova e fui aprovada dentro das vagas.

Assim, em 2008, ingressei na universidade. Estava radiante, empolgada e decidida a dar o meu melhor. Afinal, sentia que estava entrando em um novo mundo: o ensino superior. Imaginava que aquele ambiente dos intelectuais era diferente, povoado por pessoas brilhantes, que já haviam feito inúmeras leituras e eram, de alguma forma, "melhores".

No primeiro dia de aula, lá estava eu, sorrindo, com meu caderno do Ursinho Pooh, meu estojo combinando e um kit de canetinhas coloridas que sempre sonhara ter, mas só agora, finalmente, podia estrear.

A primeira atividade foi com o professor Adelmo. Ele pediu que destacássemos uma folha do caderno e escrevêssemos um texto relatando a razão pela qual escolhemos o curso de Pedagogia. Na semana seguinte, veio a devolutiva. Os textos estavam sobre a mesa, e o professor Adelmo pegou um aleatoriamente, levantou-o para que todos vissem, sacudiu-o e disse:

"O que é isto? Digam-me! Quando fui corrigir os textos de vocês, à medida que fui pegando um e outro, pensei: 'Como pode, Senhor? Estou trabalhando na educação infantil e não sabia? Que baboseira é essa? Folhinha colorida, bichinhos, cheirinho, canetas coloridas... Onde vocês pensam que estão? Gente, acorda! Isso aqui é a universidade, e eu espero

nunca mais ter o desprazer de receber um texto dessa forma. Atividade aqui é feita em folha branca, com caneta azul ou preta, apenas."

Naquele momento, senti um misto de vergonha e frustração. Hoje, compreendo o teor da "bronca" e sei que o problema não eram as canetinhas coloridas ou o material infantil em si, mas sim a reflexão que ele queria provocar.

Os três primeiros períodos do curso foram uma luta árdua. Questionava-me se de fato havia sido alfabetizada, pois os textos científicos pareciam escritos em outra língua — eu simplesmente não os compreendia. Nos primeiros eventos acadêmicos, como conferências e mesas-redondas, fazia questão de sentar nas primeiras carteiras, prestava atenção em cada palavra dos palestrantes, mas boa parte do conteúdo escapava. O vocabulário acadêmico era repleto de termos e conceitos que nunca haviam feito parte do meu cotidiano.

Diante disso, me perguntei: *E agora? Como resolver? Demorei tanto para chegar até aqui... Não posso desistir!*

Ciente das lacunas na minha formação básica, decidi agir. Passei a frequentar o câmpus também pela manhã, estudava à tarde na prefeitura e, à noite, retornava à universidade para ler, pesquisar e escrever, pois em casa não tinha estrutura adequada.

Aproveitei tudo o que a UFT oferecia: grupos de pesquisa, eventos e atividades acadêmicas. Uma das experiências mais marcantes foi atuar como monitora no Programa Institucional de Monitoria Indígena (PIMI) e no Programa Institucional de Monitoria (PIM), o que despertou em mim um interesse genuíno pela pesquisa e pelo estudo de diferentes saberes. Esse percurso culminou na minha monografia de conclusão de curso, intitulada *"Saber Social e Educação de Camponeses no Município de Miracema do Tocantins"*.

Vale destacar que cursei a graduação durante o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, período em que a federalização da UFT se consolidou (2003). Foi também quando se expandiram os programas de bolsas de iniciação científica, que tiveram um impacto fundamental na minha vida acadêmica e no processo de formação de novos pesquisadores. Minha jornada na graduação durou cinco anos, pois nesse período enfrentei duas greves.

Durante minha trajetória acadêmica na UFT, tive a sorte de aprender com professores excepcionais.

A professora Dra. Maria Irenilce Rodrigues Barros, séria e temida por muitos, foi para mim uma das mentes mais brilhantes e ao mesmo tempo divertidas que já conheci.

A professora Dra. Rosemary Negreiros de Araújo me apresentou ao fascinante mundo da fotografia e das imagens, ensinando-me sobre o valor histórico de um registro e a importância da escuta sensível na pesquisa.

O professor Dr. Márcio Antônio Cardoso Lima já era conhecido por mim antes mesmo da universidade. Era tido como um grande intelectual, exigente e sincero, e esses atributos só aumentavam minha admiração. Tê-lo como mestre foi uma experiência indescritível. Amava ouvi-lo lendo trechos de suas leituras, sorrindo, fazendo expressões exageradas, as mesmas que mantinha ao sentar-se no chão no cantinho da sala, de olhos fechados, ouvindo atentamente seus alunos apresentarem. Foi ele quem me incentivou a arriscar minhas primeiras leituras em espanhol e a sonhar em ter minha própria coleção de livros.

Seu jeito peculiar e apaixonado pelo conhecimento despertou em mim o desejo genuíno de aprender. E esse, afinal, é o papel essencial do professor, como bem explicou Paulo Freire (1996, p. 86):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Nesta narrativa, é importante destacar que, ainda no primeiro período da graduação, passei a integrar o Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Mundo Rural – Edurural, cujo foco de estudo é o fenômeno educativo no contexto das populações rurais do estado do Tocantins. Minha participação nesse grupo teve um impacto significativo na minha formação acadêmica, profissional e na construção do meu olhar como pesquisadora.

O professor Dr. Antônio Miranda de Oliveira não foi apenas meu orientador; ele me guiou de maneira atenciosa e dedicada, mediando meu processo de construção do conhecimento. Com sua expertise, ajudou-me a desenvolver uma nova percepção e compreensão da realidade, especialmente no que diz respeito às minhas próprias raízes.

Fotografia 3 – Defesa graduação



Fotografia 4 – Formatura



Após concluir o curso de Pedagogia, retornei à UFT, no câmpus de Miracema, para cursar uma especialização lato sensu com a temática **Gênero e Diversidade na Escola**. Durante esse período, continuei participando dos encontros do grupo de pesquisa **Edurural**, agora na condição de aluna egressa. Foi a partir das leituras e discussões realizadas nesse grupo, aliadas às minhas vivências anteriores, que despertou em mim

o desejo de compreender como se dava o exercício da docência dos professores, seus saberes e suas práticas educativas e sociais no ensino fundamental entre os anos 1960 e 1990, na cidade de Miracema do Tocantins.

Com base nesses pressupostos e com o incentivo dos professores Dr. Antônio Miranda de Oliveira, Dr. Márcio Antônio Cardoso Lima e Dra. Rosemary Negreiros de Araújo, elaborei meu pré-projeto de pesquisa e participei da seleção para o mestrado acadêmico da UFT, em 2017. A cada etapa superada no processo seletivo, meu coração vibrava: *seria eu, um dia, mestra?* Esse sonho nasceu da confiança que meus mestres depositaram em meu potencial. Eles ampliaram minha visão de mundo – até mesmo no que diz respeito à possibilidade de sonhar. Como bem expressa Paulo Freire (1996):
“Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas.”

De volta à UFT, agora como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/Palmas, tive a honra de ser orientanda da professora Dra. Jocyléia Santana dos Santos, a quem serei eternamente grata por me escolher entre tantos candidatos e me oportunizar a concretização de um grande sonho: tornar-me a **primeira mestra da família Galvão**.

No mestrado, minha pesquisa buscou resgatar, por meio de narrativas, a memória dos professores aposentados sobre sua trajetória no magistério, seus saberes, suas práticas educativas e sociais, bem como seu trabalho docente na educação em Miracema do Tocantins, no período de 1960 a 1990. Para isso, utilizei a **História Oral Temática** como metodologia. Algumas disciplinas do curso foram fundamentais nesse processo, como **História, Memória e Educação; Concepções e Práticas da Formação de Professores; Seminários de Dissertação e Educação, Diversidade e Interculturalidade**, que me proporcionaram contato com diversos autores que estudam a trajetória da profissão docente sob uma perspectiva histórica e de gênero.

Além de frequentar as disciplinas, busquei ampliar e aprofundar minhas reflexões participando de diversos eventos acadêmicos, como:

- XIV Encontro Nacional de História Oral – *Testemunhar por imagens: história oral e o registro audiovisual*
- X Encontro Regional de História Oral – *(Des)colonialidade, Memórias e Linguagens na Amazônia*
- II Encontro Internacional sobre Formação Docente para a Educação Básica e Superior (Interfor)
- VII Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Formação Docente para a Educação Básica e Superior (Enforsup)
- V Encontro de História da Educação do Centro-Oeste (Eheco) – *Memória e Democracia: Os tempos e espaços da História da Educação* (PUC-GO)

Além disso, tive a oportunidade de apresentar um trabalho no VIII Encuentro Internacional de Historia Oral y Memorias – Lecturas críticas, voces diversas e horizontes políticos en el mundo contemporáneo, realizado em Bogotá, Colômbia.

Essas experiências ampliaram meu repertório acadêmico e me proporcionaram uma rica troca de conhecimentos, despertando ainda mais meu interesse pelas leituras, pelas diferentes abordagens teóricas e metodológicas e pelo aprofundamento no campo da pesquisa científica.

Finalizei o mestrado grávida do meu primeiro filho, Gael. A maternidade, no entanto, nunca foi um desejo para mim. Pelo contrário, pensar nessa possibilidade sempre me causou certa aversão, pois me remetia à figura do meu pai. No entanto, ao me aproximar dos 33 anos e perceber que o tempo para engravidar estava se esgotando, essa questão começou a gerar um incômodo dentro de mim. Foi então que conheci Renan, meu atual companheiro. Ao observar a forma carinhosa como ele trata as mulheres de sua família, nasceu em mim a esperança de que meu filho poderia ter uma realidade diferente da minha e dos meus irmãos.

Fotografia 5 – Eu, Renan e nosso primogênito

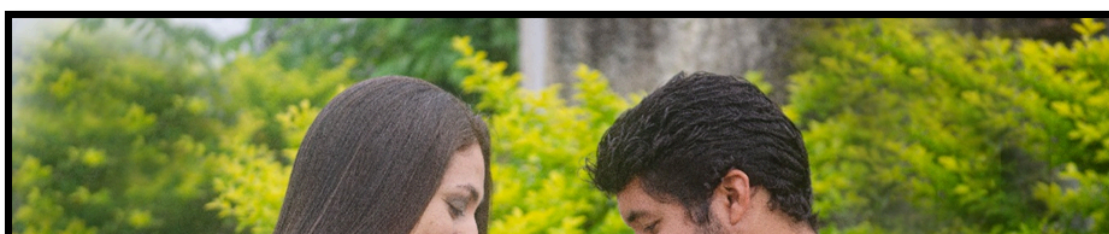


Foto: arquivo pessoal da autora.

Por fim, aqui estou, na UFT/Palmas, como aluna especial do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação na Amazônia – PGEDA, cursando a disciplina Formação Inicial e Continuada de Professores, ministrada pelo professor Dr. Ruhena Kelber Abrão. Mais uma vez, estou dando um novo passo em direção à concretização de um sonho: tornar-me doutora em Educação.

Neste ambiente acadêmico, sou constantemente provocada a parar, olhar no espelho e refletir sobre os caminhos que percorri, externalizando, por meio deste memorial, quem eu fui, quem sou e quem me tornei. Afinal, é por meio da memória que o passado ressurge em nossas lembranças, mesclando-se às percepções do presente. Da mesma forma, as impressões do presente interagem com o passado, fixando-se na consciência (BOSI, 1994). Para a autora, não há presente sem passado, pois as ações, os eventos e os comportamentos que vivenciamos deixam marcas na memória.

Fotografia 6 e 7 – Apresentação deste memorial (UFT, 2023)



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2023.

Após esse movimento de rememoração, questiono-me: "O que os fragmentos das minhas memórias individuais, coletivas, estudantis e profissionais puderam revelar? Teria sido a trajetória de uma mulher, profissional e mãe que errou, caiu, levantou-se e segue trilhando seu caminho, passo a passo, em busca de respostas e de uma vida mais digna? Uma mulher que rompe ciclos, desconstrói certezas e, ao mesmo tempo, constrói sua história, consciente do papel fundamental da educação e da universidade em toda a sua jornada?"

Referências

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (3a. ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Capítulo 7

O caminhar filosófico e o processo formativo

Eduardo Ribeiro Gonçalves

A primeira tarefa de quem quer transformar o mundo,
consiste em compreendê-lo no que ele tem de sensato

Eric Weil

Neste relato, compartilho algumas lembranças que marcaram minha vida, tanto como estudante quanto na minha jornada rumo à docência. São experiências que permanecem vivas em minha memória e influenciam minhas práticas até hoje.

Sendo filho de professora, a prática docente sempre esteve presente em minha vida. Tive a oportunidade, nas séries iniciais, de estudar na mesma escola em que minha mãe trabalhava e, por um período, ela própria foi minha professora. Isso ocorreu tanto na cidade de São Luiz de Montes Belos-GO, onde nasci, quanto em Itaporã-TO, para onde nos mudamos quando eu tinha 8 anos de idade.

Durante essa mudança, estudei por quase um ano em uma escola rural, que adotava turmas multisseriadas, ou seja, reunia alunos de

diferentes séries iniciais (do pré-escolar à 4ª série, equivalente ao atual 1º ao 5º ano do ensino fundamental). Foi nesse contexto que, pela primeira vez, vivi a experiência de ter minha mãe como professora. No início, foi um pouco estranho separar os papéis de aluno e filho, o que gerou certa confusão para mim. Essa situação durou pouco mais de um ano, até nossa mudança definitiva para Itaporã, onde passei a estudar em uma escola estadual com turmas convencionais.

Nessa nova escola, percebi minha facilidade em compreender os conteúdos ensinados. Fui considerado um dos melhores alunos da turma e até da escola, pois resolvia as atividades propostas pelos professores com facilidade e ajudava meus colegas a compreenderem os conteúdos.

Lembro-me de um episódio na 5ª série, quando uma colega ficou de recuperação em matemática. Como a cidade era pequena e todos se conheciam, a mãe dela veio até mim pedir que eu a ajudasse. Aceitei o desafio, mesmo sem saber se teria êxito. Para minha surpresa, minha colega conseguiu a aprovação com nota máxima. Com o tempo, percebi que a dificuldade dela não era exatamente o conteúdo, mas sim a metodologia da professora, que não facilitava sua compreensão. Como fui paciente ao explicar e reexplicar os conceitos, ela assimilou tudo com mais facilidade. Essa foi minha primeira experiência como professor – e eu tinha apenas 13 anos.

Minha jornada escolar começou aos 5 anos, quando fui matriculado no pré-escolar (equivalente ao atual 1º ano). No entanto, minha alfabetização de fato aconteceu na 1ª série (hoje 2º ano), sob a orientação de uma professora que também fazia parte da minha família – prima de primeiro grau do meu pai. Tínhamos uma relação de carinho e convivência fora do ambiente escolar, o que tornou essa fase ainda mais especial.

Acredito que, na época, havia pouca diversidade de materiais didáticos, e lembro-me bem da cartilha *Caminho Suave*, amplamente utilizada na alfabetização. No primeiro livro de leitura, os personagens da

cartilha continuavam presentes, agora em narrativas mais elaboradas, mas ainda de forma bastante lúdica.

Desde muito pequeno, ao assistir televisão, observava atentamente as propagandas e reconhecia as imagens, mesmo sem saber ler. Um episódio marcante ocorreu após uma cirurgia de amígdalas: tive uma hemorragia e precisávamos ir ao hospital às pressas. No colo da minha mãe, enquanto meu tio dirigia e meu pai orientava o caminho, eu nomeava todas as lojas pelas quais passávamos, mesmo sem ser alfabetizado ainda.

Acredito que essa habilidade de associar imagens a seus significados me ajudou bastante no processo de alfabetização. Não lembro de ter enfrentado dificuldades iniciais, até porque, nos anos 1980, a memorização era bastante valorizada, muitas vezes mais do que a compreensão contextual dos conteúdos.

Ao longo da minha trajetória educacional, percebi que sempre me convidavam para integrar grupos de estudo e atividades escolares. Com frequência, os professores me alocavam estrategicamente em grupos para ajudar colegas a realizarem as tarefas propostas e obterem melhores resultados. Talvez isso se devesse à minha facilidade em me relacionar com os outros e em articular estratégias para a realização das atividades. Essa dinâmica se manteve ao longo de todo o ensino fundamental e, ao ingressar no ensino médio, não foi diferente.

Essa experiência me remete à reflexão de Carneiro sobre a Educação em Eric Weil:

A educação em Weil deve, assim, ser considerada do ponto de vista moral, com a inclusão de todos os atores da comunidade. A educação tem que ser responsabilidade de todos os atores da comunidade. A educação tem que ser responsabilidade de todos, não somente dos mestres que se propuseram a fazer de suas vidas o cultivo e propagação da educação. A educação tem que está centrada no homem. Ela deve ter como base de formação o ser humano inserido numa comunidade. A educação precisa trabalhar o indivíduo na perspectiva de socialização, de convivência com os demais. (CARNEIRO, 2021. p.94)

Em 1993, ingressei no seminário menor para cursar o ensino médio na cidade de Miracema do Tocantins, iniciando assim minha jornada como seminarista. Durante esse período, éramos quatro colegas cursando a mesma série, porém com trajetórias bem distintas. Dois já estavam no seminário, enquanto eu e outro colega havíamos ingressado naquele ano.

Um dos seminaristas veteranos havia cursado a 6ª série e, posteriormente, feito o supletivo, conseguindo aprovação e ingressando no ensino médio. O outro já estava no seminário, mas havia sido reprovado no ano anterior e estava repetindo a série. Quanto a mim e ao colega que entramos juntos, estávamos iniciando o ensino médio pela primeira vez.

Nas horas de estudo, eu costumava ajudar meus colegas a esclarecer dúvidas, pois conseguia explicar os conteúdos de maneira compreensível para eles. Muitas vezes, questões que não eram bem assimiladas em sala de aula – seja por dificuldades com o estilo do professor ou por bloqueios pessoais – eram resolvidas nessas sessões de estudo. Dessa forma, acabei assumindo um papel de referência educacional para meus colegas, tornando-me uma espécie de liderança no grupo quando se tratava de aprendizado.

Ao concluir essa etapa no seminário menor em Miracema, seguimos para a próxima fase do processo formativo seminarístico: o seminário maior. Esse período é dividido em duas etapas: a primeira consiste no estudo da Filosofia, com duração de três anos, e a segunda na Teologia, que se estende por quatro anos.

Acredito que, quando Coêlho afirma que:

A formação escolar implica o ensino que interroga o saber existente, as ideias e as coisas; se faz reflexões, permanentes convites a girar o olhar do espírito, a se iniciar com rigor e radicalidade ao pensamento, à autonomia, à liberdade, à igualdade e à fraternidade; convite esse que todos possam se sentir em casa, reencontrar suas raízes humanas, a razão de sua existência no mundo e da formação a ser buscada e efetivamente (COÊLHO, 2013. p. 93)

Era exatamente assim que me sentia ao concluir a primeira etapa da formação, a Filosofia, dentro do processo formativo adotado pela diocese na época. Nesse percurso, havia um período denominado "estágio pastoral", um ano em que nos afastávamos dos estudos formais para uma experiência mais prática dentro do próprio território diocesano. Foi justamente nesse momento da formação que decidi solicitar um tempo fora do seminário para retornar à casa dos meus pais e estar mais próximo da minha família.

Ao voltar para casa, percebi a necessidade de ingressar no mercado de trabalho para contribuir com as despesas familiares. Assim, fui admitido como secretário da paróquia da minha cidade.

Algum tempo depois, surgiu a oportunidade de reconhecimento do curso de Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na cidade de Goiânia. O padre da cidade me incentivou a buscar essa certificação. Na primeira turma, não consegui me inscrever, mas na segunda fui aprovado. O processo consistia no aproveitamento das disciplinas que já havíamos cursado no seminário, e um fator facilitador foi que, em sua maioria, os professores eram os mesmos que já haviam nos ministrado as disciplinas anteriormente.

O curso era realizado em um formato semipresencial, com aulas presenciais intensivas em janeiro, na semana do Carnaval, na Semana Santa e durante o mês de julho, além de trabalhos a serem desenvolvidos nos intervalos entre esses encontros. Após dois anos e meio de dedicação, concluí a Licenciatura em Filosofia e, em setembro de 2000, colamos grau.

Foi então que percebi como poderia aproveitar essa formação para seguir o caminho da docência, pois a Filosofia sempre terá um papel fundamental na educação do sujeito, como nos apresenta Saviani: [...]

Diz-se que toda educação deve ter uma orientação filosófica. Admite-se também que a filosofia desempenha papel imprescindível na formação do educador. Tanto assim que a filosofia da educação figura como disciplina obrigatória do currículo mínimo dos cursos de pedagogia. (SAVIANI, 2013. p.11)

Após a colação de grau, procurei a Diretora de Educação, uma amiga pessoal, para verificar a possibilidade de iniciar minha atuação como professor. Ela me encaminhou ao Diretor de Recursos Humanos, que também era um conhecido, e ele me orientou a aguardar a chegada do diploma para dar início ao processo de contratação.

Ainda no mês de outubro, recebi o diploma e voltei a procurar a Diretora, que articulou minha lotação para o início do ano letivo. Como previsto, em janeiro de 2001, iniciei oficialmente minhas atividades docentes na rede estadual de ensino. De 2001 até o final de 2003, atuei como professor contratado, ministrando aulas em duas ou até três escolas simultaneamente e, em algumas ocasiões, sendo designado para outro município.

Durante esse período, aprendi muito, tanto por meio das formações continuadas para professores quanto pela troca de experiências com colegas mais experientes, que sempre me orientavam sobre as práticas em sala de aula. Foi um tempo de intenso crescimento profissional e pessoal, pois percebi que nem tudo o que aprendemos na graduação pode ou deve ser aplicado diretamente na prática. Esse filtro ocorre com o tempo e a experiência, sendo enriquecido pelo compartilhamento de vivências com colegas que já atuam há mais tempo na profissão.

Além disso, participei das formações e estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esses momentos foram extremamente valiosos, pois permitiram debates produtivos sobre a aplicabilidade das propostas pedagógicas na realidade da sala de aula. Acredito que um dos principais objetivos futuros dos PCNs era justamente promover aquilo que Eric Weil nos aponta: [...]

O educador deve formar um indivíduo que, nas suas ações leve em consideração o interesse universal concreto, o que a comunidade define, por seus costumes, regras e leis, como o seu interesse; um indivíduo que, em todas as suas ações e empreendimentos, busque desempenhar o seu papel social da melhor maneira possível (WEIL, 1990, p. 59)

Um momento muito importante e significativo em minha trajetória formativa foi ver minha mãe concluir sua graduação. Ela retomou os estudos a partir da 6ª série, já exercendo a docência, e posteriormente fez o mestrado, garantindo assim as condições para continuar lecionando. Depois de muitos anos, ingressou no curso de graduação, e eu pude acompanhar todo o seu processo de ingresso e formação.

Lembro-me de que a primeira disciplina que ela cursou foi Filosofia. Na ocasião, brinquei com ela: "Mamãe, infelizmente não poderei fazer os seus trabalhos de Filosofia, pois o professor perceberá que não foi a senhora quem os escreveu. Há termos específicos da Filosofia que a senhora ainda não conhece. Mas posso corrigir e ajudar a aprimorar suas ideias." Para mim, foi motivo de orgulho e alegria poder auxiliá-la em sua formação.

Sua formatura foi um momento mágico. Saber que ela era merecedora daquela conquista foi extremamente emocionante. Comparo essa alegria à que senti em minha ordenação sacerdotal, pois sua vitória era também a minha.

Em 2002, participei de um concurso público, no qual fui aprovado, e, algum tempo depois, fui convocado para tomar posse. Assim, tornei-me professor efetivo da educação básica na rede estadual de ensino. Na época, fui designado para atuar em três escolas, assumindo aulas em diferentes níveis. Em uma das escolas, lecionei Filosofia, Sociologia e História no Ensino Médio. Em outra, além dessas disciplinas, também ministrei Geografia. Já na terceira, atuei na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com aulas de Filosofia e Sociologia. Durante quase um ano, vivi essa intensa rotina, chegando a sair de uma escola e correr para outra durante os intervalos, lecionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Uma experiência marcante nesse período foi ter como colegas de profissão algumas professoras que haviam sido minhas docentes ou trabalhado em escolas onde estudei.

Em 2007, logo após o término do estágio probatório, retornei aos estudos no seminário, agora para cursar Teologia na cidade de Palmas.

Paralelamente, continuei exercendo a docência no curso de Filosofia do Instituto Mater Dei, onde permaneço até hoje.

Concluí meus estudos teológicos em junho de 2010 e, no mês seguinte, fui ordenado diácono. Retornei então à Diocese, assumindo o ministério diaconal na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Colinas do Tocantins. Embora não tenha retomado de imediato as atividades docentes de forma oficial, continuei contribuindo de maneira indireta, pois algumas escolas da cidade eram ligadas à paróquia, e frequentemente era convidado para participar de momentos formativos e até ministrar aulas.

Antes mesmo de concluir meu período diaconal em Colinas, fui procurado pelo bispo para uma conversa sobre o futuro. Ele me comunicou que, após minha ordenação presbiteral, eu assumiria a função de reitor do Seminário Menor, que seria reaberto em Miracema do Tocantins. Segundo ele, o Conselho de Presbíteros havia concordado, de forma unânime, que eu tinha o perfil adequado para essa missão. Em espírito de obediência, aceitei o chamado.

Após concluir o diaconato, em dezembro de 2010, retornei à minha cidade natal, Guaraí, para dar andamento à minha ordenação sacerdotal. Em fevereiro de 2011, fui ordenado padre e, conforme previsto, mudei-me para Miracema para assumir a formação do Seminário Menor. Lá, passei a integrar uma instituição mantida pela Diocese, que desempenhava um importante papel na formação de jovens da cidade. Minha participação nesse projeto foi ativa, auxiliando tanto em momentos de aula quanto em atividades formativas.

Como formador, era inevitável que eu assumisse a docência dentro do seminário. Senti-me no dever de ministrar, ao menos uma ou duas vezes por semana, aulas de Introdução à Filosofia. Acreditava que essa base filosófica poderia ajudar os seminaristas que, no ano seguinte, provavelmente ingressariam no Seminário Maior e se deparariam com o estudo formal da Filosofia. Considerava essa introdução essencial para facilitar o processo de

aprendizagem e adaptação ao novo ambiente acadêmico. Para essa fase da minha vida, tomo como referência Soares, que nos diz: [...]

Os filósofos não se encontram fora da história e do tempo, eles caminham para o mesmo ponto de chegada, porém por estradas diferentes. O que existe de comum entre eles é a vontade de atingir esse ponto de chegada. Eles se compreendem, mas como diversos, diversificados a partir da condição que lhe permite refletir sobre eles mesmos e o mundo. A compreensão é o ponto de chegada dos filósofos. (SOARES, 2015. p.44)

Como professor do Instituto em Palmas, viajava duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, para ministrar aulas de Filosofia. Consequentemente, no final de cada ano, sempre orientava alunos em seus trabalhos de conclusão de curso, a monografia. Na maioria das vezes, eram mais de um orientando simultaneamente.

Diante das constantes transferências paroquiais, solicitei uma mudança para uma paróquia fixa. Assim, fui enviado para Guaraí, para atuar em uma paróquia recém-criada. Lá, retomei minhas atividades na rede estadual de ensino, permanecendo por quase quatro anos. Nesse período, iniciei uma nova etapa da minha formação acadêmica: uma pós-graduação lato sensu (especialização). Junto com dois colegas, deslocava-me quinzenalmente para Miracema, onde participávamos das aulas presenciais. Nos intervalos entre esses encontros, realizávamos atividades e participávamos de seminários.

Com o falecimento do meu pai, minha mãe decidiu mudar-se para Palmas para ficar mais próxima dos seus tratamentos de saúde. Diante dessa situação, pedi autorização ao Bispo para acompanhá-la. Após receber sua permissão, mudei-me para Palmas e me apresentei ao Arcebispo Metropolitano, Dom Pedro Brito Guimarães, que me acolheu calorosamente e logo me designou uma nova missão.

Com essa mudança, solicitei remoção para a sede da Secretaria de Educação, especificamente para a Gerência de Currículo e Avaliação, vinculada à Diretoria de Educação Básica e à Superintendência de Educação Básica. Minha solicitação foi atendida rapidamente, e permaneço nessa gerência até os dias atuais.

Buscando ampliar minha atuação no campo educacional de uma maneira diferente e tornar o conhecimento filosófico que adquiri acessível a outros colegas, segui a perspectiva apresentada por Carneiro: [...]

Do educador então se espera que possa proporcionar ao homem a capacidade de agir razoavelmente no seu lugar no mundo. Essa verdadeira educação, a qual tem a instrução e a disciplina como integrantes da sua constituição, é que possibilita a busca da universalidade que tanto se procurava quando enfrentamos o problema da violência existente no homem animal. Ela proporciona ao homem a capacidade de compreender o porquê das coisas e não somente executar tarefas sem ao menos questioná-las ou entendê-las. (CARNEIRO 2021, p.105)

E como a sina de um professor é estar sempre presente nos ambientes educacionais, também ministrei aulas de Introdução à Filosofia no seminário menor, voltadas para aqueles que desejam seguir sua formação no seminário maior. Hoje percebo que, mais do que um incentivo à caminhada vocacional, essas aulas proporcionam uma interação significativa com aqueles que, no futuro, poderão se tornar colegas no mesmo clero.

Após concluir minha pós-graduação, vi uma divulgação sobre o mestrado em Educação na UFT. Passei a considerar essa possibilidade, refletindo sobre a ideia por algum tempo. Em uma conversa com uma colega, compartilhei minha dúvida sobre ingressar no mestrado, e ela me sugeriu a alternativa de me inscrever como aluno especial. Segui seu conselho e iniciei disciplinas nessa modalidade, o que marcou um novo passo no meu processo de evolução profissional e intelectual.

Nesse contexto, Coêlho e Furtado destacam que: [...]

Um valor importante para o ensino é o de apresentar-se como oportunidade para fazer distinções e cultivar a capacidade crítica da razão. Por isso, a ideia de conteúdos críticos torna-se uma ficção quando se compreende que a noção de conteúdo é, para o conhecimento, um meio de análise, mais que um objeto de conhecimento em si. A capacidade crítica é da própria razão. O conteúdo de ensino considerado em sua dimensão empírica, assim como um corpúsculo da física-matemática, não é, senão, “um pretexto

Na época, vi uma divulgação sobre o mestrado em Filosofia, especificamente o PROF-FILO, durante um evento de abertura do período letivo. O palestrante do evento era um professor da graduação com quem eu já tinha contato, o que despertou ainda mais meu interesse em participar. Além de conhecer melhor o programa, aproveitei a oportunidade para reencontrar o professor. Durante o evento, ele me apresentou ao coordenador do mestrado, iniciando assim um diálogo sobre o curso.

Com essas trocas de informações, aproximei-me ainda mais do mestrado em Filosofia. No ano seguinte, ingressei como aluno especial, cursando duas disciplinas. No semestre seguinte, cursei mais duas, sendo que ambas eram obrigatórias, o que me adiantou uma parte significativa da carga horária. Dessa forma, para concluir a etapa curricular, precisei de apenas mais duas disciplinas obrigatórias, além de uma opcional.

Com a chegada da pandemia da Covid-19, as três últimas disciplinas foram realizadas de forma remota. Finalmente, em março de 2023, concluí o mestrado.

Após essa conquista, mantive meu propósito de continuar os estudos, buscando tanto o aperfeiçoamento acadêmico quanto o profissional, alinhando-me ao pensamento de Morin, que nos apresenta: [...]

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2011. p. 37)

Surgiu então a oportunidade de cursar, como aluno especial, a disciplina *Formação Inicial e Continuada de Professores*, oferecida pelo Doutorado em Educação da Amazônia, no campus da UFT em Palmas-TO. Essa experiência ampliou meu conhecimento na área de formação docente, especialmente no que se refere aos professores recém-saídos dos cursos de licenciatura e ingressantes na educação básica.

Esse processo só fortaleceu em mim o desejo de continuar estudando e pesquisando, com o intuito de partilhar esse conhecimento com colegas e estudantes. Afinal, compartilhar saberes é uma necessidade constante no meio acadêmico e profissional.

Agora, mais do que nunca, percebo a importância dessa temática, já que a disciplina me proporcionou uma visão ainda mais ampla sobre a formação dos professores. Isso inclui tanto a preparação dos docentes da educação básica — área à qual estou diretamente ligado e que faz parte do meu cotidiano profissional — quanto o ensino superior, que também apresenta desafios significativos nos dias atuais.

Nesse contexto, podemos refletir sobre o que nos apresentam Perrenoud e Thurler (2002):

As diferentes posições sobre a formação dos professores podem mascarar divergências mais fundamentais (...). Infelizmente, não podemos defender a hipótese de que todos os Estados desejam formar professores reflexivos e críticos, intelectuais e artesão, profissionais e humanistas. (PERRENOUD.THURLER. 2002, p.15).

Acredito que ainda temos um longo caminho a percorrer, mas, com o tempo, chegaremos a um consenso sobre a importância do investimento contínuo e substancial na formação de nossos professores. Espero que um dia também possamos transformar a visão de nossos governantes quanto à abordagem e à amplitude dessa formação.

Desde muito cedo, essa trajetória educacional começou a se desenhar — desde aquela primeira aula particular para uma colega que conseguiu ser aprovada até o momento atual, em que atuo na Secretaria de Educação do Estado, acompanhando o currículo a ser aplicado, e também ministrando aulas de Filosofia no Instituto e no Seminário Menor. É um percurso pelo qual tenho muito a agradecer, pois percebo um amadurecimento contínuo ao longo desse processo. Ainda há muito a ser trilhado, mas seguir caminhando

é essencial, pois a missão do professor é formar pessoas para o mundo e, ao mesmo tempo, formar-se continuamente para permanecer nele.

Atualmente, na Secretaria de Educação, sendo responsável pelo currículo de Filosofia, a responsabilidade é imensa. Estar sempre atualizado e atento às novidades, às mudanças e às questões emergentes é um desafio constante. É fundamental encontrar um equilíbrio para que professores e estudantes possam interagir com harmonia e sabedoria, afinal, o filósofo é aquele que ama e busca incessantemente o saber. No entanto, não apenas o professor de Filosofia deve cultivar esse amor pelo conhecimento; qualquer educador que verdadeiramente valoriza o saber, ainda que não tenha formação específica na área, torna-se, de certa forma, um verdadeiro filósofo.

Como sacerdote, percebo que minha vocação docente não interfere no meu ministério — pelo contrário, complementa-o. É sabido que a universidade nasceu dentro da Igreja, que sempre teve e ainda mantém uma preocupação constante com o processo educacional, tanto para seu povo em geral quanto para a formação de seus padres. Em nosso percurso formativo, olhamos sempre para o futuro, pois é para frente que se anda. E, refletindo sobre essa perspectiva, Morin nos convida a considerar

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2021, p. 43)

E a busca por um ensino universal, no qual as condições de aprendizagem ocorram ao longo da vida como um processo contínuo, deve ser constantemente alimentada. Isso exige uma evolução permanente, tanto no pensamento quanto na atualização de nossas práticas pedagógicas, permitindo aprimoramentos constantes a cada dia.

Em geral se supõe que, em sua formação e trabalho, os docentes precisariam conhecer os *conteúdos* da área, os meios, os procedimentos e as tecnologias adequadas ao ensino, ao cumprimento do programa, à partilha do saber. Assim formados, eles certamente tornar-se-ão ministradores de aulas, transmissores de saber acabado que estaria nos

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA
AMAZÔNIA
(volume 3)

livros, em sua mente e, posteriormente, também na mente dos alunos. Confundir a formação docente com o domínio desses conteúdos e metodologias, com o aprender a fazer a escola e o ensino funcionar, se tornarem eficazes, produtivos e circunscrever, limitar e empobrecer seu sentido e finalidade, desconhecer suas exigências, pressupostos e implicações. É esquecer que ela não é engrenagem nem órgão de um corpo biológico ou social, que deveria funcionar bem, de acordo com o esperado; nem organização cujos papéis já estariam definidos, devendo, então, ser executados. (COELHO, 2013. p. 89)

Assim tem sido e continua sendo o meu caminhar filosófico, dentro de um processo formativo que abrange não apenas o aspecto pessoal, mas também o social e profissional.

Referência

CARNEIRO, Marcelo Larger. *Razão, liberdade e educação em Eric Weil: reflexões sobre a violência humana*. 1ª Ed. Curitiba: Appris. 2021.

COELHO, Ildeu Moreira. *Escritos sobre o sentido da escola*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2013.

COELHO, Ildeu Moreira, MAGALHÃES, Furtado. *Universidade, cultura, saber e formação*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2016.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica Gather. *As competências para Ensinar no Século XXI*. Porto Alegre-RS: Artmed Editora, 2002,

SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 19ª Ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

SOARES, Marly Carvalho. *O filósofo e o político: segundo Éric Weil*. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

WEIL, Eric. *Filosofia Política*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1990.

Capítulo 8

Memorial de formação: aprendizagens reflexivas para uma prática docente construtiva

Alessandra Nunes Escobar Oliveira

A infância, sempre orientada pelos os meus avós maternos, mimada, acarinhada, prestes a ingressar na escola, ouvia sempre a minha avó comentar: "você será meu espelho, terá boas notas, condutas, honestidade e dará continuidade a minha profissão." Expressada na letra da canção de Anderson Freire.

Você é um espelho
Que reflete a imagem do senhor
Não chore se o mundo ainda não notou
Já é o bastante Deus reconhecer o seu valor,

Você é precioso
Mais raro que o ouro puro de Ofir
Se você desistiu, Deus não vai desistir
Ele está aqui pra te levantar
Se o mundo te fizer cair...

Música: Raridade, Canção de Anderson Freire.

Os primeiros passos educativos ocorreram em escolas particulares, sempre sob os cuidados do avô, que me levava em seu carro preto, um Opala Diplomata. Na época, ele exercia a profissão de dentista prático e era uma pessoa de status na cidade. Desde o nascimento, fui criada pelos meus avós, que assumiram a responsabilidade por minha educação, pois minha mãe biológica engravidou aos 11 anos. Eram, portanto, duas crianças para educar e cuidar!

Natural de Jataí, Goiás, minha família sempre enfrentou dificuldades financeiras, especialmente quando o avô consumia álcool. Nessas ocasiões,

precisávamos nos esconder debaixo da cama para não ouvir as agressões físicas, os móveis quebrando e o som do relógio sendo desligado—um padrão recorrente na casa—por dias seguidos. Ainda assim, éramos felizes. Minha avó sempre priorizou a educação e a formação, sendo supervisora no Programa de Alfabetização MOBRAL. Desde cedo, eu a acompanhava nas formações coletivas, ações sociais, visitas técnicas em escolas e municípios vizinhos.

Na escola particular Pequeno Príncipe, concluí o processo de alfabetização até os 10 anos, pois ingressei na escola aos 7. Minha primeira professora, Judith, deixou uma marca profunda em minha memória, associada a um momento de grande tristeza. Em 1985, após um grave acidente, perdi meu avô (pai de criação). Naquele dia, passamos o tempo na casa da professora, brincando. Ela foi carinhosa e atenciosa, mas a realidade da perda só se tornou clara dias depois, quando percebi que não veria mais o rosto do meu avô.

As consequências financeiras dessa perda foram inevitáveis. Em 1986, ingressei no Colégio Estadual João Roberto Moreira, onde encontrei apoio dentro da própria família: uma tia trabalhava na secretaria da escola, minha mãe biológica substituíra uma professora regente e minha avó era a diretora na época. No colégio, desenvolvi diversas habilidades, como falar em público, superar a timidez e me destacar em eventos escolares, incluindo desfiles de beleza. Além disso, atuei como goleira nos jogos de handebol e acompanhava as atividades da minha família na escola, o que despertava minha curiosidade e interesse pelo ambiente educacional. Sempre estudei no período diurno e, quando não estava na escola, ficava sob os cuidados de uma babá.

Em 1990, ingressei no Colégio Estadual Nestório Ribeiro, cursando o ensino médio técnico em Magistério no período noturno. Minha avó sempre me acompanhava no transporte escolar—o famoso coletivo—e estava presente no final das aulas para me buscar. Sempre fui protegida! Concluí o curso técnico em 1992.

Segundo Cabral, a importância dos cuidados familiares é essencial para o desenvolvimento educacional e emocional das crianças.

O acolhimento familiar trata-se de uma prática mediada por uma autoridade, com um plano de intervenção definido, administrada por um serviço através de recursos disponíveis, conforme política pública estabelecida" (CABRAL, 2005:10,11). Podemos citar ainda que este serviço se encontra contemplado expressamente na Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa de Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006).

Ao ingressar no curso técnico em Magistério, no primeiro ano, não me identificava com os hábitos e disciplinas do curso. Muitas vezes, questionava os professores e minha própria família sobre a escolha. No entanto, no segundo e terceiro anos, nasceu em mim uma verdadeira paixão, especialmente pelas disciplinas de Didática, Metodologia do Ensino e Estágio.

Minha participação tornou-se assídua e criativa nas atividades propostas pelo curso. Essa emoção se concretizou no dia da formatura, quando minha avó me presenteou com seu anel de formatura—uma relíquia de 1954, presente da minha bisavó. Naquele momento, senti o orgulho estampado em seu rosto, pois eu era a primeira filha/neta a seguir seus princípios de formação.

Ali, compreendi que a futura professora e educadora iniciaria uma história repleta de desafios e emoções.

No trecho do poema *Ofertas de Aninha (Aos Moços)*, essa sensação se expressa:

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.
Cora Coralina – 1997.

A trajetória escolar impulsionou minha experiência profissional. Após concluir o curso técnico em Magistério, prestei vestibular para o curso de Pedagogia na UFG, em Jataí – GO, sendo aprovada. No entanto, não consegui dar continuidade aos estudos devido a diversos fatores: a constituição de uma família em 1991, a mudança de estado em 1993 e a chegada da maternidade, quando meu filho tinha apenas 10 meses. Foi nesse momento que vivi minha primeira grande experiência: uma viagem de ônibus para uma cidade do interior, a mais de 800 km de distância do meu ambiente familiar e estável. Mal sabia eu que estava iniciando não apenas uma nova fase, mas uma linda história de vida e trajetória profissional.

Deixei meu filho aos cuidados da minha avó, pois tinha plena confiança no seu zelo e carinho. Entretanto, acompanhando meu esposo em busca de novas oportunidades, nos mudamos para outro estado. Em 1994, assumi, pela primeira vez, uma turma de 1ª série em uma escola privada chamada *Chapeuzinho Vermelho*, no município de Natividade, Tocantins, onde atuei por um ano. A saudade do meu filho e da minha avó era imensa...

Logo depois, meu esposo, recém-formado em Direito, recebeu uma proposta para substituir professores na rede estadual do município. No entanto, como ele não possuía experiência nem formação na área da docência, acabei assumindo a regência por mais 10 meses, lecionando para as turmas de 5º, 6º e 7º séries.

O ciclo foi novamente interrompido com uma nova mudança, desta vez para Porto Nacional, Tocantins, em 1995. No início, em busca de estabilidade profissional, trabalhei em escolas particulares nas séries iniciais, atuei como secretária e até mesmo no comércio. Contudo, a tão esperada oportunidade chegou em 1998: minha aprovação no concurso público da rede municipal como professora do ensino fundamental. Tomei posse no cargo em 2 de fevereiro daquele ano, já sendo mãe de dois meninos.

Com simplicidade e determinação, adaptei-me facilmente a esse novo ciclo profissional, cujo objetivo era aplicar todos os conhecimentos adquiridos no curso técnico e nas orientações da minha avó (saudades!). Embora diferente das experiências anteriores, em pouco tempo me habilitei para diversas funções: docência, coordenação pedagógica, gestão escolar, supervisão, coordenação de programas municipais, formação de programas federais, presidência do Conselho Municipal de Educação, participação no Conselho da Alimentação Escolar, atuação na superintendência educacional e, atualmente, novamente na gestão escolar.

Já são 25 anos de atuação na rede municipal, marcados por amizades, aprendizados, desenvolvimento de habilidades e um profundo sentimento de dever cumprido. Ao longo dos anos, novas portas se abriram...

O primeiro curso de graduação, em Licenciatura em Geografia, teve início em 1996, pela Fundação Universidade do Tocantins, no campus de Porto Nacional. Entretanto, devido a desafios pessoais e conjugais, concluí o curso em cinco anos. Importante ressaltar que meu esposo não apoiava minhas escolhas profissionais. Ainda assim, seguimos juntos na jornada, mesmo entre dificuldades emocionais, psicológicas e financeiras que se intensificaram entre 1996 e 2007.

Apesar dos desafios, mantive o foco na formação acadêmica e profissional, realizando especializações na área pedagógica, que me qualificaram para os cargos que assumi ao longo da carreira.

No ano de 2002, realizei o sonho de ser mãe novamente, agora de um terceiro menino, após uma diferença de dez anos do primogênito. Foram muitos desafios, lágrimas, pressões e até prisões... uma trajetória que moldou minha identidade como professora.

Com pesar, recordo os anos de 2004 e 2007, marcados por grandes perdas: a morte do meu esposo e da minha avó, meu verdadeiro esteio. Foram tempos de dor, luto e transformação. Chorei... chorei muito. Perdi duas

das pessoas mais importantes da minha vida. No entanto, essas perdas trouxeram um novo compromisso: além da responsabilidade profissional e familiar, houve uma grande aproximação com minha mãe biológica, com quem antes não tinha laços tão estreitos. A partir desse momento, cultivamos um relacionamento sólido, repleto de diálogos, passeios e uma comunicação mais presente e assertiva. Hoje, ela é minha conselheira, amiga e meu conforto.

Após essas perdas, novas oportunidades profissionais surgiram. Atuei como tutora em cursos de graduação e especialização na EADCON e nos cursos FIC – PRONATEC. Essas experiências foram fundamentais para equilibrar a administração da minha casa e assumir, de forma plena, o papel de "pão".

O segundo curso de graduação, agora em Licenciatura em Pedagogia, nasceu do desejo de realizar um antigo sonho. O que havia sido interrompido em Jataí-GO, na UFG, agora ganhava forma por meio da Plataforma Freire. Iniciei o curso em 2012, na Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS.

No mesmo período, tentei ingressar no mestrado na UFT, na área da Educação. Foram quatro tentativas, chegando à última etapa sem sucesso.

O processo de formação, como define Josso (2010b, p. 205), representa:

"Um conjunto de transformações realizadas pelo sujeito, tanto sobre si mesmo (naquilo que chamamos de vida interior) quanto nas suas interações sociais e na relação com o meio ambiente."

o ser em formação só se torna sujeito de formação no momento em que sua intencionalidade é explicitada no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo ou o reorientá-lo" (Josso, 2010c, p. 78).

Após um planejamento detalhado e uma organização financeira e administrativa, ousei cursar uma pós-graduação *stricto sensu* em Mestrado na área de Ciências da Educação, em outro país—na Argentina, em 2016. No entanto, mesmo enfrentando desafios dolorosos, como a fome, os transtornos nas viagens, dificuldades de moradia e de adaptação ao idioma

(espanhol), a variação cambial, o frio intenso, a alimentação diferente e o afastamento da família, a força de vontade de me qualificar com excelência e enriquecer meu currículo profissional foi maior. Cada um desses desafios foi superado a cada semestre, graças à minha determinação e ao apoio incondicional de Deus, dos meus filhos, da minha mãe, da minha tia e de amigas que foram verdadeiros anjos em minha trajetória.

Após concluir os seminários presenciais, um novo desafio se impôs: a validação do diploma. Esse processo, longo e burocrático, foi finalmente concretizado em 2021, após muito esforço, ansiedade e superação de dificuldades financeiras. Essa conquista possibilitou minha progressão na rede municipal, marcando um avanço significativo em minha carreira.

Paralelamente, dei continuidade ao meu processo de formação, agora atuando como formadora de docentes e técnicos educacionais. Essa experiência me trouxe a mesma emoção que vivi anos atrás, quando acompanhava minha avó nesses momentos de aprendizado e troca de saberes. Ser multiplicadora de conhecimento e promover essas trocas é construir pontes sólidas no processo educacional. Fortalecida por essa experiência, trabalhei em parceria com diversas empresas de formação, abordando temáticas como educação indígena, processos seletivos, liderança e gestão escolar, formação de professores alfabetizadores e conselhos escolares, contribuindo para o fortalecimento das políticas públicas e do autoconhecimento.

No decorrer desse período, participei de diversos processos seletivos, sendo aprovada para atuar como professora substituta no IFTO, na área de Geografia, e também para a coordenação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) – Polo de Porto Nacional. Foram experiências enriquecedoras, que me proporcionaram novas habilidades e grande satisfação profissional.

Durante minha atuação na UAB, recebi um convite inesperado, por intermédio de uma amiga, para assumir a Superintendência da Rede Municipal, função que desempenhei ao longo de um ano (gestão de 2022).

Atualmente, exerço a função de gestora escolar da primeira escola militar da rede municipal de Porto Nacional—uma verdadeira missão—em parceria com o Corpo de Bombeiros Militar (CBM).

Mais recentemente, uma nova porta se abriu na Universidade Federal do Tocantins (UFT), trazendo a possibilidade de retomar metas e sonhos acadêmicos em minha própria terra e estado. Iniciei o Doutorado em Educação da Amazônia, em Palmas, como aluna especial, e mais uma vez me lancei nesse desafio, incentivada por uma grande amiga, minha "anja" na caminhada.

Essa trajetória tem sido marcada por constantes reflexões sobre minha vida pessoal e profissional. O processo de elaborar meu memorial de formação trouxe à tona lembranças profundas—lágrimas, saudades, recordações de pessoas queridas que já partiram, de outras que estão distantes e também daquelas que seguem comigo. Permiti-me um mergulho na *autoescuta*, na *autobiografia* e na *autorreflexão*. Como destaca Nóvoa:

A reflexão sobre os aprendizados durante a elaboração do memorial de formação permite que o processo de narrativa e escuta de si e do Outro sejam possibilidades de busca de novas identidades profissionais e de novos conhecimentos. Trata-se de construir um conhecimento pessoal (um autoconhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica, mas que está no cerne da identidade profissional docente (Nóvoa et al., 2011, p. 536).

A família que construí ao longo dessa trajetória, desde 1991 até os dias atuais, me presenteou com dois frutos preciosos: minhas netas, Mariana e Liara, filhas do meu primogênito. Elas são a continuidade da nossa história e, sem dúvida, multiplicadoras do legado deixado por suas tataravós, bisavós e avós maternas. O princípio da educação, as habilidades pedagógicas e a vocação para o ensino estão em seu sangue e no incentivo que recebem. Minhas netas representam minha existência e a perpetuação da minha missão.

Dessa forma, os questionamentos e reflexões sobre a educação são contínuos, pois o educador, como ser humano, segue seu caminho resignificando sua práxis e construindo novos saberes.

Os processos históricos, profissionais e sentimentais vividos ao longo da minha jornada fundamentam a conclusão deste módulo do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), especificamente na disciplina *Formação Inicial e Continuada de Professores*, parte da grade curricular do Doutorado em Educação (PGEDA/UFT). Por meio desta publicação, busco contribuir com os leitores, compartilhando momentos que impulsionaram minha trajetória de formação profissional e despertaram novas perspectivas para minha atuação na educação.

As experiências, sentimentos e reflexões que emergem desse processo reconstroem um caminho que se inicia na infância e culmina no empoderamento profissional. Revisitar os momentos vivenciados e reconhecer sua contribuição para minha prática docente redefine meu perfil profissional, deixando marcas históricas e conceituais visíveis ao longo da trajetória familiar. Compreender o percurso das superações fortalece minha visão de mundo e me impulsiona a aprender com os erros, sempre com a determinação de seguir adiante, tomando decisões conscientes e construindo um futuro sólido na educação.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Cláudia (org). **Acolhimento familiar: experiências e perspectivas**. Rio de Janeiro: ABNT. 2005.

_____. Colóquio Internacional sobre Acolhimento Familiar. **Sapeca, Serviço Alternativo de Proteção Especial à Criança e ao Adolescente**. Secretaria Municipal de Assistência Social. Campinas. 2004.

.CORA, Coralina. Nota: Trecho do poema **Ofertas de Aninha (Aos moços)**. São Paulo: Global Editora, 1997.
https://www.google.com/search?q=letra+da+musica+voc%C3%AA+%C3%A9+um+espelho+-+raridade&oq=letra+da+musica++vc+%C3%A9+espelho+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCAgCEAAYFhgeMgYIABBFgDkyCAgBEAAYFhgeMggIAhAAGBYHjI

ICAMQABgWGB7SAQw0MjA5OTYyYjFqMTWoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8, acesso em 02 de dezembro de 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2010a.

_____. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010b.

_____. Da formação do sujeito ao sujeito de formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2010c. p. 59-79.

_____. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____ et al. Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com António Nóvoa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 533-543, maio-ago. 2011. Disponível em: <www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 09 dez. 2023.

Lattes: Alessandra Nunes Escobar Oliveira Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0801882684036893>, acesso em 05 de dezembro de 2023.

Capítulo 9

Trilhando caminhos de transformação: gestão, liderança e inovação na Educação

Adriana da Costa Pereira Aguiar^[1]

Ao relatar minha trajetória na área da educação, é inevitável revisitar as experiências que moldaram minha carreira como educadora. Desde os primeiros dias em sala de aula, lecionando para turmas de alfabetização, até assumir responsabilidades mais abrangentes na gestão escolar, cada etapa foi marcada por desafios, aprendizados e, acima de tudo, pela satisfação de contribuir para o desenvolvimento educacional. Desde muito jovem, encantava-me a forma como uma pessoa é capaz de transmitir conhecimento a outra, e essa admiração se tornou a base da minha caminhada profissional.

Início na Sala de Aula: Diversidade e Inclusão

Aos 16 anos, dei início a um sonho que mais tarde se tornaria minha profissão, concluindo o curso de magistério na Fundação Bradesco – Escola de Canuanã, em Formoso do Araguaia. Esse lugar foi meu lar desde os 7 anos, um verdadeiro refúgio após a mudança de Rio Verde, em Goiás, para Gurupi, no Tocantins, aos 2 anos de idade. Mais do que uma escola, Canuanã era uma vila completa, com casas, infraestrutura e uma comunidade que fez parte da minha formação acadêmica e pessoal.

[1] Mestra em Educação (2022) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Licenciada em Pedagogia - Supervisão Escolar (1995) pela Universidade de Gurupi (UNIRG). Especialista em Planejamento, Orientação Educacional e Gestão Escolar. Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Educação Municipal na UFT (GepeEM), cadastrado no CNPQ/CAPES. Associada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Associada da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), membro da Rede de Especialistas em Política Educativa da América

Latina (RED). É Professora efetiva da Educação Básica do Estado do Tocantins, foi professora efetiva da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Gurupi-TO, atuou como docente no Ensino Fundamental e médio das redes particular, pública municipal e estadual. Atuou como coordenadora pedagógica, supervisora escolar, diretora de unidade escolar e Diretora Regional de Ensino de Gurupi, frente a 17 municípios. Nomeada como Secretária de Estado da Educação e Cultura do Estado do Tocantins em 2014, Secretária de Estado da Educação, Juventude e Esportes (2018 à 2021). Ainda no âmbito Estadual ocupou a função de Diretora Técnica de Aprendizagem Rural (SENAR). Consultora Técnica em Educação na Associação Tocantinense de Municípios (ATM). No cenário Nacional foi vice-presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED) da região norte (2014) (2019/2020), membro da Comissão Nacional de Educação do Campo (CONEC), membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CMEEI), coordenadora da Câmara Técnica de Educação do Consórcio Amazônia Legal (2019-2021). Já atuou como consultora do Instituto CNA e Instituto Lemam (2013), articuladora do Selo Unicef no Tocantins (2016-2021). Foi membro do Conselho Curador da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS); do Fórum Estadual Permanente de Apoio à Formação Docente (FEPAD/TO). Conquistou o Prêmio Escola Comunitária de Gestão Compartilhada 1º lugar/2003, ainda dentro desta premiação, esteve entre as 10 melhores posições do Tocantins, de 2004 a 2011. Conquistou os Prêmios "Crer Para Ver", da Fundação Abrinq e Natura, 1º lugar da Região Norte em 2005, o ILA (Internacional Leadership Award) do CONSED e do BRITISH COUNCIL em 2010; e o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar do CONSED, AMERICAN COUNCIL e Fundação Roberto Marinho em 2011.

A Escola de Canuanã não era apenas um local de aprendizado; era uma verdadeira cidade, com espaços para funcionários, dormitórios para crianças e adolescentes, biblioteca, refeitório e até um pequeno hospital. Viver ali era como estar em uma cidade grande, construindo memórias que guardo até hoje. Retornei ao local já adulta e, embora minha visão tenha mudado, sei que aquele internato forjou muitas das lembranças e valores que carrego comigo.

O internato moldou meu crescimento e minha maturidade em diversos aspectos. Todos íamos para a cama pontualmente às 21h e, aos sábados, acontecia a tão esperada confraternização, tornando esse o dia mais aguardado da semana. Já os domingos eram especiais, marcados por horas diante da TV e, à noite, por um momento de oração e reflexão.

Meus pais faziam parte da instituição, o que, por si só, já me aproximava ainda mais desse ambiente. Como filha mais velha, eu também tinha a responsabilidade de cuidar das minhas irmãs mais novas. Nossa

brincadeira favorita era a "escolinha", na qual eu sempre queria ser a professora – talvez um indício precoce da minha vocação.

Quando meus pais decidiram retornar a Gurupi, senti-me um tanto solitária. Era o fim da infância e o início da adolescência, e lá estava eu, sem minhas irmãs e meus pais, que só podia visitar a cada seis meses. No entanto, esse período me fez perceber a importância de me concentrar nos estudos. Foi nessa escola que não apenas adquiri aprendizados valiosos, mas também desenvolvi um desejo ardente de me tornar educadora.

No ensino médio, a única opção disponível para as mulheres era o magistério. Na época, a Universidade de Gurupi (Unirg) oferecia apenas os cursos de Direito e Pedagogia, o que contribuiu para que meu caminho fosse naturalmente direcionado para a docência.

Foi também na Escola de Canuanã que conheci meu esposo. Começamos a namorar quando eu tinha apenas 13 anos e ele, 17. O casamento aconteceu durante meu último ano da faculdade de Pedagogia na Unirg. Juntos, fomos abençoados com dois filhos, João Pedro e Gabriel, meus maiores tesouros. No entanto, após oito anos de casamento, ele partiu tragicamente enquanto trabalhava. Esse foi um dos momentos mais desafiadores da minha vida: precisei assumir o papel de mãe, pai e provedora, criando meus filhos sozinha, mantendo meu trabalho e continuando a desempenhar minha missão como educadora.

Na esfera profissional, a educação me ensinou a enxergar o outro com empatia, a construir pontes e a sonhar junto com meus alunos. Uma experiência marcante que moldou minha visão sobre a flexibilidade no ensino ocorreu ainda no magistério. Após a partida dos meus pais, precisei ser hospitalizada algumas vezes devido a dores intensas causadas por cólicas menstruais. Na escola, as faltas não eram permitidas ou abonadas. Certa vez, precisei realizar uma prova de Didática da Matemática mesmo estando doente. A avaliação exigia que todas as sentenças fossem marcadas com "V" para verdadeiro e "F" para falso. No entanto, em minha interpretação, marquei apenas um "X" nas alternativas verdadeiras, deixando em branco as

falsas. Por conta disso, minha prova foi anulada. Caso tivesse seguido exatamente as instruções, teria tirado nota máxima.

Essa experiência me acompanhou durante toda a faculdade e influenciou minha prática docente. Aprendi que a educação deve ser flexível e compreender o contexto do aluno. Como gestora, passei a refletir sobre a importância de não obrigar um estudante a realizar uma prova quando ele não está em condições para isso. Em vez disso, busquei alternativas para garantir que ele tivesse a oportunidade de demonstrar seu aprendizado.

Curiosamente, anos depois, a professora que anulou minha prova tornou-se minha colega na Prefeitura de Gurupi. Mais tarde, quando ocupei o cargo de secretária da Educação, fui eu quem assinou sua aposentadoria. Esse episódio me ensinou sobre a importância de regras institucionais, mas também sobre o impacto da empatia e da adaptação no ensino.

Minha trajetória profissional começou em uma escola particular, mas logo passei em um concurso público em Gurupi, e desde então nunca mais deixei a educação. Iniciei nas salas de aula, enfrentando a diversidade dos alunos – desde a alfabetização até o ensino médio e a educação especial. Essa diversidade não apenas desafiou minhas habilidades pedagógicas, mas também consolidou minha compreensão sobre a importância da inclusão e do respeito à singularidade de cada estudante.

Ao longo dos anos, fui aprimorando minha metodologia, buscando abordagens inovadoras para envolver os alunos. Após concluir minha formação em Pedagogia, concentrei-me em incentivar o crescimento dos estudantes, um aspecto que sempre admirei em meus próprios professores. A experiência com turmas variadas proporcionou-me uma visão ampla da educação, reforçando minha crença de que cada aluno é único e merece uma abordagem personalizada.

Paulo Freire (2002) esclarece essa inquietação ao defender uma educação libertadora e emancipadora, que inspira a busca pela humanização. Ele destaca a importância de preparar o indivíduo para o exercício da liberdade e da autonomia, respeitando-o como sujeito singular

em sua trajetória educativa. Essa perspectiva fortaleceu ainda mais minha missão como educadora, guiando-me na construção de um ensino que valoriza cada aluno em sua individualidade e potencial.

A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. (FREIRE, 1987, p. 35).

Com o tempo, percebi que os desafios eram uma fonte de motivação para desenvolver novas habilidades. Concluí a especialização em Planejamento, Orientação Educacional e Gestão Escolar, ampliando minha atuação para além das salas de aula.

No artigo *"Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente"*, Nóvoa (2017, p.1121) discute as implementações necessárias para a formação docente e as motivações que levam um profissional a escolher a pedagogia como curso. Ele destaca três dimensões essenciais e ressalta que tornar-se professor implica transformar uma predisposição em uma disposição pessoal, o que exige espaços e tempos para autoconhecimento e autoconstrução.

A primeira dimensão enfatiza a importância do desenvolvimento de uma vida cultural e científica própria. A segunda aborda a dimensão ética, destacando a necessidade de um compromisso moral e ético na prática docente. Já a terceira ressalta a preparação do professor para atuar em um ambiente de incerteza e imprevisibilidade, evidenciando a importância de estar pronto para lidar com situações inesperadas.

Essas reflexões foram incorporadas à minha trajetória, tanto na prática em sala de aula, diante dos desafios diários, quanto nas formações complementares à licenciatura, que enriqueceram minha visão sobre o papel do educador.

Expansão para a Gestão Escolar: Coordenação, Supervisão e Conselhos

A transição para funções de coordenação e supervisão representou um novo capítulo em minha carreira. Essas atribuições estratégicas permitiram-me não apenas impactar diretamente o ambiente da sala de aula, mas também contribuir para a formulação de políticas educacionais em níveis estadual e nacional.

Minha participação ativa em conselhos ligados à educação proporcionou uma visão mais ampla dos desafios enfrentados pelo sistema educacional brasileiro. Essa imersão em debates e decisões de alto nível ampliou minha compreensão das dinâmicas educacionais e reforçou meu compromisso com a busca contínua por melhorias.

A Direção da Escola Presidente Costa e Silva: Uma Jornada de 10 Anos

Um dos capítulos mais marcantes e emocionantes dessa trajetória desdobrou-se quando tive o privilégio de assumir a liderança da Escola Estadual Presidente Costa e Silva, em Gurupi, uma instituição que se tornou um símbolo de excelência educacional. Essa jornada, que durou uma década, foi repleta de desafios, conquistas e, acima de tudo, da dedicação inabalável de uma equipe comprometida.

Ao dar meus primeiros passos como diretora, no início dos anos 2000, busquei referências para exercer minha função da melhor maneira possível. Foi assim que integrei o Programa Lideranças nas Escolas, parte do *Connecting Classrooms*, desenvolvido internacionalmente pelo British Council. Essa participação me proporcionou uma experiência extraordinária: tive a oportunidade de mergulhar na realidade educacional britânica, ao mesmo tempo em que compartilhei a realidade brasileira com um colega do Reino Unido, que visitou Gurupi por duas vezes. Em contrapartida, realizei uma visita memorável a Londres, onde pude explorar de perto o sistema educacional inglês, desde sua estrutura macro até a dinâmica de uma escola real.

Essa vivência reforçou a importância da colaboração para os gestores escolares e foi essencial para consolidar um trabalho consistente à frente da direção da escola, onde permaneci por uma década.

Lembro-me também do Programa Escolas-Irmãs, lançado pelo governo federal em 2005, que abriu portas para o contato com realidades até então desconhecidas. Essa iniciativa promoveu o intercâmbio entre profissionais, gestores, pais e alunos, resultando em ações significativas em diversas regiões do Brasil.

A Escola Presidente Costa e Silva destacou-se não apenas pelos resultados acadêmicos notáveis, mas também por sua abordagem pedagógica inovadora. Com uma equipe dedicada, conseguimos elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 3,7 em 2007 para 5,1 em 2009. Esse avanço representou muito mais do que números; foi uma transformação concreta na vida dos estudantes, um legado que carrego com orgulho.

Gestão Participativa: Envolvendo a Comunidade Escolar

A gestão participativa foi um dos pilares do sucesso da Escola Presidente Costa e Silva. Mobilizamos representantes de diversos segmentos da comunidade, promovendo discussões e avaliações constantes do projeto político-pedagógico. A participação ativa de pais, alunos e demais servidores foi essencial para o êxito dessa abordagem, fortalecendo o vínculo com a comunidade escolar e garantindo a valorização e o reconhecimento do trabalho desenvolvido.

A interação com a comunidade escolar é fundamental para promover reflexões sobre a postura profissional e os resultados alcançados. Como explicam Fontana e Fávero (2013, p. 2-3):

o docente como profissional reflexivo não atua como um mero transmissor de conteúdos, mas, em sua interação com os alunos, professores, e toda a comunidade escolar, é capaz de pensar sobre sua prática, confrontando suas ações e aquilo que julga acreditar como correto para sua atuação profissional com as consequências a que elas conduzem

Nesse contexto, a equipe da Escola Presidente Costa e Silva avaliava coletivamente os planos de ação, traduzindo os resultados em gráficos que eram compartilhados com a equipe gestora. As reuniões sistemáticas às quartas-feiras tornaram-se momentos cruciais para a análise crítica dos resultados e a definição de estratégias para a melhoria contínua.

Essa abordagem está alinhada com o pensamento de Alarcão (2005, p. 177, apud Fontana e Fávero, 2013, p. 3), que destaca: *"Os professores têm de ser agentes ativos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização a serviço do grande projeto social que é a formação dos educandos."*

Enquanto docentes, nosso processo de aprendizagem fundamentava-se na reflexão sobre as realidades da comunidade e dos estudantes, buscando constantemente inovar e promover o protagonismo como parte da cultura das atividades estudantis.

Gestão de Serviços e Recursos: Otimizando os Recursos Disponíveis

A busca pela eficiência na gestão de serviços e recursos tornou-se uma prioridade constante. Foram implementados mecanismos para organizar e atualizar os registros escolares, garantindo um atendimento ágil e eficaz a pais, alunos, professores e demais servidores. Além disso, incentivar o uso adequado das instalações, equipamentos, materiais pedagógicos e tecnológicos tornou-se uma missão diária.

A captação de recursos também recebeu atenção especial, com a promoção de diversas atividades, como festas temáticas, eventos patrocinados por comerciantes locais e campanhas beneficentes. A transparência na prestação de contas foi assegurada por meio de diferentes canais, incluindo o livro da Associação de Pais e Mestres, murais informativos e registros em atas, permitindo que toda a comunidade escolar acompanhasse a gestão financeira da instituição.

Reconhecimento Nacional: Escola Referência Brasil do Prêmio Gestão Escolar

O ponto alto dessa jornada foi o reconhecimento nacional como Escola Referência Brasil no Prêmio Gestão Escolar – ano base 2010. Essa distinção celebrou não apenas os resultados acadêmicos, mas também a abordagem inovadora e a gestão eficaz que marcaram a instituição.

A participação no Prêmio Gestão Escolar, uma iniciativa conjunta de diversas entidades e instituições renomadas, ampliou a visibilidade da escola e aprofundou minha compreensão sobre práticas educacionais bem-sucedidas em todo o país. Mais do que um reconhecimento, o prêmio representou uma oportunidade de intercâmbio de experiências e aprendizados, fortalecendo ainda mais meu compromisso com a excelência educacional.

Foi uma experiência marcante e inesquecível visitar outras instituições de ensino e espaços governamentais, além de me inspirar para aprimorar o trabalho já desenvolvido na escola. Essa vivência reforçou a importância de uma visão de futuro, da globalização e da valorização da autonomia no ambiente educacional.

Desafios e Conquistas na Diretoria Regional de Educação de Gurupi

O sucesso alcançado na Escola Presidente Costa e Silva abriu portas para um novo desafio: assumir a Diretoria Regional de Educação de Gurupi. Esse cargo representou não apenas uma ascensão profissional, mas também a continuidade do meu compromisso com a educação de qualidade.

Nessa nova função, enfrentei desafios ainda mais complexos, envolvendo a coordenação de políticas educacionais em nível regional. Foi um ambiente dinâmico, repleto de aprendizados valiosos, que ampliou minha visão sobre o papel transformador da educação em comunidades mais abrangentes.

Desafios de gestão

Após assumir essa responsabilidade, recebi o convite do então governador Siqueira Campos para integrar o grupo de secretários da gestão, assumindo a Secretaria de Estado da Educação e Cultura (Seduc). Essa transição marcou mais uma etapa significativa em minha trajetória na educação. A nomeação para a chefia de uma das maiores secretarias da administração estadual foi um reconhecimento da experiência adquirida na gestão escolar, consolidada pelo Prêmio Nacional de Gestão Escolar recebido em 2011.

A cerimônia de posse, realizada em uma tarde de segunda-feira, sob a incumbência do governador Siqueira Campos, simbolizou não apenas uma mudança de cargo, mas um compromisso renovado com a promoção da educação e cultura no estado. Todo o conhecimento adquirido em sala de aula, na direção escolar e na Diretoria Regional de Ensino de Gurupi fortaleceu minha certeza de que teria disposição e responsabilidade para enfrentar os desafios de coordenar políticas educacionais em escala estadual.

Essa nova missão representa não apenas uma honra pessoal, mas também uma oportunidade única de contribuir ainda mais para o avanço da educação em todo o estado.

Uma Jornada de Aprendizado e Compromisso Contínua

Ao refletir sobre essa nova etapa na Secretaria de Estado da Educação e Cultura, percebo que cada desafio enfrentado até aqui serviu como preparação para desafios ainda maiores. A gestão escolar na Escola Presidente Costa e Silva, os prêmios recebidos e a atuação na direção regional foram capítulos fundamentais que moldaram minha visão sobre a educação.

Assumir a liderança em uma secretaria estadual foi uma responsabilidade que aceitei com humildade e determinação. Minha trajetória na educação tem sido uma busca constante por excelência, inovação e compromisso com o futuro das gerações que passam pelas salas de aula do nosso estado.

Retornei a essa posição em 2018, permanecendo até 2021. Durante esse período, investimos no trabalho colaborativo entre os diretores, destacando dois programas essenciais: o Conexão Saeb e a Agenda Pedagógica. Essas iniciativas permitiram uma análise conjunta dos resultados das escolas em exames, possibilitando a implementação de intervenções estratégicas para aprimorar os índices de aprendizagem.

Foram anos marcados por muitas conquistas: reformas escolares, entrega de novos prédios, distribuição de ônibus escolares, materiais pedagógicos e a promoção de formações continuadas para os servidores. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre a gestão pública e sua influência na qualidade educacional em todo o Tocantins.

A oportunidade de observar, de forma abrangente, as diferentes realidades do estado me proporcionou uma visão ainda mais crítica sobre a necessidade de profissionalização dos professores e o papel do Estado na gestão educacional. Nesse contexto, Gatti (2010, p. 1359) ressalta a importância da implementação de melhorias nos currículos dos cursos de pedagogia, destacando

Múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos das culturas nacionais, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os “sem voz”) e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas. (Gatti, 2010, p. 1359)

Sem dúvida, foi um grande desafio, afinal, era necessário considerar a diversidade das escolas do estado: indígenas, escolas “família agrícola”, de tempo integral... cada uma com suas particularidades.

Além do desafio de liderar uma pasta tão importante, também encarei a missão de cursar o mestrado acadêmico em Educação pela Universidade

Federal do Tocantins (UFT). Durante esse período, desenvolvi uma pesquisa sobre as repercussões do Programa Estrada de Direitos (PEC), financiado pelo Banco Mundial, na educação de seis municípios do Tocantins, entre 2012 e 2020. Esse estudo foi fundamental para evidenciar a influência do Banco Mundial na educação brasileira, destacando sua abordagem neoliberal e problematizando questões como reformas educacionais, vulnerabilidades do sistema e os impactos dos empréstimos internacionais. A pesquisa também levantou reflexões sobre os desafios enfrentados, as mudanças efetivas e o papel dos gestores na captação e aplicação de recursos externos.

Como professora e gestora, tenho interesse em estudar o mundo e suas transformações, analisar o uso de recursos públicos e refletir sobre as inovações necessárias para fortalecer a educação pública, gratuita e de qualidade no Brasil.

Conclusão: Uma Jornada de Aprendizado e Compromisso

Encerro este memorial com profunda gratidão pela oportunidade de contribuir para a formação de tantas vidas e pelo orgulho de fazer parte de uma comunidade educacional vibrante. Ser professora não é apenas uma escolha profissional, mas um compromisso de vida que se renova a cada desafio enfrentado e a cada conquista celebrada. São essas experiências que constroem e fortalecem o capital cultural que incorporo em minha trajetória profissional.

Alvarenga e Tauchen (2019, p. 3-4) descrevem essa sensação com precisão:

mediante a diversificação das atividades profissionais, por meio de ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão, bem como a participação docente em diferentes espaços socioculturais, é ampliada e fortalecida a qualificação do desenvolvimento profissional docente, ampliando o capital cultural institucionalizado que se constitui, apenas, em uma forma de acesso à carreira.

Que minha jornada continue sendo marcada pelo aprendizado constante, pela dedicação incansável e, acima de tudo, pela certeza de estar contribuindo para um futuro melhor por meio da educação. Que cada

capítulo dessa trajetória inspire outros a trilharem o caminho do compromisso e da excelência na arte de ensinar.

Encerro este memorial com a convicção de que a aprendizagem e o compromisso são os alicerces de uma educação de qualidade. Que essa história siga sendo escrita com dedicação, paixão e a firme crença de que a educação é a chave para um futuro mais promissor.

Referências

ALVARENGA, B. T. ; TAUCHEN, G. ; SCHIRMER, S. . Ciclo profissional da docência universitária: percepções sobre qualidade incorporada pelo capital cultural. **ECCOS REVISTA CIENTÍFICA (ONLINE)**, v. 51, p. 1-15, 2019. <https://www.redalyc.org/journal/715/71566554019/71566554019.pdf>

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 8, n. 17, 2013. Disponível em: https://www.caxias.ideau.com.br/wpcontent/files_mf/de946928fc01518999bb019ba65f89a830_1.pdf

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.** [online]. 2010, vol.31, n.113, pp. 1355- 1379.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106–1133, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4843>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Capítulo 10

Conectando Saberes: a Construção da Identidade Acadêmica

Stéphany Moraes Martins

É com imenso orgulho e entusiasmo que apresento este memorial como parte integrante da avaliação da disciplina de Formação de Professores do Programa de Doutorado em Educação da Amazônia. Este documento reflete não apenas minha trajetória acadêmica, mas também meu compromisso contínuo com o aprimoramento do ensino na região amazônica — uma missão que abraço com paixão e determinação.

Desde a infância, sempre acreditei que a educação não era apenas uma disciplina acadêmica, mas sim uma vocação e uma herança cultural familiar. Minha avó reunia os netos sob o brilho da lua para compartilhar histórias bíblicas, contar casos de família e entoar cantigas de roda que atravessavam gerações. Foram nesses momentos mágicos de contação de histórias, permeados por ensinamentos sobre a importância da família e da criação, que visualizei, pela primeira vez, o poder transformador da educação.

Ao mesmo tempo, minha inclinação natural para a arte de ensinar se manifestava nas brincadeiras de escola com primos e primas. Nessas atividades rotineiras, assumia, com entusiasmo, o papel de educadora imaginária. O que parecia apenas uma diversão infantil revelou-se, com o tempo, como as sementes precoces de uma paixão que floresceria ao longo dos anos.

A influência mais significativa, contudo, veio da minha mãe, Dona Claudete. Professora dedicada e atenciosa, ela não apenas transmitia conhecimentos acadêmicos, mas também compartilhava sua paixão pela aprendizagem. Testemunhar suas noites em claro preparando aulas, reunindo materiais práticos e investindo tempo e energia para garantir uma experiência educacional enriquecedora para seus alunos deixou em mim uma marca profunda. Com esses exemplos, compreendi que a educação vai

muito além do simples repasse de informações — ela tem o poder de iluminar mentes e transformar vidas.

Minha trajetória acadêmica começou na graduação em Bacharelado em Sistemas de Informação, iniciada em 1997/2 em Palmas-TO. Dentre os cursos disponíveis à época, este parecia o mais desafiador e promissor em termos de oportunidades de carreira. Foi ao mergulhar nos desafios de compreender os circuitos computacionais e a resolução de problemas que percebi um mundo totalmente novo. Aprendi sobre dados e suas representações em bancos de dados (Date, 1991), sobre algoritmos e linguagens de programação, compreendendo o papel das estruturas condicionais e de repetição (Schildt, 1991).

Ao explorar soluções algorítmicas para problemas práticos, inspirei-me nas ideias do renomado cientista da computação brasileiro Meira (2013), um dos pioneiros na promoção da inovação e tecnologia no país. Ele enfatiza a importância de abordagens criativas para resolver desafios complexos, o que me motivou a enxergar a programação como uma ferramenta não apenas técnica, mas também socialmente transformadora. Nesse contexto, o professor Dr. Claudio Monteiro se destacou por trazer para a sala de aula exemplos contextualizados, estimulando nossa reflexão sobre as práticas profissionais.

Minha primeira experiência docente veio com a aprovação em uma seleção para Monitoria Acadêmica nas disciplinas de Lógica de Programação, Banco de Dados, Sistemas Operacionais e Redes de Computadores. Durante dois semestres, tive a oportunidade não apenas de transmitir conhecimentos, mas também de aprimorar habilidades de comunicação e empatia. A diversidade de perfis acadêmicos dos colegas que buscavam auxílio enriqueceu minha compreensão sobre diferentes formas de aprendizagem e pontos que exigiam maior atenção. O feedback positivo, destacando minha paciência e dedicação, foi extremamente gratificante e se tornou um guia valioso para o aprimoramento das minhas abordagens pedagógicas. Essa experiência reforçou minha decisão de seguir na

docência, alinhando-se à pesquisa de Dantas (2014), que demonstra como o interesse pela monitoria acadêmica incentiva a carreira docente.

Ao concluir a graduação, fui incentivada pelo professor Dr. Claudio Monteiro a seguir os estudos, o que resultou na conquista do título de Mestre em Sistemas Integrados e Distribuídos. Esse percurso me proporcionou uma compreensão mais profunda das complexidades dos sistemas tecnológicos aplicados e da relação entre tecnologia e educação.

No mestrado, tive minha segunda experiência com a prática docente por meio do Estágio de Docência. Diferente da Monitoria Acadêmica, essa etapa apresentava desafios mais complexos, pois exigia que eu substituísse um professor na graduação, assumindo a responsabilidade pelo planejamento das aulas e avaliações. Essa experiência ocorreu sem a supervisão formal de um professor orientador específico, o que tornou o processo ainda mais desafiador. Entretanto, a professora Thaís Batista desempenhou um papel essencial como mentora, oferecendo insights sobre condução de discussões, organização de agendas, empatia e resolução de desafios técnicos da área de pesquisa.

Sem um roteiro técnico estruturado para o Estágio Docente, os desafios foram inúmeros: desde a adoção de metodologias eficazes para explicar conceitos complexos até a busca por estratégias de ensino e verificação da aprendizagem. No entanto, cada dificuldade se transformou em uma oportunidade de crescimento e aprimoramento contínuo. A necessidade de refletir sobre as práticas pedagógicas tornou-se evidente, levando-me a envolver os estudantes em pesquisas para compreender melhor suas necessidades e modos de aprendizagem. Foi assim que comecei a enxergar a docência sob a ótica do professor reflexivo, conceito explorado em

“então, a formação de um profissional capaz de refletir sobre sua experiência para compreender e melhorar o seu ensino, com base na epistemologia da prática, que se sustenta em três conceitos fundamentais: conhecimento na ação, reflexão na ação e reflexão sobre a reflexão na ação.” (Gatti, 2019, pag 184, apud Donald A. Schön)

Desta forma, mesmo que de maneira empírica e com pouco exercício prático, dava-se início à atuação como professor reflexivo, com os primeiros

passos para verificar e adaptar as práticas de ensino com base em experiências e feedbacks dos discentes.

Após a conclusão do mestrado em 2004, uma nova fase profissional foi empreendida como docente no curso de Sistemas de Informação na cidade de Araguaína-TO. Essa oportunidade marcou não apenas o início da carreira acadêmica, mas também o compromisso de proporcionar aos discentes uma experiência educacional enriquecedora e prática. Desde o princípio, buscou-se desafiar os estudantes com uma abordagem pedagógica intensiva, introduzindo uma variedade de projetos práticos. Embora muitos tenham considerado essa abordagem desafiadora, acreditava-se que essa dinâmica proporcionaria não apenas conhecimento teórico, mas também habilidades práticas essenciais para o campo de formação. O feedback inicial de que as atividades eram exigentes serviu como estímulo, indicando que os discentes estavam sendo desafiados e estimulados a alcançar seu potencial máximo. Além disso, foi possível compreender que a flexibilidade nas práticas pedagógicas poderia auxiliar os discentes a desenvolver seu perfil de formação, baseando-se em seus interesses por subáreas como administração de sistemas, programação ou banco de dados.

Em 2008, iniciou-se uma nova aventura pedagógica em Palmas, marcando significativamente essa trajetória profissional. Ao longo dos anos, foram ministradas diversas disciplinas, como Redes de Computadores, Sistemas Operacionais e Arquitetura de Computadores. Também houve participação ativa em projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e iniciativas de extensão. Cada aula, cada desafio superado e cada projeto desenvolvido contribuíram para a construção de uma narrativa educacional repleta de realizações. Nesse período, houve uma evolução na compreensão sobre metodologias ativas. A cada semestre, a aplicação de estratégias pedagógicas inovadoras era experimentada e, algumas vezes, adaptada ao contexto para tornar as aulas mais envolventes e alinhadas com as necessidades dos estudantes.

Ainda em 2008, foi dado um passo significativo ao aceitar a responsabilidade de atuar como webtutora na modalidade de Educação a Distância (EaD). Essa mudança trouxe desafios e oportunidades únicas. O ambiente virtual, embora oferecesse flexibilidade e acessibilidade, também apresentava obstáculos que demandavam estratégias pedagógicas distintas. Uma das principais adversidades foi a necessidade de cultivar uma conexão efetiva com os estudantes, superando as barreiras físicas e temporais do ensino remoto. A comunicação assíncrona, apesar de prática, exigia um esforço adicional para garantir a compreensão plena dos conteúdos e manter um ambiente de aprendizagem participativo e envolvente.

A adaptação constante às tecnologias emergentes e às plataformas de ensino a distância tornou-se um desafio dinâmico. A rápida evolução das ferramentas digitais demandava atualização contínua e habilidade para integrar recursos inovadores, otimizando a experiência de aprendizado. A diversidade de perfis dos estudantes, cada um com suas próprias necessidades e estilos de aprendizagem, representou outro desafio a ser abordado. A personalização do ensino tornou-se imperativa, exigindo a criação de estratégias que atendessem às diferentes realidades e contextos dos discentes.

Em 2014, houve um convite para exercer a Coordenação de Curso, um privilégio e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido até então. Conciliar atividades administrativas, como o gerenciamento da equipe docente, a condução de reuniões, o estímulo à formação pedagógica e a orçamentação financeira do curso, trouxe novas experiências e aprendizados.

Em 2019, a Instituição propôs a Pós-Graduação em Processos Educacionais Inovadores (PEI), aplicada com metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas. Esse curso foi conduzido pela professora Dra. Roseli Ferreira, consultora contratada para essa finalidade. A experiência foi transformadora, abordando desde concepções de aprendizagem e avaliação mediadora até o papel do professor como facilitador.

Atualmente, desempenho o papel desafiador de Coordenadora de Curso a Distância em uma Universidade Pública, enfrentando desafios decorrentes da dispersão dos estudantes em dez Polos de Educação Tecnológica. Esse cenário exige habilidades de gestão para superar barreiras geográficas e fortalecer a formação do professor reflexivo e dialógico. A Educação a Distância representa um pilar essencial, permitindo o acesso à educação superior de forma flexível. Entretanto, desafios estruturais, como o acesso à internet de qualidade e a integração entre cursos ofertados a distância, demandam estratégias inovadoras.

Ao longo desses 15 anos, recebi inúmeros discentes, cheios de sonhos e aspirações. Hoje, muitos deles atuam profissionalmente em diferentes partes do Brasil e do mundo. Suas trajetórias refletem não apenas suas habilidades, mas também o compromisso em preparar líderes competentes e éticos. A conexão entre saberes e oportunidades tem sido essencial para a formação desses profissionais. Para o futuro próximo, incentivada por esta disciplina, projeta-se mais um passo na qualificação profissional: o doutoramento.

REFERÊNCIAS

DATE, C.J. Introdução a Sistemas de Bancos de Dados. Editora LTC. 4º Edição, 1991.

DANTAS, O. Monitoria: fonte de saberes à docência superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 241, 25 out. 2014. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3457/3192>

DAGHLIAN, Jacob. **Lógica E Álgebra De Boole**. ISBN-10: 8522412561. Atlas; 4ª edição, 1995.

Gatti, Bernardete Angelina. **Professores do Brasil: novos cenários de formação** / Bernardete Angelina Gatti, Elba Siqueira de Sá Barretto, Marli Eliza Dalmazo Afonso de André e Patrícia Cristina Albieri de Almeida. – Brasília: UNESCO, 2019.

MEIRA, Sílvia. *Novos negócios no Brasil*. Editora: Casa Da Palavra; 1ª edição, 1 janeiro 2013.

SCHILDT, Herbert. C: *Completo e Total Capa comum*. Pearson Universidades. 3ª edição, 1997.

PAULA, Gilma Maria Carneiro de e BIDA, Paula Gislene Lossnitz. *A Importância da Aprendizagem Significativa*. White Paper. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1779-8.pdf>.

ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação dialógica: desafios e perspectivas*. Editora Cortez, 8ª Edição, 2016.

Capítulo 11

Reminiscências formativas

Maria Socorro da Silva

"A docência é algo da ordem da delicadeza, tanto quanto é ela da ordem do humano, do político e do cuidar" (Inês Teixeira, 2007, p. 434).

Fruto de um parto difícil, no qual perdi minha mãe e, conseqüentemente, toda a família, nasci numa manhã chuvosa, em um pequeno hospital do interior paraibano, em uma cidade chamada, ironicamente, Esperança. Cresci sendo criada e amada por uma lavadeira de roupas, que, ao mesmo tempo, se desdobrava para garantir o sustento, agradar aos patrões e cuidar de mim. Assim, aprendi a ler como Freire e tantos outros nordestinos: embaixo das mangueiras.

Em sua obra intitulada *A Importância do Ato de Ler* (1988), Freire afirma: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra", revelando que o mundo se movimenta para o sujeito em seus contextos de vida. O meu era nos quintais alheios; enquanto minha mãe estendia os lençóis branquinhos da doutora, eu devorava livros, criando, com minha imaginação, histórias infundáveis, com personagens e roupas no varal voando ao som da brisa paraibana. Tudo isso acontecia em uma cidade de nome peculiar, tendo como fundo musical o barulho do "bater" das roupas da minha mãe – a protagonista das minhas histórias e da minha vida.

Com efeito, fui alfabetizada na feira livre da minha pequena cidade, onde ia com minha mãe todos os domingos para ouvir os cordelistas, que, por meio da palavra cantada, despertaram em mim cores, gostos, cheiros e sons da literatura. Desses menestréis, guardei as invenções e subversões, o trato com a palavra na criação de versos e rimas e a melodia, que se misturava aos sons característicos das feiras das cidades do interior.

Aos oito anos, fui registrada pelo meu pai para que, finalmente, pudesse frequentar a escola. Foi ali, no Grupo Escolar, que fui oficialmente

alfabetizada – com muita dificuldade, por não conseguir permanecer sentada olhando para um quadro negro e um giz branco. A escola não me permitia mais a liberdade dos quintais.

Na pequena escola primária, deparei-me com professoras e livros. Logo, as classifiquei em dois grupos: as professoras que gostavam de livros de tarefas e as que gostavam de livros de histórias. Surgia, assim, minha primeira inquietação e uma relação visceral com a leitura e a escola. Hoje, ao olhar para trás, percebo que minha formação como leitora foi inseparável da minha formação como pessoa. Mesmo ainda criança, compreendi que a leitura deveria estar ligada ao prazer, à identificação subjetiva, ao interesse e à liberdade entre o leitor e o texto.

Esse cenário da minha primeira escola é retratado por Annie Rouxel (2012), que destaca a dimensão subjetiva da leitura no contexto escolar. A autora defende que a subjetividade dos leitores é imprescindível para dar sentido ao ensino na escola e para a formação do leitor. Segundo ela, o ensino, muitas vezes, é marcado pelo desencontro entre o texto e a leitura efetiva do texto, limitando-se à aquisição de objetos do saber e de competências formais ou modelares.

Esse desencontro leva a situações em que, no espaço escolar, a abordagem do texto ocorre apenas por meio de materiais de referência – livros didáticos ou materiais específicos, quando disponíveis –, restringindo-se à análise fragmentada de textos ou ao ensino de aspectos linguísticos, muitas vezes sem conexão com a produção textual.

Sinalizando na mesma direção e em favor do processo de escolarização do texto literário, pensado e realizado de maneira adequada, conforme propõe Magda Soares (1999), e considerando a literatura como instrumento de humanização, como ensina Candido (2004), Rildo Cosson (2011, p. 23), em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*, afirma que a..

questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma o seu poder de humanização (Cosson, 2011, p.23).

Creio que parte da minha decisão de me tornar professora de literatura decorreu desses momentos de encantamento pelo texto literário, fosse ele oral ou escrito, contado ou cantado, em verso ou em prosa. O texto literário ensinou-me a orquestrar minha subjetividade, a ponto de influenciar meus afazeres, fornecendo-me formas de viver e, ao mesmo tempo, permitindo-me transmiti-las ao compartilhá-las.

É por esse entendimento da leitura – isto é, como uma relação particular e subjetiva, que mobiliza a pessoalidade e aquilo que é próprio ou característico do sujeito – que se deu o meu encontro com a literatura. Da mesma forma, era essa natureza da experiência que eu desejava proporcionar também aos meus alunos no cotidiano do meu trabalho como professora de literatura.

Nas palavras de Magda Soares:

o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (Soares, 1999, p. 22). (Grifos no original).

Aos 12 anos, em 1982, minha cidade vivia uma eleição acirrada. Minha mãe queria votar, mas sentia vergonha por ser analfabeta. Decidi, então, alfabetizá-la.

Os debates travados no final da década de 1870, como os projetos de reforma eleitoral que apontaram o analfabetismo como um problema público nacional, resultaram na expansão do sistema de ensino. No entanto, também contribuíram para a estigmatização e exclusão das pessoas analfabetas, tanto no direito ao voto quanto no acesso ao mercado formal de trabalho (Ferraro, 2009).

O analfabetismo absoluto refere-se à incapacidade de ler e escrever, enquanto processo de decodificação e codificação do sistema de escrita. A partir dos anos de 1950, os questionários do censo passaram

a indagar se a pessoa era capaz de “ler e escrever um bilhete simples”, evidenciando uma preocupação com a prática social da escrita. Ferraro destaca a ênfase dada pela Unesco, desde 1970, ao conceito de “analfabetismo funcional”, que é a incapacidade de uma atuação eficaz do sujeito em sua comunidade, no que se refere aos usos da leitura, da escrita e da aritmética (Resende, 2012, p. 243).

A alfabetização da minha mãe, para mim, significava pôr fim à estigmatização que ela carregara por toda a vida. A protagonista das minhas histórias tornava-se, assim, minha primeira aluna. Nascia ali uma professorinha.

No intuito de ajudar nas despesas de casa, criei uma escolinha de reforço. A proposição de Antonio Candido, na qual ele declara: “[...] procuro localizar um aspecto da vida social [...] considerado não só como tema sociológico, mas também como problema social” (Candido, 1971, p. 20), traduz nossa posição diante das questões ligadas à formação dos professores e ao seu trabalho. Não se trata apenas de abordar um tema, mas de estudar um problema social de grande relevância nos dias atuais.

Como não poderia ser diferente, no segundo grau (atual ensino médio), quis fazer magistério, mas as condições financeiras não me permitiam. Naquela época, o magistério público existia apenas na capital. Para minha surpresa, fui patrocinada por uma professora de português do meu tempo de ginásio (atual ensino fundamental), a quem um dia dedicarei um capítulo especial. Ao perguntar a ela sobre essa ação, pediu que não a agradecesse; acreditava que poderia contribuir para a educação e que estava apenas financiando um direito que o governo negara.

Ingressei, assim, no magistério já como professora e, ao conhecer as teorias pedagógicas, decidi pesquisar esse universo fascinante da educação.

Ainda no interior, comecei a trabalhar oficialmente como professora em uma escola da rede privada, atuando como alfabetizadora durante anos. O ensino, no entanto, seguia um viés mercadológico, enaltecendo modelos e tratando o professor como mero executor, responsável por preparar os alunos para o mercado de trabalho. Essa perspectiva alinhava-se ao novo

desenvolvimentismo, estabelecendo o que Neves (2005) chamou de “nova pedagogia da hegemonia”, em que.

o aparelho escolar também (assim como os meios de comunicação) tem tido um papel pedagógico fundamental na conformação do novo homem coletivo requerido pelo neoliberalismo da Terceira Via.

Diante desse contexto, resolvi alçar voos mais altos e partir em busca de uma universidade na capital paraibana. Tentei alguns cursos, mas minha paixão pelas letras falava mais alto e, embora frequentasse um curso distinto, sempre me envolvia em eventos ligados à literatura. Assim, em um desses voos mais longos, mais uma vez abandonei o curso e a cidade, pousando na capital baiana, de onde sairia licenciada em Letras, com um filho e uma formação que ampliou meu conhecimento e despertou em mim a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre minha prática pedagógica como professora de português.

Ao término do curso, decidi, assim como Bauman, “transformar as palavras em carne” e prestei concurso público para atuar como professora na rede estadual de ensino do Tocantins. Aprovada, arrumei as malas e parti rumo ao então desconhecido cerrado brasileiro.

Iniciei minha carreira na capital, em uma escola da periferia, composta, em sua maioria, por alunos oriundos dos estados nordestinos, assim como eu, que buscavam melhores condições de vida. Nos anos seguintes, lecionei no centro da capital, atendendo a uma clientela economicamente mais privilegiada, o que me proporcionou uma visão mais abrangente da realidade educacional na cidade de Palmas.

Considerando que a leitura se aprende e se ensina, e que compartilhar e formar o gosto pela leitura é uma das tarefas intrínsecas do professor da educação básica, segui atuando no estado em diversas frentes, incluindo ensino médio, EJA e cursinhos pré-vestibulares. Minha trajetória culminou com minha ida para a sede da Secretaria de Estado da Educação, onde atuo até hoje.

Paralelamente, fui aprovada para atuar na rede municipal de ensino de Palmas, onde trabalhei como formadora, elaboradora de itens para o SAEP – Sistema de Avaliação de Palmas – e professora das séries finais do ensino fundamental.

Cansada das minhas próprias experiências e em busca de uma melhor qualificação profissional, percebi a necessidade de aprofundar meus estudos sobre a educação. O cenário educacional brasileiro, marcado por uma lógica escolarizante de mera transferência de conhecimentos e pelos desafios da formação inicial e continuada dos professores, frequentemente submetidos a programas governamentais de treinamento sob discursos de valorização docente, instigou-me a investigar mais a fundo essa realidade.

Ancorada nas ciências da linguagem e da educação, e interessada em analisar o entrelaçamento indissociável entre a formação do professor e o professor como sujeito formador, submeti-me à seleção para o mestrado em Letras e para o curso de doutorado como aluna especial. Minha busca incessante por respostas ainda esbarra na mesma antiga pergunta que me acompanha desde o início da minha trajetória: como ensinar aquilo que a escola não conseguiu?

Antonio Candido (2004), ao discutir sobre a necessidade e o direito à literatura, argumenta que o ser humano precisa ter acesso a bens que garantam não apenas sua sobrevivência física, mas também sua saúde psíquica. Entre esses bens, que o autor classifica como incompressíveis, estão alimentação, vestuário, moradia, instrução, saúde, direito a opiniões e crenças, além do direito ao acesso e desfrute da arte e da literatura. Para sustentar essa tese, ele defende que

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (Candido, 2004, p. 242-243),

Nesse sentido, todo indivíduo tem o direito à literatura, de se apropriar dela, de experimentar o mundo ficcional que se projeta por meio da linguagem e, assim, garantir o acesso à riqueza humana elaborada e registrada nesse objeto artístico. É nesse contexto que o autor afirma que a

literatura não é apenas um privilégio, mas uma necessidade e um direito fundamental à vida humana:

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (Candido ,2004 ,p. 117).

Outro modo de se entender literatura nos remete à disciplina escolar que recebe nomenclatura análoga e nesse âmbito, de modo geral, é possível perceber que ela recebe um tratamento bastante pragmático; o que pode ser verificado em grande parte nos manuais didáticos que orientam o trabalho docente.

Com efeito, essa forma de abordagem nem sempre deixa espaço para uma experiência mais concreta com a literatura pelo leitor, pois, em lugar desta, muitas vezes os textos literários comparecem em forma de fragmentos, de excertos de obras ou poemas isolados, com abordagens preocupantes, em que tais fragmentos e excertos não se constituem em um todo lógico.

Partindo da premissa de uma proposta de ensino de literatura e de formação do leitor literário que veja a literatura como uma nova roupagem, tendo em vista os objetivos humanistas e rompa com a manutenção de velhas prática voltadas para o trabalho tradicional em sala de aula, no qual o texto literário é utilizado apenas como pretexto para a investigação histórica, sedimentando o espaço escolar como lugar de dever e negação das subjetividades dos leitores reais, conforme foi evidenciado por Rouxel (2012), ao haver, por exemplo, um deslocamento da literatura para a área de leitura, pode-se dizer que, mesmo implicitamente, há uma possibilidade de se constituir como formadora de leitores, sobretudo de leitores de textos literários. Dessa forma, esse deslocamento conduz para uma conexão com o letramento literário, que em etapas diferenciadas pode também – não prescindindo a leitura, que é seu pressuposto basilar –, resgatar a importância da contextualização da obra e de seu autor.

Ancorada nos entrelaçamentos dos percursos de leitura dos meus alunos, buscando transversalizar as minhas reminiscências formativas, mediante esses enlaces e vivências, ganhou força, para mim, a constatação da capacidade inesgotável que o texto possui, não só para formar o aluno, mas para transformar quem do texto se aproxima, se apropria e se entrega. Por esse caminho, entendido como uma formação de leitor “para quem o texto é objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver” (Rangel, 2007, p. 137-138), bem como a concepção da educação como crítica, libertadora e transformadora.

Em consonância com Freire, que defende que a educação não é uma mera transmissão de conhecimentos, trata-se de uma prática social que deve ser orientada para a conscientização e emancipação das pessoas “Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” e referenciando o legado de Miguel Arroyo, ao repensar a dinâmica das lutas sociais, as pressões estabelecidas pelas hierarquias e a educação como via única para a conscientização e compreensão das estruturas sociais como modos da dominação e da violência, encerramos com as palavras do mestre:

As desigualdades, vistas sem sujeitos, entram apenas como campo de intervenção. Enfatizam-se as desigualdades a corrigir e os deveres do Estado, mas se ignoram os sujeitos, indivíduos e coletivos produzidos como desiguais. A relação privilegiada será Estado, políticas e instituições públicas e correção das desigualdades em abstrato. Sem rostos de sujeitos (Arroyo, 2010, p. 1381).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Políticas Educacionais e Desigualdades: À Procura de Novos Significados. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out./dez. 2010

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

COSSON, Rildo. *Círculos de letramento de letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARO, Alceu Ravanello. *História inacabada do analfabetismo no Brasil*. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: "Os amores difíceis". *In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007.

RESENDE, Márcia Aparecida. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 243-250, jan./abr. 2012.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Trad. Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Cadernos de Pesquisa*, v.42, n.145, p. 272-283, 2012.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In: EVANGELISTA, Aracy*

Alves Martins; BRANDÃO, Eliona Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Capítulo 12

Memorial acadêmico como possibilidade de escuta intrapessoal e relançamentos conceituais

Tatiana Costa Martins[1]
Ruhena Kelber Abrão Ferreira[2]

INTRODUÇÃO

A perspectiva reflexiva de que se imbuíu a construção do Memorial Acadêmico, proposto como etapa integrante das produções científicas do Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Associação Plena em Rede (Educanorte), na área de concentração: Educação na Amazônia, na linha de pesquisa Formação de Educador, Práxis Pedagógica e Currículo na Amazônia, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), se configurou como possibilidade que recolheu fragmentos de vivências profissionais e percepções subjetivas de formação da discente Tatiana Costa Martins.

A documentação descritiva, nesta metodologia de escrita, em processo de doutoramento, reuniu experiências de uma trajetória percorrida ao longo de vinte e três anos na Educação, dos quais, dezenove se efetivaram no serviço público como Orientadora Educacional. Uma apaixonante aventura, cujo desafio diário sempre foi a construção de uma práxis de acolhimento,

tanto das demandas externas, como das necessidades internas que somente são ouvidas pela escuta atenta dos arredores da mente.

A relação analítica que se estabeleceu neste processo de organização dos diferentes momentos da trajetória acadêmica, em âmbito das realizações pessoais e profissionais, se efetivou em uma dimensão complexa, ao passo que agregou variantes e elementos que se entrecruzam de forma indissociável.

Refletir sobre a trajetória de vida é um convite ao estabelecimento de relações entre referências consolidadas e processos epistêmicos, de maneira que a formação acadêmica sempre se vincula aos aspectos históricos, socioafetivos, psíquicos, em uma jornada inconclusa pelo conhecimento intrapessoal, que torna possível o posicionamento crítico no mundo.

A escolha profissional pela Educação, a priori, não se deu por paixão, sendo a motivação principal a necessidade de uma formação superior. Com o passar dos anos, o encontro com a Pedagogia tornou-se maior que a necessidade, evidenciando-se como alternativa assertiva que consolidou uma consciência social sobre o Ser Educador.

A Educação, neste memorial, é o plano de fundo que estabelece todas as diretrizes de formação humana, é pensada sob uma perspectiva que favorece o conhecimento dos sujeitos que se propõem a assumir os desafios cotidianos de viver em sociedade. A descrição de olhares internos, ora denotativos, ora subjetivos, expressa a integralidade, as múltiplas dimensões de uma profissão que se destina à busca incessante por aprender e compartilhar o conhecimento.

Em uma dinâmica que preconiza a metainterpretação, ou seja, que “procura reentender, repensar aquilo que acontece, evidenciando e construindo novas relações que discutam e levem à evolução daquelas construídas anteriormente” (Rinaldi, 1994, p. 28), o memorial materializa-se como união de escritas sobre o encontro entre as muitas vivências psíquicas

e a atuação profissional, em um universo que se amplia a cada descoberta, a cada novo momento vivido.

O processo de escuta interior valida condições singulares, representações da realidade, da história de vida em diferentes percursos. Na tentativa de uma estruturação didática, o memorial divide-se em: I) Percursos e memórias afetivas na Educação por meio da escuta intrapessoal; e II) Trajetórias profissionais que reescreveram a Educação: Saúde e Ensino.

PERCURSOS E MEMÓRIAS AFETIVAS NA EDUCAÇÃO POR MEIO DA ESCUTA INTRAPESSOAL

Durante o período da Infância, diferentes circunstâncias tornaram as memórias um território pouco explorado, rumo ao inabitável. Descartadas as hipóteses patológicas, a falta de memória sobre a Infância foi definida como bloqueio psicológico, processo elaborado durante os anos de atuação na Educação, e aceito, a nível pessoal, como uma característica passível de gerenciamento. É interessante pensar sobre a dificuldade em aceitar as próprias limitações da memória.

Neste contexto de lembranças tortuosas, sensações e características começaram a delimitar a área de atuação profissional. O gosto por ensinar já era o anúncio de um caminho que sempre buscou a docência.

Os primeiros contatos com o ambiente escolar, em âmbito profissional, se deram com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nomeadas como séries no ano 2000. As primeiras experiências com crianças possibilitaram a compreensão do quão desafiador é o ensino em uma perspectiva que motive o ser aprendiz. Um caminho epistemológico começou a se delinear, a trajetória escolhida foi o afeto, antes mesmo do fortalecimento por meio dos referenciais bibliográficos.

A formação inicial em Pedagogia, entre os anos de 1999 e 2003, deu-se em âmbito de bacharelado, sendo à época, ofertada a opção entre Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica. A dimensão do planejamento e da avaliação foram significativas para a formação de uma

consciência acerca da importância de uma concepção indissociável entre ensino e aprendizagem, e as relações que costuram tais processos se tornaram mais evidentes, sendo a opção da Orientação Educacional a eleita ao Bacharelado.

A escola, percebida como lugar privilegiado para a formação dos vínculos afetivos e sociais, encontra-se com as nuances do trabalho do Orientador Educacional quanto ao fomento da autonomia, autoafirmação e consciência pessoal sobre as capacidades cognitivas, sociais, afetivas e físicas dos aprendentes. Assim, autores como Grinspun (1994), Pimenta (1988), Sanches (1998) e Wallon (2007), reafirmam a afetividade como recurso pedagógico na atuação do OE, sendo a função regulamentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional desde 1968.

Art. 1º A Orientação Educacional se destina a assistir ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito das escolas e sistemas escolares de nível médio e primário, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas. (Lei n.º 5.564, de 21 de dezembro de 1968.)

A versão do mesmo documento, em 1971, instituiu a profissão nas escolas, incluindo a perspectiva de aconselhamento vocacional, tendo como diretriz principal o trabalho em cooperação entre todos os sujeitos do ambiente educacional. Na versão final da LDB, n.º 9394/96, a obrigatoriedade deixa de existir, e dá espaço para a valorização do profissional, uma vez que a Orientação Educacional se compromete em sentido amplo com os recursos que efetivam uma educação de qualidade em todas as modalidades de ensino (Grispun, 1994).

Para a autora supracitada, a Orientação Educacional passou por diferentes etapas constituintes da prática. Inicialmente em um período implementar (1920-1941); um período institucional (1942-1960); um período transformador (1961-1970); período disciplinador (1971-1980); período questionador (década de 1980); e por fim constituiu-se em uma perspectiva epistemológica de orientação (a partir de 1990). O trabalho do Orientador

Educacional estrutura-se no tripé aluno – família – escola, formando uma grande rede de apoio com os demais profissionais que se voltam aos processos escolares, tanto em âmbito pedagógico, como administrativo. As relações se voltam à estruturação organizacional da escola de forma harmônica (Sanchez, 1998).

Este dinamismo pelo qual a profissão reconstruiu-se com o passar dos anos, foi notável em 2003, no programa de Extensão Universitária no Fórum Centro Oeste sobre o Ensino de Filosofia, na UNB, onde a experiência de conhecer o curso de Pedagogia atrelado a outras áreas do conhecimento, como Arquitetura, Enfermagem, Filosofia e Sociologia, agregou ao olhar profissional a possibilidade de uma atuação interdisciplinar em busca da qualificação constante. Desta forma, a trajetória em busca de uma formação baseada em atuações interdisciplinares, em diálogo com diferentes áreas do conhecimento, voltou-se para o viés da Gestão Democrática (LDB 9394/96).

Os passos subsequentes foram especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Tocantins, entre os anos de 2006 e 2008; especialização em Psicopedagogia, entre os anos 2015 e 2017, pela Universidade Católica Dom Bosco; especialização em Formação de Gestores Educacionais, entre os anos de 2016 a 2018, pela instituição Unyleya; e mestrado em Ensino em Ciências e Saúde, entre os anos de 2019 a 2021, pela Universidade Federal do Tocantins.

Durante o período das especializações, em 2014, a oportunidade de participar de uma imersão de estudos na cidade de Reggio Emilia, na Itália, ampliou o horizonte conceitual acerca da Gestão da Aprendizagem, do desenvolvimento da Autonomia nas Infâncias e sobre Pedagogias Participativas (Martini et al., 2020). A experiência foi relatada e publicada em 2016, na Revista Sustinere, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sendo um divisor na prática pedagógica, de forma que, em 2015, iniciou-se a atuação profissional na Educação Infantil, um universo que inspira e desafia pelo potencial humano e criativo nas Infâncias.

O diferencial que pode ser analisado sob o prisma Brasileiro em relação à experiência educativa da Itália é o engajamento em massa expresso pelos movimentos educativos sociais, consolidados na

parceria entre escola e família. Essa ativa participação social deve ser construída tanto pela escola quanto pelas políticas públicas, em busca de uma mudança paradigmática acerca da visão de todo país sobre a educação. Em Reggio Emilia, por exemplo, os regimentos se baseiam em três pilares: A Educação como um bem comum; A Educação como um direito; e A Educação como responsabilidade da comunidade, da sociedade civil e dos governos, sem que haja hierarquia quanto ao menor ou maior compromisso assumido em cada uma destas esferas. (Martins T.C., 2016, p. 31).

A partir das vivências na Educação Infantil, a dissertação de mestrado abordou a temática de qualificação dos profissionais desta etapa de ensino em âmbito da didática, sendo proposta uma estratégia espelho de organização conceitual sobre diversos campos contidos no planejamento docente.

As reminiscências do afeto como fio condutor da prática profissional, engendraram uma metodologia de pesquisa que considerou o sujeito em sua dimensão psíquica, pois ao propor uma estratégia de ensino, esta pode ser apropriada por cada docente em conformidade ao seu contexto pessoal, cultural e profissional, caracterizando-se em potencial ferramenta de qualificação do ensino, pela sistematização que propõe à prática educativa.

A pesquisa contemplou a coleta de dados por meio de painel com especialistas, grupo focal com professoras da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Palmas, em triangulação com os marcos teórico-conceituais em cinco grandes campos de estruturação a saber: Iniciação Científica, Ludicidade, Artes, Rede de Apoio e Tecnologias. A circularidade proposta como elemento transversal da estratégia decorreu da Teoria da Complexidade, como propulsora da recursividade nas relações com o conhecimento.

Nesta jornada, que ampliou a perspectiva acadêmica, a dimensão da Pedagogia encontrou-se com a Saúde, e o conceito de ludicidade, processo contínuo de aquisições, desenvolvimento intelectual, psíquico, social, emocional, linguístico, corporal, abrangendo as múltiplas dimensões que constituem o ser (Luckesi, 2002), tão debatido no estabelecimento das

relações de afeto nos processos de ensino e a aprendizagem, aproximou-se do conceito de Lazer, ampliando as possibilidades da pesquisa.

A escuta, elemento estruturante de toda jornada profissional, principalmente em âmbito intrapessoal, redefiniu-se com a metodologia de cartografar, que se volta a construir um território do pensamento de maneira processual, em perspectiva empírica e espacial, na qual o observador experiencia seu objeto de estudo (Deleuze; Guattari, 1995).

A delicadeza da escuta, enquanto processo, inaugurou a fase de pesquisa no doutorado, que dentro do ambiente hospitalar, por meio da escuta qualificada das Infâncias, construirá o referencial conceitual da Pedagogia da Transgressão no território da Amazônia Tocantina (Oliveira, 2012). O processo de escuta é fundamental para a consolidação de uma pedagogia de matriz participativa (Oliveira-formosinho; Formosinho, 2011) em todos os ambientes de Educação, formais e não-formais.

A construção do conhecimento, a partir da escuta como movimento de transgressão, que para Canabellas (2020), refere-se à mobilidade do pensamento, a transformação de uma atividade em outra ao longo da elaboração, concebe a perspectiva de uma natureza provisória de todo conhecimento, rumo a uma compreensão sensível dos tempos das Infâncias, sem o equívoco de perceber a criança como um objeto adequado para análise, mas como sujeito histórico de direito, cujas narrativas são caminhos para a criação de novos significados à prática pedagógica.

O delineamento de um arcabouço conceitual no ambiente da ala pediátrica do Hospital Geral de Palmas, a partir da escuta de crianças de diferentes localidades do território Tocantins, em situação de internação hospitalar, volta-se à construção de diretrizes didáticas de uma Pedagogia Amazônica da Transgressão, em investigação às percepções deste grupo geracional sobre o bem-estar, o lazer e o ato de aprender. Tais percepções subjetivas que revelam diferentes nuances de elaboração psíquica, contribuirão de maneira significativa à efetivação de práticas pedagógicas participativas junto às Infâncias em ambientes formais e não-formais de Educação.

TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS QUE REESCREVERAM A EDUCAÇÃO: SAÚDE E ENSINO

Entre os anos de 2014 e 2017, como professora na licenciatura em Pedagogia pela UNITINS, as disciplinas voltadas à Didática, foco dos processos de ensino e de aprendizagem, desvelaram uma percepção que ultrapassou a instrução, a orientação técnica ao ensino, sobretudo na Psicologia Evolutiva e da Aprendizagem, valorizando a prática social.

Em 2018, como professora na Faculdade de Tecnologia de Palmas, atuando na pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, a abordagem interdisciplinar, quanto aos processos neurobiológicos se relacionarem de maneira indissociável à aprendizagem, exigiu o estreitamento de referenciais entre a Educação e a Saúde.

Também em 2018, a experiência profissional foi ampliada com a participação no coletivo de autores redatores do Documento Curricular do Tocantins, na etapa voltada à Educação Infantil, em atenção à formação da Rede de Apoio, que reúne as equipes multiprofissionais nas diferentes esferas de atuação e órgãos de proteção à Criança e Adolescente.

Em 2019, atuando como supervisora de polo, no ciclo de formação continuada proposta pela UNDIME e Secretária de Estado da Educação, junto ao grupo de quarenta e sete docentes da Rede Municipal de Ensino de Palmas, foram trabalhadas as temáticas da Educação Infantil enquanto Política Pública de Acolhimento à Diversidade, Identidade Cultural do Tocantins, a formação docente e organização do trabalho pedagógico, fortalecendo a conduta profissional de uma pedagogia de matriz participativa.

Em 2020, os estudos na pós-graduação abriram horizontes epistemológicos que possibilitaram uma recontextualização dos conceitos de

Educação e Saúde, de forma que o processo educativo, a autoconstrução participada dos indivíduos e co-construção das comunidades, para Antunes (2008), vincula-se fortemente à dimensão da saúde e todas as questões se relacionam ao processo de desenvolvimento do ser.

O conceito de Saúde, enquanto um estado de bem-estar físico, mental e social, como preconiza a Organização Mundial da Saúde (OMS), estabeleceu diversas intersecções com a Educação, encontrando-se com o referencial Freiriano que orientou a formação acadêmica em Pedagogia, desde a formação inicial, pelo conceito de Dialogia.

A dinâmica Dialógica de Paulo Freire (1992) entrelaça Educação e Saúde a partir das relações interpessoais, relações de cuidado, de respeito, com vistas à autonomia cidadã, que em linhas gerais, remete-se ao posicionamento crítico dos sujeitos no mundo.

A interface entre Educação, Saúde e Ensino, enquanto processos complexos que demandam a integralidade do ser, é o caminho que torna possível a compreensão da sensibilidade e do respeito como ferramentas didáticas. A investigação inserida nestes diálogos entre os diferentes, embora entrelaçados pelos campos do conhecimento, vislumbra o tripé Bem-estar, Lazer e Aprendizagem como precursores do constructo Inédito Viável (Freire In Azevedo, 2000).

A partir da lógica do Inédito Viável é que se estabelece a investigação, em campo da Saúde, dentro da coletividade das Infâncias em estado de internação, sendo o percurso metodológico os fios condutores Bem-estar, Lazer e Aprendizagem, escopos no movimento da escuta. Enquanto campo de forças e relações, tornar visível o pensamento da criança constituiu-se como elemento do processo de subjetivação, o movimento do sujeito em relação a si, reconhecendo-se como pertencente e produtor de um enunciado, de um preceito, de uma norma (Filho; Teti, 2013).

A construção desta realidade, acerca das percepções sobre Bem-estar, Lazer e Aprendizagem, no ambiente de uma Pedagogia Hospitalar, por meio da escuta, confere credibilidade e validade às vozes das Infâncias e contribui

à estruturação de uma prática pedagógica que desmobilize os conceitos prévios do adulto acerca das proposições didáticas, para que a definição das finalidades pedagógicas conceba que “a realidade de um objeto só é percebida dentro do significado da experiência do indivíduo” (Creswell, 2014, p. 72).

O trabalho multi e interdisciplinar no contexto hospitalar, campo de atuação durante o processo de doutoramento, contribuirá para uma inovadora forma de estabelecer diretrizes didáticas de uma Pedagogia, orientando um processo de Ensino que valorize as experiências de vida e as percepções de mundo das Infâncias.

O movimento de extrapolar uma visão essencialmente biológica encontra-se com a garantida de continuidade quanto ao desenvolvimento educacional da criança em circunstância de internação, ou atendimento em hospital-dia e hospital-semana, seja em Classe Hospitalar ou Brinquedoteca.

Descobrir um cenário possível às investigações entre Educação e Saúde, considerando tempos e espaços diferenciados, será o divisor conceitual que move a pesquisadora no doutoramento, pois não se trata de investigar processos de escolarização da criança em situação de internação, mas sim, processos de resiliência, de esperança, de emancipação e formação humana, fundados nas relações sociais e pedagógicas que se efetivam no ambiente hospitalar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria da Conceição Pinto. Educação, Saúde e Desenvolvimento. Coleção de Ciências da Educação e Pedagogia. Coimbra, 2008, 117p.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9394/96.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ECO, Umberto. **Los limites de la interpretación**. Barcelona: Lumem, 1992.

EDWARDS, C., GANDINI, L., & FORMAN, G. **The hundred languages of children – The Reggio Emilia approach to early childhood education**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1993.

ELLIS, Carolyn. Sociological introspection and emotional experience. **Symbolic Interaction**, 14(1), 23-50, 1991.

EZPELETA, J. & ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.

FREIRE, Ana M. A. Utopia e democracia: os inéditos-viáveis na educação cidadã. In: AZEVEDO, José Clóvis de et al. (Orgs.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000.

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, nº 38, p., jan./jun. 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3ª ed. São Paulo: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GRINSPUN, M.P.S. (Org.) **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 1994.

GOMES, Christianne. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. *Revista Licere*. Belo Horizonte, v. 14, nº 3, setembro de 2011.

HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María Antonia. *Complexidade e relações na educação infantil*. São Paulo: Phorte Editora, 2019.

LUCKESI, C. *Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna*. Salvador: GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, 2002. (Coletânea Educação e Ludicidade – Ensaios 02).

MARTINI, Daniela; MUSSINI, Ilaria; GILIOLI, Cristina; RUSTICHELLI, Francesca (Orgs.); GARIBOLDI, Antonio (Col.). *Educar é a busca de sentido: Aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos*. São Paulo: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.

MARTINS, J. B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ci. Sociais/Humanas, Londrina*, v. 17, nº 3, p. 266-273, set. 1996.

MARTINS, T. C. Da educação infantil e a experiência de Reggio Emilia. *Revista Sustinere*, 4(1), 27-46. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2016.21135>, 2016.

MATURANA, H. R. Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento. In: MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

OLIVEIRA, José Pedro Garcia. (org.). *Educação, ciência e desenvolvimento da Amazônia Tocantina: diálogos científicos*. Cametá, PA: CUNTINS/UFPA, 2012. 389 p. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/57>. Acesso em: 18/02/2024.

MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NASCIMENTO, M.L. Estudo da Infância e desafios da pesquisa: estranhamento e interdependência, complexidade e interdisciplinaridade. In: *Childhood & Philosophy*. Rio de Janeiro, volume 4, n. 29, janeiro – abril, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. & FORMOSINHO, J. *Pedagogia-em-Participação: A perspectiva da Associação Criança*. In Oliveira-Formosinho (Org.) *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora, 2011.

PASCAL, Christine; BERTRAM, Tony. *Desenvolvendo a qualidade em parceiras: Nove estudos de caso*. Coleção *Infância*. nº 6. Porto: Porto Editora, 2009.

PIMENTA. S. G. *O pedagogo na escola pública*. São Paulo: Cortez, 1988.

RINALDI, Carla. In *dialogo con Reggio Emilia: ascoltare, ricercare e apprendere*. Reggio Emilia: Reggio Children, 1994.

ROCHA, Maria Lopes. Do paradigma científico ao paradigma ético, estético e político: a arte como perspectiva nas soluções educacionais. *Cadernos de Subjetividade*. V.1; n. 2. São Paulo, fevereiro, 1993.

SANCHES, C. *Orientação educacional dirigida a adolescentes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

SILVA, L. V.; RIBEIRO, C. M. Territórios da Escola: Mapeando espaços heterotópicos de lazer que possibilitam inflexões de aprendizagem em gênero. In: VII Seminário Corpo Gênero e Sexualidade, III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, III Luso Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade. FURG. Rio Grande do Norte, 2018.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas II: Problemas de psicologia general*. Madrid: A. Machado Libros, 2001.

YIN, Robert K. *Pesquisa Qualitativa do início ao fim*. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016. e-Pub.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[1] Psicopedagoga. Mestre em Ensino em Ciências e Saúde pela UFT. Doutoranda em Educação pela UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6950352355955961>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3762-9016>. E-mail: taticmartins@gmail.com

[2] Doutor em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5372413745002335>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5280-6263>. E-mail: kelberabrao@gmail.com.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Professor Associado na Universidade Federal do Tocantins (UFT), leciona nos cursos de Educação Física e Psicologia. É também Coordenador e Professor Permanente do Mestrado Profissional em Educação Física e do Doutorado em Educação na Amazônia. Coordena o Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer e atua como Presidente da Editora Universitária da UFT (EdUFT). Participa como membro dos grupos de pesquisa GEPCE/Minorias (Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com minorias sociais nortistas amazônidas) e Healthy--BRA (HEALth, pHYsical activity and Behavior ReseArch). Atua no programa TO GRADUADO da UNITINS. Na UFT, foi Diretor Interino do Câmpus Universitário de Miracema (2021) e Vice-Diretor (2017-2021). Atuou como Assessor Técnico na rede TOPAMA (Ministério da Saúde e UFT, 2019-2023) e como Coordenador do Programa de Inovação Pedagógica (2020-2025). Entre 2015 e 2023, liderou o Centro de Pesquisas em Esporte e Lazer - Rede Cedes. Com experiência como bolsista Fiocruz (2016-2017) e bolsista de produtividade na UFT (2016-2020), foi coordenador dos cursos de Pedagogia (2015), Educação Física (2015-2017) e Educação Física na modalidade PARFOR (2016-2018). Exerceu a função de representante docente (2018-2022) e acumulou 12 anos de experiência na Educação Básica antes de ingressar no Ensino Superior em 2008. Seus principais campos de atuação incluem docência e gestão nas áreas de Educação e Saúde, com foco em: Infâncias, Formação de Profissionais para a Docência, Estudos do Lazer, Educação Especial, Inclusiva e Adaptada, Gestão e Planejamento, Políticas Públicas em Saúde, Ciclos de Vida.

Jocyleia Santana dos Santos

Pós-doutorado em Educação/UEPA. Doutora em História/UFPE. Mestre em História/UFPE. Coordenadora do Polo Tocantins do Doutorado em Educação na Amazônia - Rede EDUCANORTE/PGDEA. Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Educação- PPGE/UFT. Coordenadora Local do Procad/Amazônia e Pesquisadora do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia: UEPA, UFRN e UFT (Procad/2018). Sócia da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped)/GT -2 -História da Educação. Membro e Avaliadora da Anped/Norte. Sócia da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Sócia da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Pesquisadora da Rede Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Docência na Educação Básica e Superior (Rides). Membro do Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (Forpred). Membro do Comitê Técnico-Científico da (CTC/UFT). É avaliadora ad-hoc da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, da Revista Histedbr On Line e da Revista OPSIS -UFG-Catalão-GO. Professora Titular/Catedrática da UFT. Tem experiência na gestão superior de cursos de graduação e programas de pós-graduação. Líder do grupo de pesquisa História, Historiografia, Fontes de Pesquisa em Educação pelo CNPq(2004). Tem

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA
AMAZÔNIA
(volume 3)

experiência e atuação nos temas e na área de Educação, História, Ensino, História Oral, Memória e História, Cultura Escolar.

José Damião Trindade Rocha

Pós-Doc./UEPA. Doutor em Educação/UFBA. Mestre em Educação Brasileira/UFG. Docente do Doutorado em Educação na Amazônia - PGEDA/UFPA/UFT. Docente do PPGE/UFT. Coordenador do Mestrado Profissional em Educação (PPPGE/UFT). Professor Associado do curso de Pedagogia/UFT. Líder de grupo de pesquisa CNPq/UFT Gepce/minorias na área de currículo e interseccionalidade gênero, raça, etnia. Consultor das Comissões de Avaliação de APCN da Área Profissional de Educação - Capes. Especialista pela Universidade do Programa Nacional de Equidade de Gênero, Raça e Valorização das Trabalhadoras no SUS do Ministério da Saúde do Governo Federal. Painelista do Grupo de Trabalho (GT) Ministerial de Memória e Verdade das Pessoas LGBTQIA+ do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) do Governo Federal. Pesquisador do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia UEPA, UFRN, UFT (Procad/2018). Pesquisador da Rede Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Docência na Educação Básica e Superior (Rides). Pesquisador-associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Sócio da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped) GT -12 Currículo. Sócio da Associação Brasileira de Currículo (ABdC). Sócio da Associação Brasileira de Estudos em Transhomocultura (ABETH). Membro do Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (FORPREd-Norte). Membro do Fórum Nacional dos Mestrados Profissionais em Educação (Fompe). Membro do Comitê Técnico-Científico (CTC/UFT). Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE/Pedagogia/UFT). Membro do Fórum Tocantinense em Defesa do Curso de Pedagogia e Licenciaturas. Membro da Secretaria Estadual LGBTI+ do PT. Membro do Coletivo Diversidade Tocantinense. Tem experiência na gestão superior universitária, na coordenação de curso de licenciatura em pedagogia e de programa de pós-graduação em educação. Sua atuação tem ênfase em Currículo, Docência e Formação de Professoras, atuando nos temas: Teoria do Currículo; Currículos Diversos da Educação Básica; Pós-Currículo das Diferenças, Formação de Professoras; Diversidade Sexual, Estudos de Gênero; Minorias Sociais Nortistas Amazônidas; Tecnologias Ciber culturais. <https://orcid.org/0000-0002-5788-7517>

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Adriana da Costa Pereira Aguiar

Doutoranda em educação (2024) pela university FUUSA- EUA!, Mestra em Educação (2022) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Licenciada em Pedagogia - Supervisão Escolar (1995) pela Universidade de Gurupi (UNIRG). É Professora efetiva da Educação Básica do Estado do Tocantins, foi Professora efetiva da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Gurupi-TO, atuou como docente no Ensino Fundamental e médio das redes particular, pública municipal e estadual. Nomeada como Secretária de Estado da Educação e Cultura do Estado do Tocantins em 2014, Secretária de Estado da Educação, Juventude e Esportes (2018 a 2021). Ainda no âmbito Estadual ocupou a função de Diretora Técnica de Aprendizagem Rural (SENAR). Consultora Técnica em Educação na Associação Tocantinense de Municípios (ATM). No cenário Nacional foi vice-presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED) da região norte (2014) (2019/2020), membro da Comissão Nacional de Educação do Campo (CONEC), membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CMEEI), coordenadora da Câmara Técnica de Educação do Consórcio Amazônia Legal (2019-2021). Já atuou como consultora do Instituto CNA e Instituto Lemam (2013), articuladora do Selo Unicef no Tocantins (2016-2021). Foi membro do Conselho Curador da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS); do Fórum Estadual Permanente de Apoio à Formação Docente (FEPAD/TO).. Atuou como Presidente do Instituto Vinte de Maio (IVM) junto a Prefeitura Municipal de Palmas-TO e também como titular da da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) do Município de Palmas-TO, Presidente da Fundação Ulysses Guimarães no Tocantins (2024).

Alessandra Nunes Escobar Oliveira

Possui graduação no curso de Licenciatura em Geografia em 2001 pela Fundação Universidade Federal do Tocantins, concluiu em 2016 a habilitação em Pedagogia Escolar, complementou os estudos com Cursos em Especializações: Psicopedagogia, Gestão Escolar, Educação a distância: Tutoria, Metodologia e Aprendizagem, cursando Gestão Estratégica da Inovação e Política de Ciên., iniciou o curso de Mestrado em Educação Universitária na Faculdade de Humanas e Artes - na Universidade Nacional de Rosário - UNR, concluindo a sua defesa pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales em Asunción - Paraguai em dezembro de 2019 cujo Título da Dissertação: " Novo Planejamento Didático e Metodológico do Professor de Educação a Distância - Estudo de Caso do Ensino Superior à Distância em Porto Nacional - Tocantins - Brasil". Atualmente encontra-se na regência da sala de aula na turma do 4º Ano - Ensino Fundamental na escola Municipal Divino Espirito Santo em Porto Nacional-TO.

Aragoneide Martins Barros

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola - GDE pela Universidade Federal do Tocantins. Especialista em Docência para Educação Profissional e Tecnológica - IFES -

**MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA
AMAZÔNIA
(volume 3)**

Instituto Federal do Espírito Santo - Campus de Colatina. Especialista em Orientação Educacional - Faculdade Conexão. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins - PPGE/Palmas. Vinculada aos Grupos de Pesquisas Educação Cultura e Mundo Rural - EDURURAL e História, Historiografia e Fontes de Pesquisas - HHFPE. Professora e coordenadora Voluntária da Universidade da Maturidade UMA-UFT (2021-2023). Professora efetiva da rede municipal de Tocantínia (desde 2018). Professora concursada da rede estadual do Tocantins (2024).

Biannca de Alencar Nogueira

Licenciada em Artes-Teatro pela Universidade Federal do Tocantins (2016). Mestre em Educação - PPGE pela Universidade Federal do Tocantins na linha de pesquisa: Estado, Sociedade e Práticas Educativas, Políticas Públicas e PPP da escola. Experiência como professora e orientadora da FASAMAR. Especialista MBA em Gestão Escolar. Graduação em andamento - Pedagogia pela Unicesumar. Atualmente é Coordenadora/Orientadora Pedagógica - Ensino Fundamental da Escola Sesc de Palmas. Aluna especial do programa de doutorado em Educação da Amazônia - UFT- PGEDA(na disciplina: Formação inicial e continuada de professores). Experiência como professora substituta no IFTO campus Porto Nacional no Ensino Superior. Atuou no período de 6 anos como professora da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação não-formal, Educação de Jovens e Adultos. Foi conselheira Estadual na área das Artes Visuais do Estado do Tocantins. Tem experiência na área de Artes/Teatro, dança, performance e artes integradas. Foi Integrante de uma Residência Artística - PEMBA (Sesc Nacional). Escritora do E-book sobre Arte-Educação "Arte em todos os Encontros e Lugares", formadora de professores. Professora concursada da rede Estadual do Tocantins (2024).

Eduardo Ribeiro Gonçalves

Bacharel (IFTJC) e licenciado (PUC-GO) em Filosofia, bacharel em Teologia (IMD), especialista em Educação (UFT); Mestre em Filosofia (PROF-FILO/UFT); Professor de Educação Básica, da rede Estadual do Estado do Tocantins e Professor de filosofia no Instituto Mater Dei de Palmas-TO. Atualmente técnico de currículo de Filosofia e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Gerência de Currículo da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Tocantins. Padre Diocesano Incardinado na Arquidiocese de Palmas-TO, Pároco da Paróquia da Paróquia São Judas Tadeu. Diretor Espiritual da Pastoral Familiar no Regional Norte 3; Membro do Conselho Regional Norte 3 do ECC; Diretor Espiritual do ECC na Arquidiocese de Palmas; Membro do Conselho Arquidiocesano do ECC.

Fábio Pereira Vaz.

Licenciado em Letras – Português e Inglês pela Ceulp/ULBRA (2002). Especialista em Metodologia de Ensino e Linguagens pela Educon (2009). Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UFT (2020). Professor de carreira da SEDUC - Secretaria Estadual da Educação do Tocantins (desde 2003). Atuou em Palmeirópolis, como Professor Regente; Secretário, Coordenador Pedagógico e Financeiro (2005). Foi eleito Vereador (2005 a 2012) e Prefeito (2013 a 2020). Atualmente, exerce o cargo de Secretário de Estado da Educação (2021).

Jocyleia Santana dos Santos

Pós-doutorado em Educação/UEPA. Doutora em História/UFPE. Mestre em História/UFPE. Coordenadora do Polo Tocantins do Doutorado em Educação na Amazônia - Rede EDUCANORTE/PGDEA. Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Educação- PPGE/UFT. Coordenadora Local do Procad/Amazônia e Pesquisadora do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia: UEPA, UFRN e UFT (Procad/2018). Sócia da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped)/GT -2 -História da Educação. Membro e Avaliadora da Anped/Norte. Sócia da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Sócia da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Pesquisadora da Rede Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Docência na Educação Básica e Superior (Rides). Membro do Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (Forpred). Membro do Comitê Técnico-Científico da (CTC/UFT). É avaliadora ad-hoc da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, da Revista Histedbr On Line e da Revista OPSIS -UFG-Catalão-GO. Professora Titular/Catedrática da UFT. Tem experiência na gestão superior de cursos de graduação e programas de pós-graduação. Líder do grupo de pesquisa História, Historiografia, Fontes de Pesquisa em Educação pelo CNPq(2004). Tem experiência e atuação nos temas e na área de Educação, História, Ensino, História Oral, Memória e História, Cultura Escolar.

Luzani Cardoso Barros

Licenciada em Pedagogia (UNEB) e Letras Português e Espanhol (FABRAS). Mestre em Desenvolvimento Regional (UFT). cursou duas disciplinas no Programa de Doutorado em Desenvolvimento Regional (UFT). Especialista em Língua Portuguesa (Faculdades Integradas de Amparo - SP), Gestão Escolar (UFT), Tecnologias Educacionais (PUC - RJ), Avaliação Educacional (FASEC). Professora efetiva da SEDUC/TO, lotada na Superintendência Regional de Educação de Dianópolis - TO, na qual já desempenhou funções pedagógicas de supervisão e assessoria às escolas, e também formação das equipes diretiva e docente. Desde 2003 atua no Ensino Superior (Unitins) e atualmente é docente da Universidade da Maturidade /UFT Polo Dianópolis -TO e tutora EaD do Curso de Licenciatura em Matemática - UFT /UAB Polo Arraias -TO. Possui experiência na elaboração de itens para avaliação em larga escala, já tendo elaborado itens para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e outras instituições. Elabora e analisa material didático e paradidático. Membro da Comunidade Professor Autor (CPA) desde janeiro de 2021. Atua principalmente nos seguintes temas: Formação de Docentes, Projeto Político Pedagógico:

MEMÓRIAS E ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA AMAZÔNIA (volume 3)

elaboração e prática, Avaliação da aprendizagem e elaboração de itens para avaliação em larga escala.

Nádia Flausino Vieira Borges

Doutoranda em Educação na Amazônia, e Mestre em Educação pela UFT, Graduada em Pedagogia pela UFT, É Psicopedagoga Clínica; Especialista em Tecnologias Educacionais, Atendimento Educacional Especializado; Transtorno Específico da Aprendizagem; Tecnologia Assistiva; Docência no Ensino Superior; LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais: Tradução e interpretação; Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro Autista; Altas habilidades ou Superdotação. Possui experiência docente na educação básica da rede pública estadual de educação do Tocantins e municipal de Palmas, na Formação Inicial e Continuada de Professores, no Atendimento Educacional Especializado e na docência inclusiva. Atualmente é professora efetiva na SEDUC/TO.

Maria Socorro da Silva

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura e História da África, da Cultura e do Negro no Brasil (UFT). Especialista em Docência em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito. Graduada em Letras Vernáculas (UEFS). Professora formadora na Rede Municipal de Palmas. Professora na Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9775486387445724>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5590-6684>. E-mail: socorrosilvapalmas@gmail.com

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Professor Associado na Universidade Federal do Tocantins (UFT), leciona nos cursos de Educação Física e Psicologia. É também Coordenador e Professor Permanente do Mestrado Profissional em Educação Física e do Doutorado em Educação na Amazônia. Coordena o Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer e atua como Presidente da Editora Universitária da UFT (EdUFT). Participa como membro dos grupos de pesquisa GEPCE/Minorias (Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com minorias sociais nortistas amazônidas) e Healthy--BRA (HEALth, pHYsical activity and Behavior ReseArch). Atua no programa TO GRADUADO da UNITINS. Na UFT, foi Diretor Interino do Câmpus Universitário de Miracema (2021) e Vice-Diretor (2017-2021). Atuou como Assessor Técnico na rede TOPAMA (Ministério da Saúde e UFT, 2019-2023) e como Coordenador do Programa de Inovação Pedagógica (2020-2025). Entre 2015 e 2023, liderou o Centro de Pesquisas em Esporte e Lazer - Rede Cedes. Com experiência como bolsista Fiocruz (2016-2017) e bolsista de produtividade na UFT (2016-2020), foi coordenador dos cursos de Pedagogia (2015), Educação Física (2015-2017) e Educação Física na modalidade PARFOR (2016-2018). Exerceu a função de representante docente (2018-2022) e acumulou 12 anos de experiência na Educação Básica antes de ingressar no Ensino Superior em 2008. Seus principais campos de atuação incluem docência e gestão nas áreas de Educação e Saúde,

com foco em: Infâncias, Formação de Profissionais para a Docência, Estudos do Lazer, Educação Especial, Inclusiva e Adaptada, Gestão e Planejamento, Políticas Públicas em Saúde, Ciclos de Vida.

Sandra Franklin Rocha Viana Spies.

Licenciada em Letras - Português e Inglês pela Unitins (1995). Especialista em Ciências da Comunicação pela ULBRA (1999). Mestra em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (2017). Professora de carreira da SEDUC - Secretaria Estadual da Educação do Tocantins (2000), exerceu diversos cargos da gestão pública, coordenou importantes programas e projetos. Além da experiência em gestão educacional, pesquisa sobre Alfabetização Científica na Educação Básica e sobre geracionalidade na perspectiva de diminuir o bullying nas escolas públicas. Atualmente, exerce o cargo de Assessora do Gabinete do Secretário da SEDUC/TO. Conselheira do Conselho Estadual de Educação - CEE/TO pelos biênios de 2021-2023 e 2024-2026. Conselheira do Conselho Estadual de Educação Indígena pelo quadriênio de 2020-2026 e Coordenadora Geral do Fórum Estadual de Educação - FEE/TO pelos biênios de 2021/2023 e 2024/2026.

Stéphany Moraes Martins

Entusiasta pela educação, sou apaixonada por aprender e ajudar aqueles que também buscam aprendizado, amo tecnologia e me divirto bastante ao me debruçar sobre seus processos de evolução e transformação do nosso cotidiano, por isso me graduei em Sistemas de Informação (CEULP/ULBRA) e me aperfeiçoei ao me tornar Mestre em Computação (UFRN), ampliei horizontes, impulsionada pelo trabalho como professora e me especializei em Processos Educacionais Inovadores (UniCatólica/TO). Atualmente desenvolvo ações de Coordenação de Curso de Graduação, por exemplo: atendimento e acompanhamento do desempenho estudantil, avaliação de discentes e docentes, planejamento e líder em Currículo de Graduação Inovadores, Planejamento para o uso de Tecnologias no processo de ensino aprendizagem, exerço a liderança com equipes de docentes envolvendo ações, por exemplo, de acompanhamento, treinamento e reflexão/ação da prática pedagógica. Possuo experiência na área de Ciência da Computação, atuando nas modalidades presencial e EaD, principalmente nos seguintes áreas: Sistemas Distribuídos, Segurança e Auditoria de Sistemas, Redes de Computadores e Sistemas Operacionais, Gerenciamento de Processos de Negócios, Projetos Integradores, Inovação e Empreendedorismo e Metodologias Ágeis. Atuo ainda como Avaliadora do Ministério da Educação (INEP/MEC).

Tatiana Costa Martins

Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2003). Experiência na área da Educação, com ênfase em Orientação Educacional. Pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Tocantins (2008). Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (2015/2016). Experiência profissional na docência no Ensino Fundamental; Experiência profissional na formação continuada de professores da

